ISER

PESQUISA

Mulheres evangélicas, política e cotidiano

RELATÓRIO 2024

ISER

Mulheres evangélicas, política e cotidiano | 2024

Diretora Executiva
Ana Carolina Evangelista

Diretor Executivo Adjunto
Clemir Fernandes

Diretora de Operações
Luna Rozenbaum

Diretor de Programas
Ronilso Pacheco da Silva

Diretora de Desenvolvimento Institucional
Moema Salgado

Coordenação Acadêmica
Regina Novaes

Coordenação
Lívia Reis
Nina Rosas

Pesquisa
Brenda Souza
Jordhanna Cavalcante
Hanna Motta
Laryssa Owsiany
Letícia Sales
Lívia Reis
Nina Rosas
Magali Cunha
Rafaella Console

Redação
Nina Rosas

Revisão
Paulo Roberto Salles Garcia

Projeto gráfico
Amanda Lopes

Assistência editorial
Lucas Bártolo

ISER - Instituto de Estudos da Religião
Av. Pres. Vargas, 502. Pav. 16
20071-000 | Rio de Janeiro, RJ
iser@iser.org.br
www.iser.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M956 Mulheres evangélicas, política e cotidiano – 2024 / Coordenadoras Lívia Reis, Nina Rosas. – Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Estudos da Religião, 2025.

ISBN 978-65-5278-183-3

1. Mulheres cristãs. 2. Mulheres na política – Brasil. 3. Religião. 4. Vida cristã. I. Reis, Lívia. II. Rosas, Nina.

CDD 248.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Sumário

Apresentação 5

Metodologia 9

1. Perfil das mulheres entrevistadas 10

2.Envolvimento e participação na/da igreja 16

As mulheres e suas igrejas 16

As igrejas, o contexto social e as relações com o Estado 23

3.Engajamento político e comportamento eleitoral das evangélicas 31

O voto em Bolsonaro 31

Sentimentos envolvendo as eleições 36

Comportamento eleitoral e determinantes do voto evangélico 40

Imagens das candidaturas e suas correspondências 48

4.Percepções sobre economia, meio ambiente e sociedade 53

Racismo religioso 57

5.Questões de gênero, família e educação 65

Aborto 66

Abuso sexual 70

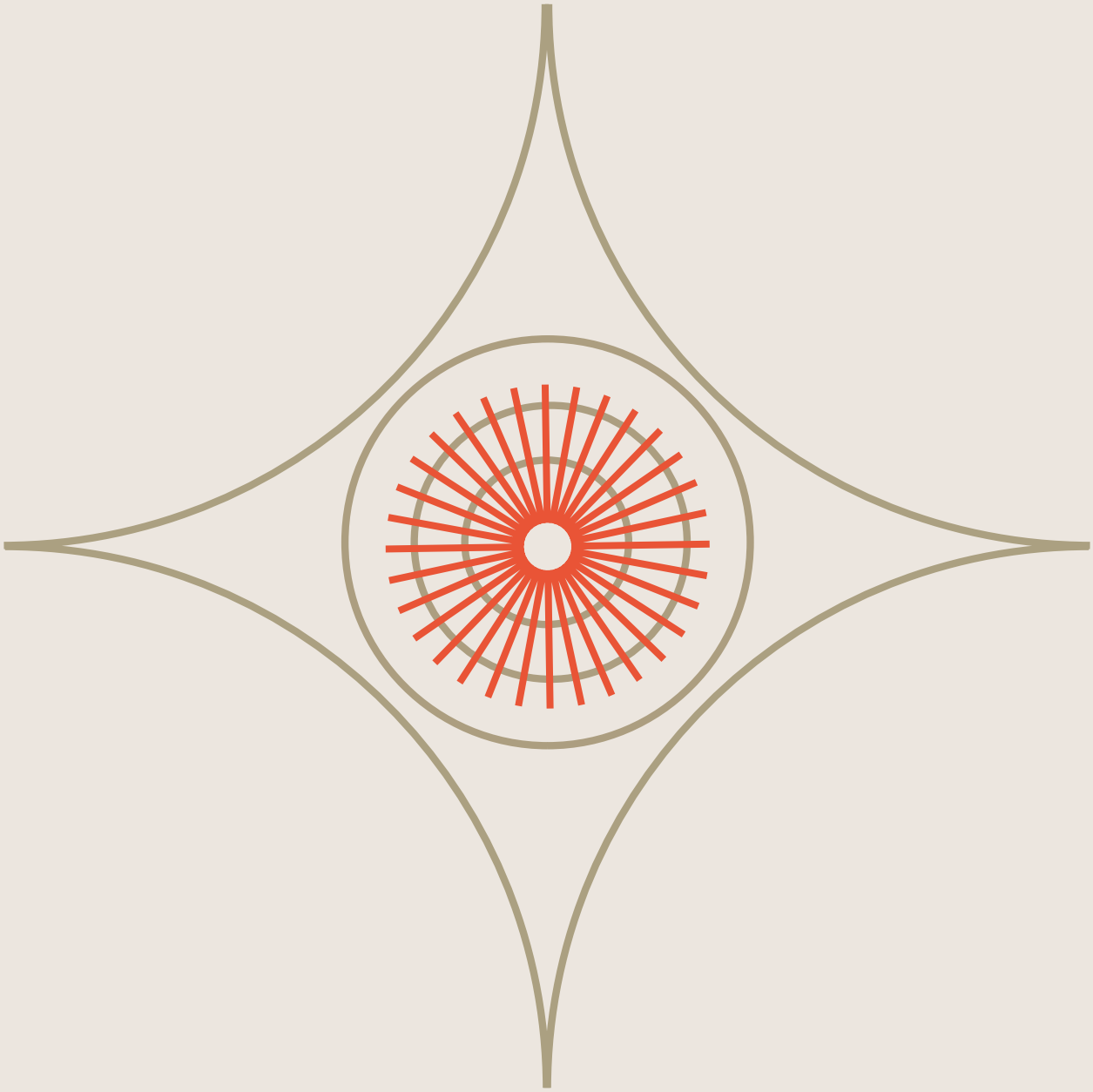
"Ideologia de gênero" 77

Homossexualidade 80

O universo heteronormativo 82

6.Uso das mídias e perspectivas de futuro 95

Projeções e sonhos 97



Apresentação

A presente publicação tem como objetivo divulgar os resultados obtidos na terceira etapa da pesquisa *Mulheres evangélicas, política e cotidiano*, realizada no âmbito do ISER, com início em 2022 e continuidade em 2023. A etapa de 2024 contou com a coordenação e a participação de Lívia Reis e Nina Rosas e com o trabalho qualificado das pesquisadoras Brenda Souza, Jordhanna Cavalcante, Hanna Motta, Laryssa Owsiany, Letícia Sales, Magali Cunha e Rafaella Console, todas autoras de ricos relatórios parciais que deram origem ao presente Relatório Final, elaborado por Nina Rosas.

A coleta de dados aconteceu entre 22 de julho e 7 de agosto de 2024 e foi realizada por meio de 15 encontros remotos, cada um composto por três mulheres evangélicas e uma pesquisadora encarregada de propor questões e incentivar a interlocução entre as participantes. O roteiro dos anos anteriores, com pequenas modificações, foi mantido e abordou os seguintes temas: vivências religiosas, comportamento eleitoral, engajamento social e político a partir das igrejas e uso das mídias. A partir desses temas, buscou-se apreender valores, percepções sobre gênero, questões econômicas, ambientais e, ainda, perspectivas de futuro.

O universo da pesquisa foi composto por 46 mulheres de idades, regiões e denominações evangélicas. As nove pesquisadoras conduziram, de forma on-line, os encontros (tríades) que duraram cerca de duas horas. Nessa terceira etapa inaugurou-se um banco de dados que reuniu informações sociodemográficas e denominacionais, obtidas por meio de um questionário de recrutamento e durante as entrevistas. Esse tratamento das informações, somado ao conteúdo das interlocuções entre as participantes, permitiu a identificação de frequências, distribuições e associações, bem como o cruzamento de diversas variáveis de interesse (como idade, raça, estado civil etc.). Nesse sentido, vale a pena conferir e apreciar os gráficos que expõem percepções e opiniões recolhidas. Tal sequência de expedientes metodológicos forneceu os parâmetros da análise apresentada neste relatório.

De maneira geral podemos dizer que muitos dos achados dessa etapa da pesquisa corroboram tendências identificadas em etapas anteriores. Como,

por exemplo, a importância (como recurso espiritual e societário) das redes de igrejas que atravessam o cotidiano das mulheres das classes populares. Ou, também como exemplo, o fato de o voto em Bolsonaro continuar sendo assumido pela maioria das mulheres entrevistadas. Contudo, no conjunto das análises e comparações realizadas, dois aspectos merecem destaque nesta terceira etapa da pesquisa.

O primeiro destaque se relaciona ao modo como as mulheres evangélicas utilizam os aparatos comunicacionais (Instagram, WhatsApp, YouTube Facebook etc.). Pode-se ouvir músicas de louvor, assistir cultos e pregações e, ainda, seguir cantores, pastores, missionários, políticos e outras figuras públicas nas mídias e redes sociais digitais. Nos grupos de igreja organizados no WhatsApp, compartilha-se conteúdo religioso (orações, versículos e estudos bíblicos, músicas e programações das igrejas), enquanto o conteúdo político se concentra mais no período eleitoral. Sendo assim, a detalhada análise sobre o uso dos meios digitais contida no presente relatório reafirma a impossibilidade de compreender o pertencimento religioso no mundo atual sem considerar a integração entre o que se passa nos territórios e o que se passa nas redes.

Por outro lado, o segundo destaque, de certa maneira, relativiza a ideia de que as mensagens religiosas conservadoras que circulam nas redes sejam totalmente absorvidas por todas as mulheres evangélicas. Vejamos algumas respostas dadas a perguntas sobre sonhos para si e para o Brasil. O mais comum nas falas das entrevistadas foram as expressões: "um país melhor", "um país desenvolvido", "uma vida digna" (muitas vezes, mencionava-se "para todos"), "um futuro melhor para meus filhos". Houve também quem dissesse: "Meu sonho no Brasil é acabar a desigualdade social [...]" ou "Eu tenho um sonho com o mundo melhor". Contudo, no mesmo relatório pode-se ler que, entre esses e outros sonhos, "ninguém fez referência a um Brasil evangélico", bordão bastante acionado nessa espécie de guerra espiritual que nos últimos anos ganhou lugar no espaço público de nosso país. Portanto, para além das maiorias estatísticas, temos muito mais a pesquisar sobre a diferenciação existente entre mulheres evangélicas. Ou seja, para melhor compreender esse universo é necessário apreender sobre quais conjugações de fatores favorecem ou dificultam a recepção de mensagens que as aproximam do universo conservador, a um só tempo religioso e político.

Aprendemos muito nessas três rodadas. Uma quarta etapa dessa mesma pesquisa exigirá mais um passo que nos permita não só desnaturalizar diagnósticos que não consideram a política do cotidiano presente na vida das mulheres evangélicas, mas também compreender mais e evidenciar ambivalências e diferenciações em seus percursos religiosos e políticos. Ao desfatalizar as tendencias atuais, poderemos conhecer mais sobre as contracorrentes presentes nos processos sociais em curso.

Boa leitura!
Rio de Janeiro, junho de 2025

Regina Novaes
Coordenação acadêmica do ISER

Metodologia da pesquisa

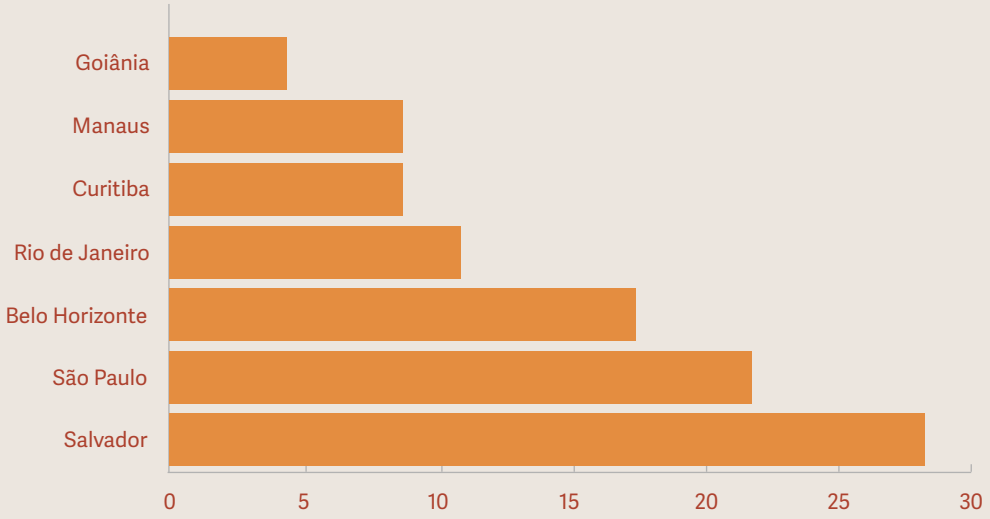
A pesquisa Mulheres evangélicas, política e cotidiano vem sendo conduzida pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER) em 2022, 2023 e 2024. São entrevistadas, a cada ano, 45 mulheres, em média, de classes, idades, regiões e denominações evangélicas variadas. A unidade de coleta de dados são tríades (conversas com três pessoas ao mesmo tempo), e o roteiro das entrevistas está estruturado de modo a compreender as vivências religiosas dessas pessoas, seu comportamento eleitoral, o engajamento social e político delas e de suas igrejas, além de percepções sobre questões econômicas, ambientais e de gênero. A captação de opiniões, valores e representações também passa por perspectivas de futuro e uso de mídias. O roteiro apresenta pequenas variações ao longo dos anos, com vistas a permitir comparabilidade sem deixar de ser sensível a questões sociais mais recentes.

A coleta de dados da rodada de 2024 ocorreu entre 22 de julho e 7 de agosto. Nove pesquisadoras conduziram entrevistas on-line com 46 mulheres. As tríades duraram cerca de duas horas. Criou-se um banco de dados com informações sociodemográficas e denominacionais, obtidas por meio de questionário de recrutamento e também durante as entrevistas. A partir dele, elaboraram-se estatísticas descritivas com vistas à apresentação de frequências, distribuições e associações a partir do cruzamento de diversas variáveis de interesse, como idade, raça, estado civil etc. Após a transcrição dos diálogos das entrevistas, seguiu-se com a codificação dos dados. Foram feitas leitura linha a linha do material, codificação de temas prevalentes e posterior criação de códigos categoriais (categorias mais complexas) e redes semânticas (redes de significado). Com base em 1.688 excertos codificados no material bruto, exploraram-se 118 códigos temáticos. Os parâmetros de análise adotados partiram da teoria fundamentada, que preconiza que as teorizações tenham forte ancoragem nos dados. A análise, concluída em 3 de setembro de 2024, é apresentada neste relatório.

1. Perfil das mulheres entrevistadas

A amostra de mulheres selecionadas para as tríades é 100% composta de residentes de regiões urbanas, mais especificamente grandes capitais do Brasil. Cinquenta por cento delas são oriundas do Sudeste. Abaixo, segue a distribuição percentual das participantes por cidades.

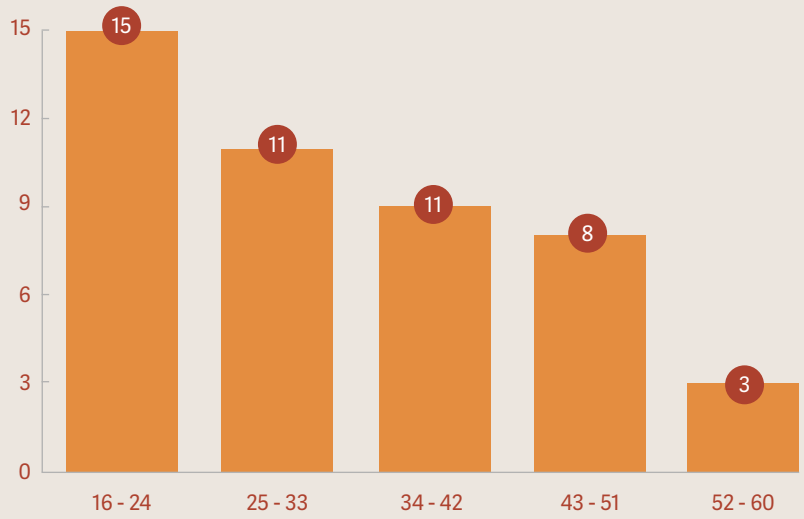
Gráfico 1. Cidade de residência



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Acompanhando a edição da pesquisa em anos anteriores (2022 e 2023), foi dado enfoque à categoria "idade". Compreendida como um importante indicador (marcador social) de geração, ela pode, assim, fazer referência a diferentes estilos de vida e possibilidades de escolha. Cerca de 56% das mulheres entrevistadas estavam entre 16 e 33 anos, e outras 33% se encontravam em faixas etárias superiores (até 51 anos) (ver gráfico 2). Essa distribuição se aproxima da observada em pesquisa do Instituto DataFolha realizada em 2020, que considerou que 40% do grupo de evangélicos se concentravam entre 16 e 34 anos, e 45% tinham entre 35 e 59 anos.

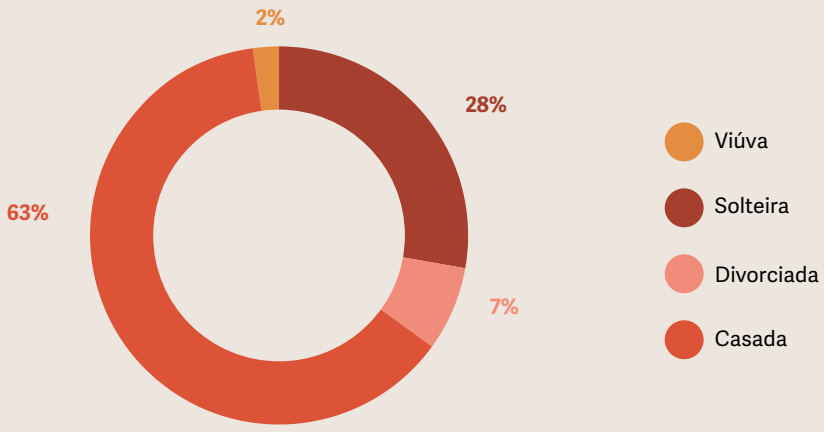
Gráfico 2. Distribuição por faixa etária



Fonte: Dados de pesquisa (2024)

Mais de 60% das entrevistadas se declararam solteiras no momento da entrevista, o que pode ser esperado, tendo em vista o perfil etário prevalente na amostra. Essa incidência foi menor nos demais estratos (cinco, entre 25 e 33 anos; seis, entre 34 e 42 anos; e três, entre 43 e 51 anos). Não houve nenhuma mulher casada entre aquelas que tinham de 16 a 24 anos, mas isso foi encontrado em todas as demais faixas etárias, sem prevalência expressiva em nenhuma delas. As mulheres casadas representaram 28% da amostra (o gráfico 3 a seguir detalha esses números).

Gráfico 3. Estado civil

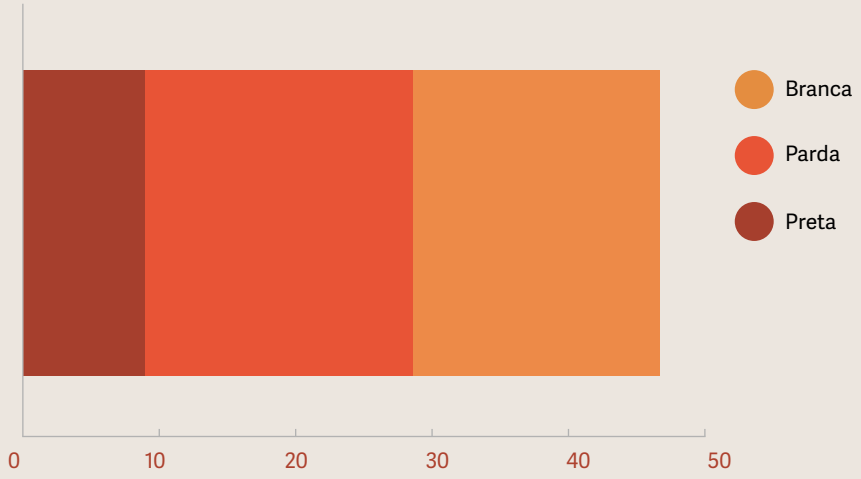


Fonte: Dados de pesquisa (2024)

A pesquisa também revelou, assim como em 2023, que 41,3% das mulheres não têm filhos. A idade pode ser aventada como fator explicativo da menor taxa de participação delas na reprodução social, mas o estado civil, não. Mais da metade da amostra das solteiras é mãe, oito delas com um ou dois filhos, e apenas cinco, com três ou mais filhos. Entre as que informaram dados sobre a composição de pessoas dentro do domicílio, 13 relataram morar com marido, filhos e, em apenas dois casos, mãe/sogra. As jovens solteiras parecem residir com um ou mais responsáveis e coabitantes, e não sozinhas. Portanto, não é possível afirmar, com base nos dados, que a amostra é composta por residências superpovoadas, mas há indícios de que boa parte das moradias sejam constituídas em torno de três ou quatro integrantes, dado que 14 das entrevistadas tinham dois ou mais filhos.

A amostra apresenta 60,8% de mulheres negras, das quais 19,5% pretas, e o restante, pardas. Esse percentual é praticamente idêntico ao apontado pelo levantamento do DataFolha como correspondente ao perfil do grupo de evangélicos, composto por 59% de negros. Por sua vez, a proporção de pessoas brancas é, de igual modo, fiel à referida representação, como mostra o gráfico 4.

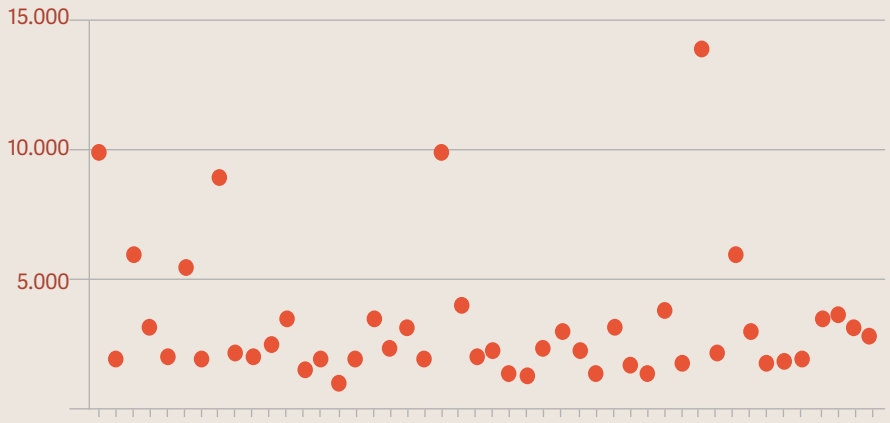
Gráfico 4. Perfil racial



Fonte: Dados de pesquisa (2024)

Quase todas as mulheres entrevistadas (39) informaram renda familiar mensal de até três salários mínimos. O valor é semelhante ao de 69% dos evangélicos, conforme a pesquisa do DataFolha. Como é importante considerar indicadores quantitativos de bem-estar social e ativos que possam qualificar a qualidade de vida, na presente pesquisa aspectos ligados à percepção das entrevistadas sobre a situação do país nos últimos anos, bem como o modo como avaliam o atual governo de Luís Inácio Lula da Silva, podem ser bons ilustrativos. Na seção "Percepções econômicas, ambientais, sociais e religiosas das entrevistadas" serão identificadas dificuldades enfrentadas pelas mulheres para adquirir itens de primeira necessidade, como alimentos e gás de cozinha. Ademais, cumpre salientar que o valor de rendimento familiar que mais aparece segundo a narrativa das mulheres é de R$ 2.000,00, condizente com a concentração apresentada no gráfico 5 (os dados de renda não apresentam distribuição simétrica ou normal).

Gráfico 5. Renda Familiar



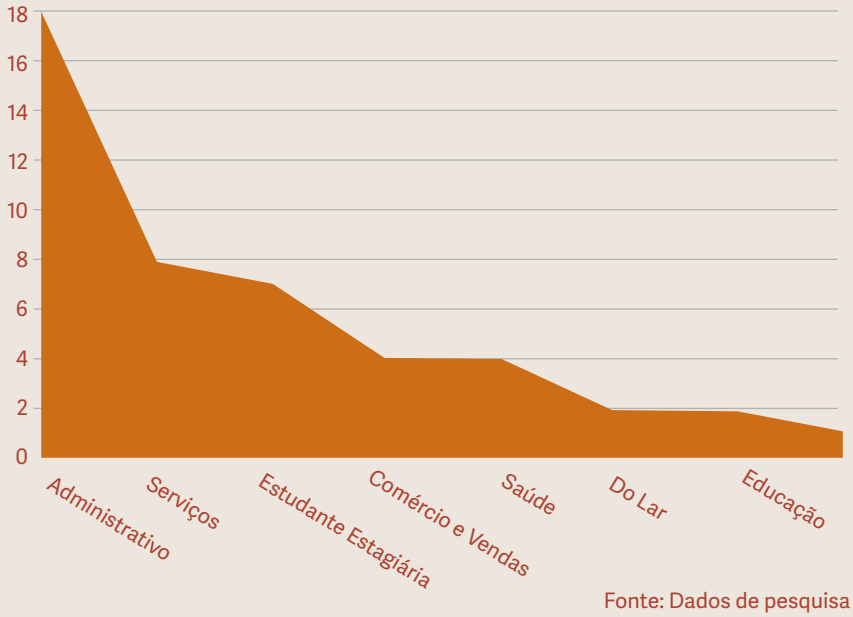
Fonte: Dados de pesquisa (2024)

O valor declarado por elas como a renda familiar está próximo do rendimento médio per capita estimado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2023, qual seja, de R$ 1.893,00. Isso pode levar a duas interpretações não mutuamente excludentes. A primeira é que possível que tenham informado a renda pessoal como equivalente à familiar, seja em função de se confundirem com a pergunta, seja a fim de pularem o exercício de somatório da renda para facilitar a declaração. Por sua vez, a outra interpretação pode estar relacionada ao fato de que as mulheres dividam os domicílios com indivíduos sem contribuições financeiras significativas ou não tenham qualquer rendimento, sendo elas, portanto, as principais responsáveis pelo provimento financeiro.

Triangulado com o relato da maioria das entrevistadas de que colaboram com as despesas da residência (não deixando apenas a cargo dos maridos, por exemplo), como se verá adiante, pode-se afirmar que a amostra trata sobretudo de mulheres que compõem famílias pobres. Ademais, a média da renda familiar, retirando-se os valores atípicos (isto é, calculando-se todos iguais ou inferiores a R$ 4.000,00), é de R$ 2.379,49, valor ainda abaixo do índice do rendimento médio real da população brasileira (com rendimento, a preços médios do ano) de 2023, qual seja, de R$ 2.846,00.

Os dados de rendimentos, ainda que correspondam ao total obtido pela família, são compatíveis com as ocupações prevalentes entre as mulheres da amostra. A maioria das entrevistadas ocupa posições como de assistente administrativa, operadora de telemarketing e secretária. A segunda maior atividade exercida e classificada como “serviços” inclui pequenos negócios geridos por elas (ambulante, confeitaria, manicure) e trabalhos como diarista e doméstica. O terceiro maior grupo é o de estudantes, o que é compatível com o percentual de pessoas jovens da amostra (vide composições do gráfico 6).

Gráfico 6. Ocupações



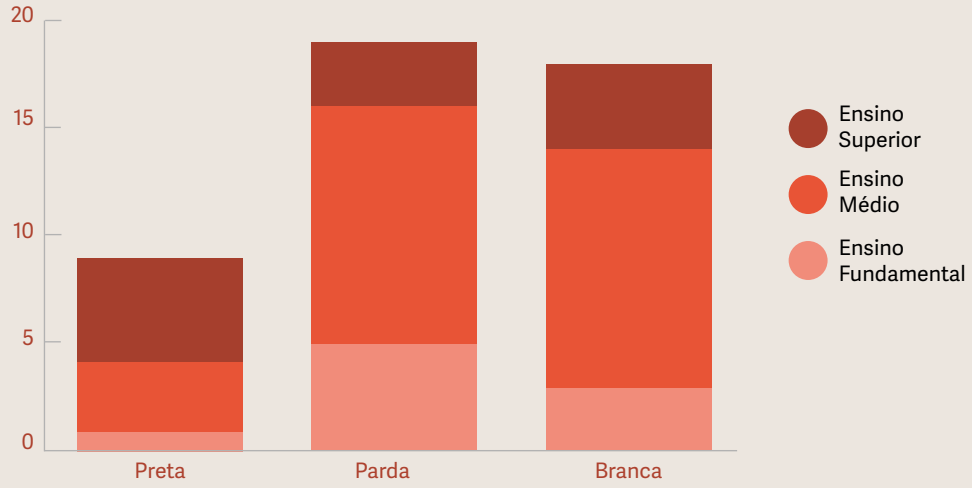
Fonte: Dados de pesquisa (2024)

O grau de escolaridade concluído que prevalece entre as entrevistadas é o Ensino Médio (54,3% da amostra), de modo equivalente ao que se registrou na pesquisa de 2023. Trata-se de proporção bastante aproximada da observada pelo Instituto DataFolha, que estimou que 49% dos evangélicos tinham alcançado esse mesmo estágio de formação escolar. Algumas das mulheres entrevistadas tinham o Ensino Superior em curso. No cruzamento por idade, é notória a prevalência de Nível Médio entre pessoas de 16 a 24 anos, em função de ser essa a faixa etária esperada para a conclusão regular de tal ciclo da Educação Básica. Contudo, entre 25 e 33 anos, o nível de escolaridade com maior incidência continuou sendo o Ensino Médio, o que pode representar certa dificuldade de ingresso no Ensino Superior, ou Superior em curso. Entre 34 e 42 anos, observa-se predomínio do Ensino Superior, mas essa proporção decresce nos estratos etários acima.

Embora as mulheres pretas sejam apenas 19,5% da amostra (nove entrevistadas), 10,8%, ou seja, mais da metade, tem Ensino Superior completo, destoando dos achados da pesquisa de 2023. Entre pardas e

brancas, predomina, como grau máximo da escolaridade alcançada, o Ensino Médio, com uma incidência pouco maior de pessoas na categoria Ensino Fundamental (em comparação ao Ensino Superior) para mulheres pardas, e o inverso para as brancas, conforme ilustra o gráfico abaixo.

Gráfico 7. Grau de escolaridade



Fonte: Dados de pesquisa (2024)

2. Envolvimento e participação na/da igreja

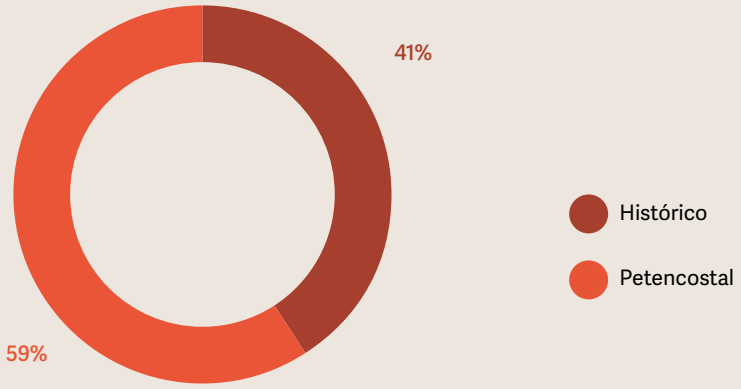
As mulheres e suas igrejas

Segundo os dados do Censo de 2010 do IBGE, 60% dos evangélicos do Brasil eram, à época, pentecostais. A amostra das mulheres guarda a mesma proporção (59%). Entre o grupo, registram-se algumas das denominações mais prevalentes no Censo, como a Assembleia de Deus, que reúne o maior contingente de fiéis evangélicos brasileiros em números absolutos.

As religiosas não pentecostais foram classificadas como vinculadas a igrejas de origem histórica. No entanto, esse dado não pode ser comparado àqueles do levantamento do IBGE que fazem referência ao protestantismo

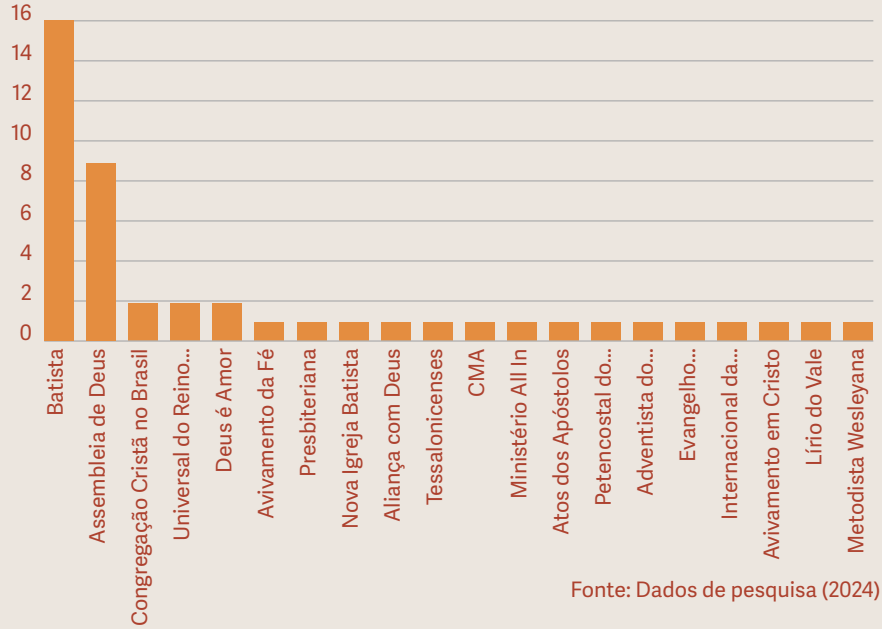
de missão (18,5% dos evangélicos) ou à categoria "evangélicos não determinados" (21,8% do grupo), pois decorrem da preponderância da denominação batista entre as declarações. As igrejas batistas são conhecidas pelo processo de pentecostalização, isto é, adoção, em maior ou menor medida (dependendo da agremiação local), de uma série de características tipicamente associadas às igrejas pentecostais, como crença em milagres sobrenaturais e expressão de profecias, línguas estranhas e outras manifestações atribuídas ao Espírito Santo. Ademais, a variedade teológico-doutrinária entre os batistas é imensa, dificultando a operação de uma classificação mais precisa. Os Gráficos 8 e 9 apresentam respectivamente os ramos evangélicos a que pertencem as entrevistadas e as denominações correspondentes. Trata-se também do que é chamado de "renovação", que deu origem à categoria "históricas renovadas", para fazer referência a igrejas decorrentes dos movimentos avivalistas dos anos de 1960 em diante. Tais categorias vêm sendo operadas em pesquisas variadas desde o final da década de 1990.

Gráfico 8. Ramo evangélico



Fonte: Dados de pesquisa (2024)

Gráfico 9. Perfil racial



Fonte: Dados de pesquisa (2024)

Um pouco mais da metade das participantes nasceu no que é chamado "lar evangélico", ou seja, residências constituídas por pessoas que professam essa religião. A maior influência é de mães e avós, mas pais também apareceram nas narrativas. Mesmo para aquelas que foram socializadas no evangelicalismo desde pequenas, a conversão é vista como um dos marcos do que consideram como estar "firmes" na fé (essa categoria apareceu ao menos cinco vezes durante as entrevistas). O desengajamento institucional é relatado por diversas das mulheres como algo comum no período da adolescência/juventude, em que são registrados eventuais afastamentos do ambiente eclesiástico (a categoria êmica é "estar desviada").

Pelo menos[7] 19 das entrevistadas relataram ter passado pela mudança de religião. A quase totalidade delas se autoidentificava antes como católica e se aproximou da igreja evangélica principalmente em função de

7. A expressão "pelo menos", utilizada aqui e doravante, é uma escolha metodológica decorrente de duas limitações: 1) em nem todas as tríades foram realizadas todas as perguntas; 2) nem sempre os registros de fala das entrevistadas traziam as narrativas das três participantes (em determinados momentos, pela ausência de interesse de manifestação de alguma delas). Portanto, quando for importante a citação numérica, será sinalizado que há evidência de, no mínimo, o quantitativo apresentado, ainda que não se possa precisá-lo com completa exatidão. As porcentagens demonstradas nos dados qualitativos se deram ora com o total de respondentes esperado (46), ora fixando o denominador no total de respostas obtidas com determinada pergunta.

algum/a amigo/a ter feito o convite para que pudesse conhecer. Vizinhos e familiares também apareceram nos depoimentos como intermediadores entre as mulheres e o novo universo religioso. O espiritismo e as religiões afro-brasileiras, como o Candomblé, também foram mencionados como pertencimentos de origem, mas em número muito pequeno. Uma razão importante que as mulheres deram para conhecer outra religião foram as dificuldades enfrentadas em seus cotidianos. Foi bem comum, entre as narrativas, o registro de que nem todas as pessoas com as quais dividem o domicílio as acompanham à igreja.

Quase todas as participantes atestaram ter transitado por outras denominações evangélicas que não a que estão atualmente vinculadas e que isso não significou constrangimento. Elas entendiam se tratar da mesma fé, apenas buscavam por agremiações que estivessem mais adequadas a seus interesses. Algumas, por exemplo, permaneceram frequentando as igrejas de seus pais, já outras atribuíram a mudança a eventuais decepções com determinada comunidade (como se verá a seguir).

A maioria das entrevistadas frequenta a igreja duas vezes por semana, normalmente às quartas-feiras e aos domingos; outras vão um dia a mais. Para muitas (pelo menos 11), o compromisso eclesial, além do culto principal (que ocorre aos domingos), acontece nas casas dos membros, e se trata de uma reunião conhecida como "célula". Algumas relatam o desejo de participar mais das atividades da igreja, mas registram como impeditivos as rotinas profissionais ou estudantis. Várias não apresentam funções ministeriais, isto é, não estão inseridas em cargos de liderança dentro das comunidades de fé. Ainda assim, o número das que vão à igreja apenas uma vez por semana é baixo, semelhantemente ao daquelas que registram participar de atividades cinco vezes na semana ou mais.

Embora o registro de frequência religiosa não seja tão alto, é possível que as mulheres não estivessem contabilizando as idas ao templo, suas adjacências ou outros espaços para participar de atividades religiosas que não o culto. Isso porque narraram o envolvimento em inúmeras frentes, com destaque para a atuação no trabalho com crianças (oito

entrevistadas), danças e/ou teatro (seis entrevistadas) e música (louvor, coral e orquestra – seis entrevistadas). Ainda que em menor incidência, houve também relatos de atuação no evangelismo, em grupo de jovens, em visitas a presídios e hospitais, nas referidas "células", em grupos de casal e de oração, além de tarefas de ação social, como distribuição de sopas e cestas básicas. Apenas uma mulher contou que cuidava da limpeza da igreja.

O envolvimento nesses "ministérios" (termo teológico para "serviços") é um dos fatores que permite que as mulheres transitem por diferentes igrejas dentro da mesma denominação ou possam ir até alguma outra. Mas, o que mais as faz ir às igrejas são os seguintes fatores (em ordem de importância): 1) possibilidade de ouvir e aprender sobre a "Palavra" de Deus por meio de pregações; 2) encontro com Deus e o "sentir sua presença"; 3) comunhão com os irmãos de fé; 4) contato com músicas (louvores) e orações, considerados por elas instrumentos fortalecedores do espírito; e 5) sentimento de paz. Não obstante, há nas narrativas registro de que o evangelicalismo foi a forma de elas enfrentarem suas dificuldades, como o que se segue. Importa destacar que, como procedimento ético-metodológico, todos os excertos de fala citados neste documento foram anonimizados.

> Depois de um percurso muito grande, tive experiências grandiosas com o Senhor. O Senhor teve misericórdia pela vida do meu filho, de 25 anos, pelas escolhas erradas que eu fiz. O Senhor me resgatou do fundo do poço, me deu um banho de misericórdia. Quando você já teve uma experiência com o Senhor, você sabe aonde voltar. Às vezes você não tem força, mas você sabe como voltar. [...] A igreja, ela é assim. O conserto ele começa de cima para baixo, em muitas pessoas que estão em cima, desconcertadas, e lá embaixo, na nave da igreja, é como se fosse um monte de passarinho com a boquinha aberta. Ali o Senhor se revelou na Congregação [Cristã no Brasil] pra mim, né, eu cheguei com a vida totalmente destruída, totalmente destruída do

> fundo, do fundo do poço. Com o Senhor, quando eu cheguei, eu cheguei, e ali o Senhor teve misericórdia da minha alma, resgatou a minha vida, resgatou a minha casa, me deu uma casa, me deu a minha filha. Achou que era tempo certo. Porque o Senhor, Ele não vai nos abençoar pra que a nossa bênção se torne maldição. A gente, pra cuidar daquilo que o Senhor nos abençoou, a gente tem que ter estrutura. Porque senão a gente acaba perdendo. E Ele me estruturou, me deu minha casa, restaurou a minha vida, me libertou, sabe? Ele me abençoou.
> *L., 47 anos, divorciada, branca, Igreja Congregação Cristã no Brasil, São Paulo*

O que as mulheres dizem mais gostar em suas comunidades religiosas é da rede de relações, a dita comunhão. Mas a ausência dela, a falta de união, a maledicência dos irmãos de fé e a inexistência do acolhimento esperado também constituem os motivos que as afastam de determinado agrupamento. Apenas duas entrevistadas disseram se incomodar com os pedidos de ofertas financeiras por parte dos pastores. Nenhuma delas era de igreja considerada neopentecostal; uma era filiada à Batista, e outra, à Assembleia de Deus.

Seguem alguns relatos das mulheres sobre suas insatisfações.

> Na minha antiga igreja, o Avivamento da Fé, não tinha tanta comunhão assim. Eu via as pessoas muito distantes umas das outras. Então, quando eu entrei para a [Igreja] Quadrangular, eu senti isso e foi o que me fez ficar lá. Esse ato de paixão pelas pessoas, esse carinho que as pessoas estão tendo comigo na [Igreja] Quadrangular, isso foi o que mais me faz ficar na igreja, esse é um dos motivos de eu ter escolhido essa igreja.
> *M., 19 anos, solteira, branca, Igreja do Evangelho Quadrangular, São Paulo*

Eu vejo, assim, que as pessoas, mesmo dentro do âmbito espiritual da igreja, as pessoas não torcem mesmo umas pelas outras, né? Às vezes, as pessoas querem te ver bem. Tem um ditado aí, até um meme da internet, que diz que as pessoas querem te ver bem, mas não melhor que elas. E realmente existe isso, infelizmente, né? A Bíblia diz que a nossa guerra não é contra a carne nem contra o sangue, mas contra os principados e potestades do inferno. Porém, as pessoas esquecem, ignoram, e acabam guerreando umas entre as outras .
M., 47 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Curitiba

Eu digo que eu tenho um filho, e ele, na época, meu filho, ele foi abusado, foi difícil pra mim, foi difícil pra ele, e assim, eu não achei apoio da igreja. Consegui em outra igreja um atendimento psicólogo, mas, só porque não era pago, eu não pude dar continuidade. Na verdade, eu consegui algumas cortesias, sabe? E eu achei isso, assim, um absurdo, porque, assim, é uma igreja, né, que não atendesse, tivesse uma vez no mês, atendesse aquele povo, né, que está necessitando, e não tem, não tem.
M., 42 anos, solteira, branca, Igreja Batista, Salvador

Eu tive uma experiência, há uns anos atrás, uma situação que estava muito delicada. E eu bati na porta da igreja e não obtive aquilo que eu precisava naquele momento. E foi ali que foi o tratamento de Deus comigo, para mim quebrar aquele tabu. E eu atravessei a rua, sabe onde eu fui parar? No centro kardecista. Então, a bondade não está na Congregação [Cristã no Brasil], na [Igreja] Quadrangular, não, não está. Está em Cristo, está no nosso coração .
L., 47 anos, divorciada, branca, Igreja Congregação Cristã no Brasil, São Paulo.

Das 46 entrevistadas, cinco relataram que a pandemia de Covid-19 impactou suas igrejas, diminuindo o número de fiéis e tornando as pessoas um pouco menos afetivas umas com as outras em função do distanciamento requerido para evitar a contaminação com a doença.

Sobre as disciplinas adotadas pelas mulheres no exercício da fé individual (que caracterizam o momento de "devocional"), as duas atividades mais prevalentes foram a oração e o ouvir louvores, citadas 18 e 21 vezes, respectivamente, seguidas da leitura da Bíblia (13 vezes). Para pelo menos 11 entrevistadas, as tecnologias digitais, como plataformas e redes sociais, além de outras mídias (rádio e televisão, por exemplo), apareceram como instrumentos de inserção da espiritualidade no cotidiano. Por outro lado, oito participantes disseram não conseguir manter uma rotina de busca pessoal. Duas narraram que as campanhas organizadas pelas igrejas ajudam; a devocional seria, assim, realizada no momento dos encontros coletivos. A falta de tempo foi a justificativa dada para a ausência de "devocional", que, ao não ser feita, lhes gera autocobrança e culpa. Embora não citado pela maioria, mencionou-se também o celular como uma distração indesejada.

As igrejas, o contexto social e as relações com o Estado

Questionadas sobre o envolvimento das igrejas com os problemas práticos da cidade onde vivem, as entrevistadas narraram, em uníssono, as frentes de ação social desempenhadas pelas comunidades de fé. As atividades mais mencionadas foram arrecadação e distribuição de itens de primeira necessidade, como alimentos/refeições (incluindo cestas básicas), botijões de gás e produtos de higiene pessoal. Roupas também estavam na lista, podendo ser doadas, como no caso dos agasalhos em épocas de frio, ou vendidas a preços módicos em bazares – nesse caso, a arrecadação de recursos se destinaria para financiar outra assistência da igreja ou para auxiliar os membros mais carentes.

As mulheres também salientaram iniciativas de cunho educacional. Foi citado que as igrejas promovem cursos e oficinas de profissionalização (como

de corte e costura, culinária e sobrancelha), musicalização e atividades esportivas (muitas direcionadas a jovens, que também recebem palestras), além da assistência a pessoas em situação de rua e de dependência pelo consumo de drogas. Soma-se também o auxílio a crianças vulneráveis, e em algumas das agremiações, por meio do apadrinhamento (ajuda financeira e estabelecimento de vínculo afetivo).

Um número pequeno de mulheres narrou a oferta de atendimento médico e psicológico, bem como informes sobre vacinação. Nesse último caso, as entrevistadas salientaram que as comunidades utilizam grupos de WhatsApp para disseminar oportunidades, principalmente de vagas de emprego. Uma das participantes contou que sua igreja auxiliava imigrantes venezuelanos a regularizarem a documentação no Brasil, e três mencionaram as ajudas prestadas para assistir desabrigados pelas enchentes que acometeram o Estado do Rio Grande do Sul. Apenas duas entrevistadas apontaram ações de conscientização para preservação do meio ambiente. Trabalhos evangelísticos e missionários também foram citados dentro do enquadramento da ação social, assim como visitas nos lares para realização de orações.

Perguntadas acerca de ações relacionadas à segurança pública, não houve nenhum registro. Todavia, chama a atenção nesse sentido o modo como duas mulheres remeteram à ação espiritual direcionada por suas igrejas:

> A minha igreja já teve fase de juntar todas as igrejas no meu bairro, unir todas, e orar pelas ruas, ungir as ruas, e foi muito bom, porque aí o índice de criminalidade no nosso bairro diminuiu, né, então assim, foi muito bom. Até falei com o meu pastor pra gente voltar a fazer isso, né. Juntou todas as igrejas e foi muito bom. A gente fazia caminhada pelas ruas, orando, ungindo. Antes da pandemia, aí, agora, a gente tem que voltar a fazer, né?.
> *K., 47 anos, casada, branca, Igreja Batista, Belo Horizonte*

> Tem a oração também na rua, viu? Porque o bicho está pegando aqui. Muita violência. Então, só orando mesmo para poder Deus proteger, né? Porque está difícil, né?.
> *A., 45 anos, solteira, parda, Igreja Avivamento em Cristo, Salvador*

A análise das entrevistas permite depreender que as mulheres, em geral, desconhecem ações das igrejas que ocorram em parceria com o poder público (parcerias público-privadas). Ainda assim, cinco exemplos específicos foram citados: o estabelecimento de uma creche conveniada com a prefeitura; um projeto de saúde da mulher, também associado à prefeitura; o suporte aos imigrantes venezuelanos (de igual modo em parceria com a prefeitura); recebimento de auxílio financeiro, advindo da prefeitura, para manutenção de um "centro de recuperação" (instituições religiosas voltadas para pessoas com dependência de drogas); e a criação de um grupo on-line formado para auxiliar jovens a se inserirem no Programa Jovem Aprendiz. Três entrevistadas (uma da Congregação Cristã no Brasil, e duas de igrejas batistas) disseram que suas igrejas não realizavam ações sociais, mas auxiliavam os membros em caso de necessidade.

Em relação a conhecer projetos governamentais (sem parceria com as igrejas), algumas mulheres fizeram referência aos seguintes: Bolsa Família, Auxílio Creche, Minha Casa, Minha Vida, Pé-de-Meia e Jovem Cidadão (Programa dos estados para oferecer aos jovens inserção no mercado de trabalho). Houve relatos de que participar desses projetos é algo burocrático e, por vezes, impossibilita a inclusão de mais pessoas. Também foi apontada a existência de hortas comunitárias e programas de atividade física fomentados pelo poder público.

Perguntadas sobre a quem se atribui a responsabilidade de projetos/programas de bem-estar social, as mulheres responderam, predominantemente, que deve haver cooperação entre o Estado e as igrejas. Entre os argumentos elencados estava a compreensão de que as igrejas

e seus membros são constituintes da comunidade mais ampla, portanto devem se inserir em questões públicas. Algumas entrevistadas disseram que suas igrejas só não faziam mais por não disporem de uma estrutura suficiente para o fomento e a organização logística necessária às ações. Uma parte expressiva enfatizou que o Estado é o único verdadeiramente responsável por garantir moradia, trabalho, saúde, educação e segurança, mas defendeu que as igrejas poderiam ajudar a máquina pública, pois um dos mandamentos bíblicos é "servir ao próximo". Apenas uma das participantes considerou tratar-se de garantias que devem ser exclusivamente asseguradas pelo Estado.

Portanto, observa-se nos argumentos uma percepção crítica sobre a construção da cidadania, refletindo que os direitos sociais devem ser garantidos pelo sistema público, mesmo que as igrejas possam ser corresponsáveis por essa manutenção. Ainda que nem todas as mulheres tenham se expressado a respeito, é possível afirmar que, para as que o fizeram, foi unânime a percepção de que o Estado brasileiro é ausente e não consegue suprir as necessidades das pessoas.

A seguir, apresentam-se alguns excertos de depoimentos ilustrativos desses pontos de vista.

> Eu acho que [a responsabilidade é] do cidadão como um todo. Faz parte de... É uma tarefa do Estado? Sim. Mas é uma tarefa nossa também. E a Igreja, nós somos a Igreja, né? Então, também é uma tarefa que a Igreja possa atuar.
> *R., 35 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Belo Horizonte.*

> Eu acredito que esses papéis são um papel do Estado. O Estado precisa assegurar que as pessoas tenham a mínima dignidade de viver, de se alimentar, de ter o saneamento. Mas eu acredito que a igreja, por ser uma igreja que ela vai atuar ali no social, não é que ela tenha o dever, mas ela tem ali a questão dentro da Bíblia de ajudar o próximo, então, é

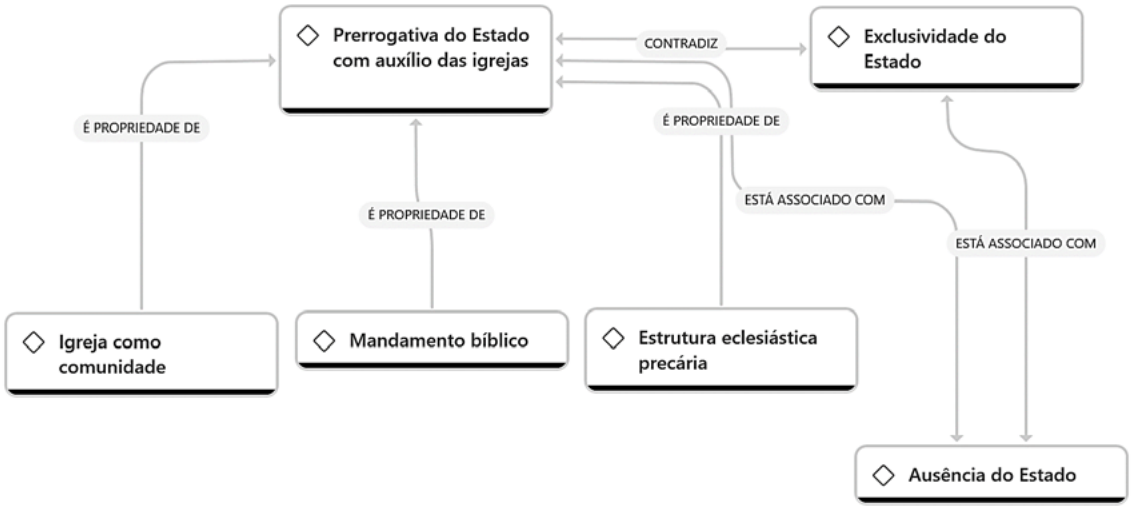
legal que faça, mas acredito que ali em primeiro lugar quem deveria segurar todas essas questões seria o Estado.
S., 30 anos, divorciada, branca, Igreja Batista, Rio de Janeiro

Por exemplo, uma igreja, que nem eu tô falando, essa que tem aqui no meu bairro, que é uma igreja enorme, ela acaba tendo que se envolver. Aí, eu acho que já é meio que papel dela. Tipo assim, se ela tem o suporte pra fazer tudo isso, então, que faça. Entendeu? Agora uma igreja menor não tem como cobrar mesmo, porque falta uma estrutura financeira, de conhecimento, várias coisas mesmo. Mas uma igreja maior acaba se tornando papel dela sim, eu acho. Ela não pode se limitar, sabe, a uma coisa só.
D., 29 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Rio de Janeiro

Eu, assim, embora, assim, é bem visível que o Estado, é responsabilidade do Estado, mas, gente... Tem que verificar que a igreja tem um papel importante, não só a igreja, a comunidade. Assumir uma responsabilidade que não é dela. Por exemplo, tem muitas igrejas que mantêm casa de recuperação de drogados, que seria uma responsabilidade do Estado. E a igreja que assumiu, muitas igrejas, milhares, a minha igreja tem uma que mantém, mantém uma casa de recuperação, orfanato. [...] Eu acredito que é uma obrigação do Estado, mas, gente, fica perceptível que eles não conseguem manter. Então, se não fosse a igreja, se não fosse as igrejas, e eu não falo só evangélica não, católica também, espírita, todas, se não fosse essas instituições, eu acho que o Brasil estaria bem, bem carente, bem defasado. Então, a gente tem que reconhecer a todo mundo, eu tô falando independente de religião, que as igrejas, elas conseguem cooperar pra manter o Estado... um pouco confortável
J., 45 anos, solteira, parda, Igreja Batista, São Paulo

A figura 1 oferece uma síntese dos argumentos mobilizados pelas entrevistadas. Ela foi elaborada pelo ATLAS.ti, um programa de análise qualitativa que foi utilizado na versão 24.1.1.30813, sem o acionamento das ferramentas de inteligência artificial. Para a leitura da rede entre igrejas e Estado que consta na figura, deve-se atentar para as seguintes relações estabelecidas pelas entrevistadas: 1) "Contradiz" – significa apontamento de categorias mutuamente exclusivas; 2) "É propriedade de" – faz alusão a uma metarre-lação entre conceitos e seus atributos; 3) "Está associado com" – diz respeito a relações de reciprocidade entreconceitos; e 4) "É parte" – expressa o vínculo entre distintos componentes.

Figura 1. Relações entre igrejas e Estado, segundo as entrevistadas



Fonte: Elaboração com uso de ATLAS.ti.

Em relação às fronteiras entre religião e política, aproximadamente 60% das entrevistadas disseram que essas duas instâncias não devem se misturar. Entre as justificativas, elas alegaram que: 1) o Estado não pode interferir nas dinâmicas religiosas; 2) os políticos não devem ocupar os espaços das igrejas (a ideia de que os templos são impérios da "Palavra" de Deus foi prevalente); 3) a política causa divisão entre os membros de uma mesma congregação; e 4) a política é intrinsecamente corrompida (a noção de corrupção será destrinchada na próxima seção).

Apesar disso, as mulheres não são alheias ao esclarecimento e entendem a relevância das igrejas nos processos de formação de opinião e deelaboração da consciência política. Neste caso, a política é compreendida por elas principalmente no sentido das candidaturas e pro-posições legislativas. Portanto, as respostas que elas deram não contradizem o que defenderam sobre a relação entre igrejas e Estado abordada anteriormente.

Assim, várias concordaram com a aproximação entre religião e política, algumas levantando a ressalva de que essa confluência não pode significar confusão entre as duas esferas. Tal opinião parece muito próxima daquela emitida pelas religiosas que defendem que essas duas instâncias operem separadamente. A noção de laicidade – interpretada como a ausência de uma religião oficial no Brasil– foi mencionada pelo menos quatro vezes.

A ideia de defesa da família e dos princípios bíblicos apareceu no relato de duas entrevistadas para justificar a relação de imbricamento entre religião e política. Contudo, é importante considerar, como se verá na seção a seguir, que o peso dado pela maioria das mulheres à identidade religiosa dos candidatos é baixo; predomina a ideia de que esse atributo não é um definidor absoluto do voto. Alguns argumentos elencados são apresentados abaixo.

Abaixo, apresentam-se alguns argumentos elencados.

> Eu acho, sinceramente, que [religião e política] não deveriam se misturar. Para mim, a política corrompe qualquer um. Então, eu acho que não deveria. Mas, hoje em dia, tem pastor que está aqui dizendo que é candidato a vereador, candidato a isso, candidato a aquilo, mas Deus está aí para cobrar de cada um.
> *A., 45 anos, solteira, parda, Igreja Avivamento em Cristo, Salvador*

> Eu acho que não deve ser falado em cima do púlpito, porque eu não acho que é um lugar que esse tipo de coisa deve ser comentado, né, até porque às vezes nem faz sentido ali,

tá ali pra pregar a palavra, mas claro que a gente tem que saber em quem votar e, tipo, como votar com base no que a gente acredita e no que a gente espera de um político, né, então acho que vai também do caráter de cada um, né, achar o que é certo ou não pela religião e pelo que acredita, né? Mas eu acho que pregar isso, falar sobre isso em cima do púlpito ou no altar, eu não concordo muito.
L., 17 anos, solteira, parda, Igreja Assembleia de Deus, Curitiba

A igreja precisa falar de todos os assuntos, não simplesmente a questão da espiritualidade, da fé. A igreja precisa falar de política, precisa falar de sexo, precisa falar das leis, enfim. Mas o discurso político ele não pode exercer, está no lugar da Palavra. [...] No sentido, assim, a gente não vai abraçar um candidato e botar a bandeira dele lá para que todos... A gente traz o esclarecimento, até porque, por exemplo, a gente sabe que os pastores são formadores de opiniões, né? Líderes são formadores de opiniões e são influenciadores. Mas é aquela questão. A gente não pode tirar o que é da essência do evangelho para colocar uma outra coisa. Precisa ser falado de tudo, mas não como um discurso prioritário, porque o prioritário dentro da igreja é a palavra de Deus, mas que precisa, precisa. Precisa ser falado.
D., 49 anos, casada, parda, Igreja Primitiva Atos dos Apóstolos, Salvador

Acho que, tipo assim, que depende, porque às vezes as pessoas acham que política é tipo um candidato ou um partido, mas tudo que a gente faz é político. Se a gente compra uma coisa no supermercado, você tá pagando imposto sobre aquilo e aquilo é político. Então, eu acho que não deve haver uma influência de, tipo assim, você deve votar em tal pessoa, você deve apoiar tal tipo de partido.

Mas eu acho que talvez deve haver, tipo, uma conversa de consciência política. De, nossa, será que tá certo o que essas pessoas estão fazendo? É melhor a gente estudar antes de votar?.
C., 19 anos, solteira, branca, Igreja Batista, Belo Horizonte

Eu já acho que sim, a igreja e a política têm que se misturar, religião e política se misturam, até porque na Bíblia tinha juízes, eu acredito até, eu creio até que o começo de tudo foi aí, foi através do Senhor que instituiu o juiz. [...] Eu creio que nós, evangélicos, não só os evangélicos, os cristãos, se a gente não se impõe, aí quem que vai decidir por nós? [...] A religião e a política têm sim que se envolver, tem que se envolver, por que senão como é que vai ficar? Os outros que nem concordam com o que a gente concorda, não tem os mesmos propósitos que nós, vai escolher as coisas pela gente, entendeu? Em questão do aborto, eu sou contra, eu sei que tem gente dentro da igreja que é a favor, eu sou contra, aí a gente deixa só quem não é da religião decidir e a gente não fala nada, então eu acho que sim, se mistura religião e política.
J., 30 anos, casada, branca, Igreja Pentecostal do Espírito Santo, Goiânia

3. Engajamento político e comportamento eleitoral das evangélicas

O voto em Bolsonaro

Mais de 60% das mulheres da amostra votaram em Jair Messias Bolsonaro nos últimos seis anos (65,2% em referência a 2018, e 67,4% no que tange a 2022). A consistência do voto dado a ele nos dois pleitos se conservou bem alta – 87,1% das que haviam escolhido o ex-presidente em 2018 mantiveram o voto em 2022. Por outro lado, se apenas 8,7% disseram ter optado, em

2018, por Haddad ou outro candidato próximo a seu espectro político, em 2022,Lula recebeu 19,5% dos votos. Duas das entrevistadas disseram ter votado em Lula em 2018. Como ele não participava do pleito presidencial, é possível que essa informação expresse a polarização entre direita e esquerda e/ou decorra da distância temporal do fato em questão. Vale lembrar que essa aparente preferência não deve ser confundida com aumento da adesão por Lula, pois pode ser explicada pelo percentual daquelas que não participaram das eleições em 2018, isto é, 23,9% da amostra.

Em relação ao voto de 2022, o registro de não votantes caiu para 10,8%. Entre as que não haviam votado em 2018, 45% declararam voto em Bolsonaro em 2022, ao passo que apenas 9% optaram por Lula (as demais permaneceram sem votar). Trata-se das mulheres atualmente entre 16 e 24 anos, portanto muitas delas inaptas seis anos atrás. Olhando para os votos dados em 2022, esse grupo etário apresentou maior percentual a favor de Bolsonaro: 53,3% votaram nele, contra 13,3% que escolheram Lula (em 2018, as votantes dessa faixa de idade que escolheram Bolsonaro eram 20%, mas 73,3% das entrevistadas entre 16 e 24 anos não eram eleitoras ainda). O registro do apoio ao ex-presidente na última eleição demonstra quase uma uniformidade em todas as classes etárias. Entre as votantes de Lula, no mesmo pleito, a faixa predominante foi a de 25 a 33 anos. A Tabela 1 mostra a composição etária das preferências de voto em 2022, registrada em 2024.

Tabela 1. Composição etária das preferências de voto em 2022, registrada em 2024

Opções de voto	16-24	25-33	34-42	43-51	52-60	Total geral
Anulou	0,00%	0,00%	100,00%	0,00%	0,00%	100,00%
Bolsonaro	25,81%	22,58%	22,58%	22,58%	6,45%	100,00%
Lula	22,22%	44,44%	11,11%	11,11%	11,11%	100,00%
Não votou	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	100,00%
Total geral	32,61%	23,91%	19,57%	17,39%	6,52%	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Ainda sobre a última eleição, ressalta-se que Bolsonaro recebeu o voto de 77,7% das mulheres entre 34 e 42 anos, e de 87,5% daquelas entre 43 e 51 anos. Embora Lula não tenha sido a escolha feita por nenhum grupo etário, entre mulheres de 25 e 33 anos e de 52 a 60 anos ele representou aproximadamente 35% da preferência na faixa de idade, proporção quase três vezes maior do que nos demais estratos. Na Tabela 2, é possível observar a composição de voto por grupo etário em 2022, registrada em 2024.

Tabela 2. Composição de voto por grupo etário em 2022, registrada em 2024

Opções de voto	16-24	25-33	34-42	43-51	52-60	Total geral
Anulou	0,00%	0,00%	11,11%	0,00%	0,00%	2,17%
Bolsonaro	53,33%	63,64%	77,78%	87,50%	66,67%	67,39%
Lula	13,33%	36,36%	11,11%	12,50%	33,33%	19,57%
Não votou	33,33%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	10,87%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Remetendo-se às eleições de 2018, 11% das mulheres pretas votaram à esquerda, já entre as pardas o percentual foi de 15,7%; o comportamento não foi observado no caso de mulheres brancas. Essa tendência se comprovou em referência ao voto de 2022, sendo identificados os seguintes números: 33% das entrevistadas pretas votaram em Lula, o mesmo se deu entre 26% das pardas, e apenas 5,5% entre as brancas. No caso da escolha por Bolsonaro, 88,8% das mulheres brancas fizeram essa opção; a porcentagem entre as pardas foi de 57,9%, e entre as pretas, de 44% (os demais percentuais, tendo em vista a divisão das mulheres por raça, se distribuíram em votos nulos e ausência de voto). Com esses dados, não se pode afirmar que há tendência de voto à esquerda entre as mulheres pretas evangélicas da população, mas houve na amostra maior resistência das entrevistadas pretas em relação a Bolsonaro, ainda que a preferência por ele seja majoritária.

Embora a pesquisa não tenha contemplado uma questão específica sobre Jair Bolsonaro, as mulheres o mencionaram diretamente e de maneira qualificada (não apenas pontualmente) por pelo menos 21 vezes. O ex-presidente foi descrito como "doidinho", "meio sem filtro", "meio rebelde", "meio degenerado", "meio Hitler" (sobre esse termo, a entrevistada não o usou de forma depreciativa, conforme é possível perceber abaixo). Apenas uma das 46 pesquisadas o caracterizou como "demoníaco" e "anticristo". No geral, as avaliações a respeito do seu governo foram positivas; algumas mulheres repetiam que houve um "bom mandato". Bolsonaro era visto, principalmente no que tange ao voto de 2018, como representante de uma "nova política". Sobre sua figura, os pontos positivos ressaltados foram: ser de direita, ser mais ético do que os demais candidatos, defender princípios cristãos (uma das mulheres chegou a afirmar que gostava de ele ser contrário à homossexualidade) e ser menos corrupto do que os outros candidatos. Lula foi citado algumas vezes, em comparação, como mais corrupto por ter roubado.

Algumas entrevistadas manifestaram ciência das falhas do mandato deBolsonaro, mencionando a acusação envolvendo as joias (peculato – apropriação de bens públicos) e a recusa de compra, pelo Governo Federal, das vacinas contra Covid-19. Entretanto, esses acontecimentos apareceram minorados; uma das participantes os chamou de "escandalozinhos".Várias mulheres atribuíram os insucessos da gestão do ex-presidente às dificuldades enfrentadas em função da pandemia e decidiram, ainda assim,dar-lhe uma nova oportunidade ao reconhecer que não houve melhora das situações de vida. Bolsonaro apareceu, portanto, anistiado por elas, mas não apenas em função dos infortúnios sanitários que afetaram sua gestão,mas também por ter sido defensor de valores morais e, mais recentemente,um contraponto à candidatura de Lula (voto por oposição). De acordo com os relatos, não se pode afirmar que o que leva à identificação das mulheres com Bolsonaro é a imagem desacertada dele. Elas reconhecem seus impropérios e equívocos, mas não há menções em suas falas de seu lado "humano", de modo que não cabe dizer que enxergam o ex-presidente como um pecador, objeto e exemplo da redenção divina.

Algumas falas, como as elencadas a seguir, demonstram essas perspectivas.

Na verdade, o povo está acostumado mais com... Como que a gente fala? Com os mesmos, né? Não novidade. Comodismo, né? Não querer mudar. Tipo, quando o Bolsonaro chegou, ele fez uma revolução. Ele começou a mexer em muita coisa que as pessoas não estão acostumadas .
C., 38 anos, solteira, parda, Igreja do Evangelho Quadrangular, Curitiba.

E eu acho que ele não teve nem tempo de realizar as propostas que ele tinha. Acho que, devido a ele ser uma pessoa meio Hitler, meio... sem filtro. Eu gosto do plano de governo dele, mas eu acho que, por ele ser meio rebelde, meio degenerado, eu acho que ele não teve potência em algumas coisas que ele falou. Não deu tempo de executar muitas propostas que ele falava. Eu acho que isso daí deu um conflito... Mas ele tinha propostas de mudança, então, eu acho que o que ele se posicionava, meio rude, meio em conflito em alguns requisitos, eu acho que ele não teve tempo de mostrar grandes propostas que ele tinha de governo.
L., 47 anos, divorciada, branca, Igreja Congregação Cristã no Brasil, São Paulo

Então, em 2018, foi a esperança de algo diferente, né? Porque ele veio com muitas promessas, então, eu já estava cansada do mesmo, era uma opção diferente. Em 2022, foram vários os motivos, um deles é porque eu não conseguia entender o Lula de volta ao poder, foi um dos motivos, o outro é porque eu acho que por mais que o Bolsonaro fale muita merda, ele tinha boas intenções e ele teve pouco tempo para colocar isso no primeiro mandato, no mandato que ele teve, até por conta de pandemia, eu acho que ele teve essa dificuldade exatamente porque veio logo na pandemia, então, eu queria vê-lo, queria saber o que ele poderia fazer tendo quatro anos de trabalho fora a pandemia.
R., 35 anos, casada, preta, Assembleia de Deus, Belo Horizonte

Sentimentos envolvendo as eleições

Anular voto não é algo expressivo entre as mulheres evangélicas. Apenas uma declarou ter feito isso nas eleições presidenciais, tanto em 2018 quanto em 2022. Para demais cargos, incluindo outros anos eleitorais, cerca de 15% das entrevistadas disseram que já anularam. No entanto, cerca de 70% das mulheres informaram que continuariam indo às urnas mesmo que não fosse obrigatório. Justificaram que o voto representa a possibilidade de escolha, a esperança de condições mais satisfatórias de vida, a chance de acompanhar, questionar e avaliar os candidatos, além de ser um dever do cidadão. Mesmo no caso das que afirmaram que deixariam de votar se não fossem obrigadas, algumas enfatizaram que manteriam o voto ao menos para presidente, indicando que não há, entre as evangélicas, apatia ou desengajamento no que tange à votação.

Registrou-se, nesse sentido, que cerca de 80% das entrevistadas têm esperança de que o voto mude a realidade social. Mas ressaltaram ser uma esperança consciente, racional, pois sabem de muitas impossibilidades práticas e entendem se tratar de um processo de longo prazo. Elas dizem não depositar todas as expectativas nas eleições ou nas ações de determinado candidato que foi bem-sucedido na campanha. Reconhecem que a distribuição de poder e a corrupção política funcionam como um teto para as transformações. Houve quem chegasse a dizer que "a esperança é a última que morre", mas que os políticos "chegam a matá-la".

> Eu tenho sempre esperança [...], mas é uma esperança consciente de saber que não vai ser um simples voto que vai mudar tudo que a gente vem vivendo, né? Então, procuro sempre estar fazendo também a minha parte, mas estar procurando sempre votar consciente de quem eu estou votando, para tentar fazer essa mudança nessa política.S., *30 anos, divorciada, branca, Igreja Batista, Rio de Janeiro*

> Eu acho que é muito poder, e eles não têm esse poder todo, mas eu acho que eles contribuem bastante. [...] Eu acho que

uma andorinha não faz o verão, mas eles juntos, eles podem fazer muito mais, sim, pela gente.
R., 35 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Belo Horizonte.

A gente acredita e vigia as propostas, mas como eu falei antes, a gente já vem de um histórico de desilusão grande com relação à política do nosso país. E aí, hoje, eu passo a entender que é uma questão que foge da alçada, às vezes, do ministro, do presidente, do vereador, do prefeito, porque às vezes ele tem uma proposta boa e ele vai fazer, mas, às vezes, quem está ali em cima dele é alguém que era do outro partido, e que isso não bate legal, e que trava tudo, não deixa... Então, é bem complicado.
J., 33 anos, casada, parda, Igreja Batista, Salvador

Essa esperança ponderada, decorrente de uma consciência crítica, é fruto, para muitas das mulheres, de um sentimento de "descrença", "desilusão" e "desgosto" (termos das pesquisadas) com a política institucional. Foram 20 entrevistadas que justificaram, sobretudo: 1) a desconfiança nas urnas e nos institutos de pesquisa que mensuram as preferências de voto; 2) a polarização que vem caracterizando as disputas eleitorais; 3) os roubos, as mentiras e a corrupção de determinadas figuras públicas; e 4) o descumprimento das promessas feitas quando das candidaturas. Para elas, isso torna o ambiente da política intrinsecamente corrompido, conforme evidenciado nos depoimentos a seguir.

Antes eu confiava, hoje em dia não confio mais. Perdemos a credibilidade, tudo perdeu a credibilidade para mim.
K., 47 anos, casada, branca, Igreja Batista, Belo Horizonte

Sei lá, é tanta roubalheira. É tanta coisa, que a gente vai desgostando. Vai vendo tanto dinheiro que eles pegam que podia estar fazendo alguma coisa pelo povo, e aí, eles

embolsam, é tanta corrupção, tanta miséria que eu vejo, que isso aí vai deixando a gente desgostoso da vida. Eu mesmo voto por votar, não vou mentir.
A., 45 anos, solteira, parda, Igreja Avivamento em Cristo, Salvador

Eu acredito que seja também uma consequência muito do que é a política do Brasil, a gente ter essa visão. Porque a gente está desiludido, entendeu? A gente entende o que é a política, o que de fato é, né? A política é algo que, assim, às vezes, o rapaz, ele entra, ele tem até boas intenções, mas aí ele vai ser, digamos, um vereador. E acima dele tem alguém ali que vai ter outras coisas para poder mandar dentro de como funciona na política, não sei exatamente como é, né? Mas aí aquela pessoa que entrou, às vezes ela tinha, realmente, congregava, teve no coração, mas é um ambiente muito sujo, a gente que não faz parte, a gente não faz ideia. E que corrompe o homem. Eu acho que, assim, não é que não deveriam ter cristãos na política, tem que ter, né, óbvio. Mas eu acho que, assim, a pessoa, ela tem que estar muito fortalecida, muito firme do que é Deus e do que é a política. Porque ali dentro ela vai se corromper. Quando ela vê na hora, ela já vai estar fazendo.
J., 33 anos, casada, parda, Igreja Batista, Salvador

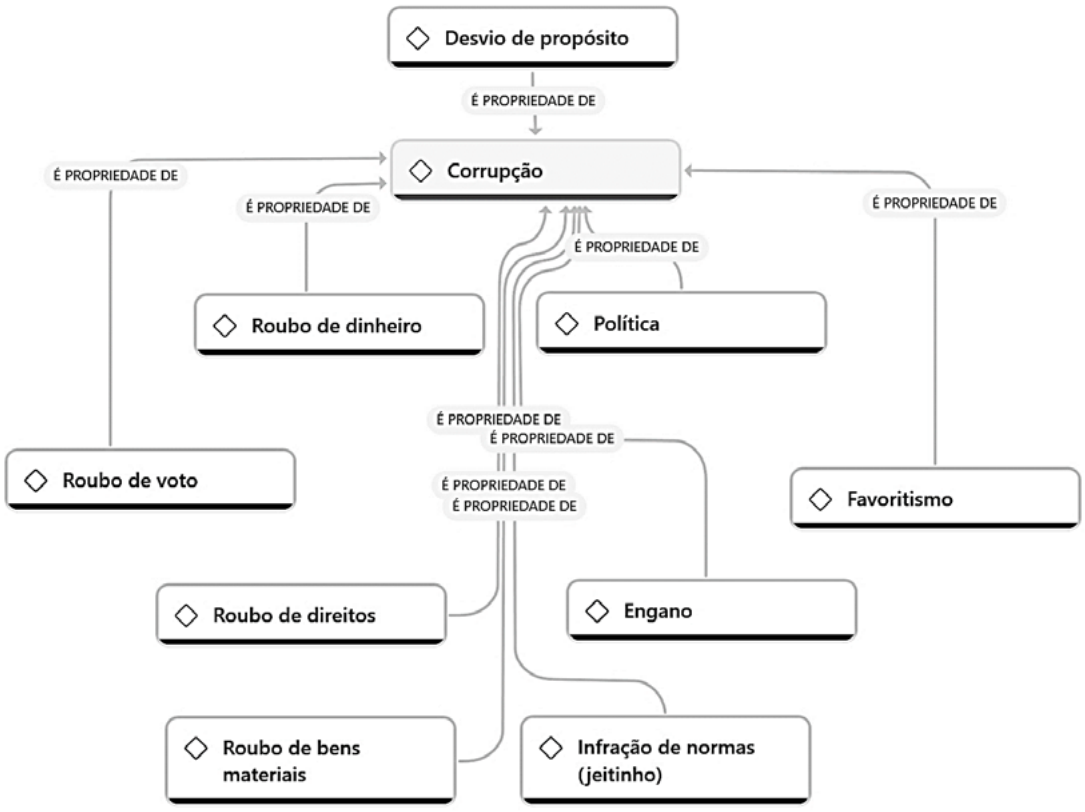
Apesar de haver diversos relatos de desencantamento, essa contrariedade, como visto acima, não é suficiente para fazer as mulheres se absterem da cidadania política.

Ao serem questionadas se havia alguém que escolheriam como verdadeiro representante de suas igrejas, quase todas as entrevistadas mencionaram seus pastores e pastoras. Quando inquiridas se se lembravam de alguém que falasse em nome de todos os evangélicos, grande parte delas não

emitiu opinião; entre as que o fizeram, nenhum nome foi repetido por mais de uma vez, sugerindo que, ao menos para as participantes da amostra, não há ninguém que emerja como unanimidade.

Na contramão da heterogeneidade, o debate sobre a corrupção apresentou bastante consenso entre as pesquisadas. Para praticamente todas, o principal sentido associado ao tema foi o roubo. Elas mencionaram, em particular, o financeiro, como por meio de desvio e lavagem de dinheiro. A política apareceu igualmente com forte associação, tendo as entrevistadas apontado seu caráter inerentemente corrompido. De modo não menos importante, "corrupção" também foi termo usado em sentido lato, significando o ato de desviar algo de seu propósito original. Outros sentidos também foram atribuídos, conforme se observa na Figura 2.

Figura 2. Noções associadas à ideia de corrupção, segundo as entrevistadas



Fonte: Elaboração com uso de ATLAS.ti.

O ATLAS.ti foi utilizado nesta parte da pesquisa para codificar as sensações ante as eleições e realizar uma análise de sentimentos. De modo geral, as eleições presidenciais dos últimos anos foram lembradas pelas mulheres e despertaram uma miríade de sentimentos, em que os negativos prevaleceram. Com a derrota de Jair Bolsonaro, as entrevistadas relataram espanto, vergonha, injustiça, tristeza, medo, insatisfação, decepção, ansiedade, frustração, atribulação, revolta, nervosismo, cansaço, chateação e desânimo. Um número bem menos expressivo disse, mediante a vitória de Lula, sentir aceitação, alegria, alívio e felicidade. Algumas manifestaram que o rol de candidatos (referência a diversos cargos) não corresponde a suas expectativas, expressando descontentamento. Principalmente para quem votou pela primeira vez, a escolha nas urnas eleitorais, por sua vez, provoca euforia, revela esperança, proporciona orgulho e deixa a sensação de "dever cumprido". Certas participantes não votaram porque ainda não haviam feito o título de eleitor no momento da entrevista.

Comportamento eleitoral e determinantes do voto evangélico

Quarenta por cento das entrevistadas demonstraram desinteresse pela política, e algumas delas disseram não estar acompanhando o que tem acontecido recentemente. Ainda assim, quase todas estas reconhecem a importância de tal esfera e remetem seu descompasso à falta de conhecimento da estrutura da política institucional, que seria muito complexa. As outras 60% das pesquisadas valorizam a política e os processos eleitorais, e a metade delas passou a dar mais atenção às discussões públicas nos últimos anos, com a vitória e a posterior derrota de Jair Bolsonaro.

Portanto, o acirramento dessas disputas pode ter fomentado a politização de parte das mulheres evangélicas. Todavia, é preciso fazer uma ressalva importante: se apenas 10% das entrevistadas declararam ter interesse por política desde pequenas, foi bem incidente entre as falas daquelas que começaram a se informar mais recentemente que isso advém da maturidade, do avanço etário, o que, no caso de muitas delas, coincide com os últimos pleitos presidenciais polarizados.

Os excertos abaixo registram os pontos de vista das participantes da amostra.

> Eu sou meio por fora, mas busco pelo menos saber um pouquinho de quem é a pessoa, porque na hora que votar você também não pode colocar ali... em risco... é uma pessoa que vai contra os valores, acaba fazendo uma balança pra ver quem é o menos pior. Entendeu? Mas assim, não sou 100% ligada a isso, a política, não gosto de debater, não gosto de ficar falando, não leio muito sobre, quando vejo algumas reportagens, geralmente é pelas mídias sociais. Para mim, o importante foi o que eu falei, é tentar conhecer o trabalho daquele candidato e realmente os valores.
> *D., 29 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Rio de Janeiro*

> Estamos em um país democrático. A gente tem que discutir sobre o presidente que vai atuar. Porque dependendo do presidente, ele pode fazer com que o Brasil vá pra merda. Desculpa essa palavra, gente. Mas ele pode afundar. Ele pode afundar o Brasil, então eu acho muito importante, eu acho obrigatório o voto, até porque é o presidente, ele vai fazer mudanças em geral, então eu acho muito importante votar.
> *J., 17 anos, solteira, parda, Igreja Assembleia de Deus, São Paulo*

> Depois que a gente começa a ficar adulto e começa a pagar as próprias contas, aí a gente começa a se interessar mais por política.
> *K., 28 anos, casada, branca, Igreja Universal do Reino de Deus, Curitiba*

> Eu comecei a acompanhar a eleição agora que eu fiquei mais velha, né? Pra poder entender, pra eu escolher um lado, né? Direito, esquerdo e tudo mais, porque eu não

tinha noção de tudo. Sem isso, sem a eleição, sem essas coisas, eu acredito que o país ficaria um pouco perdido, né? Eu acompanho agora, e agora sim, eu posso dizer que eu tenho opinião política.
M., 19 anos, solteira, branca, Igreja do Evangelho Quadrangular, São Paulo

Desde criança, eu sempre tive afinidade. Embora eu nunca fui muito envolvida, nunca fui envolvida com política, mas sempre gostei de estar a par de tudo. Lembro-me com muita precisão das "Diretas Já", dos movimentos, da morte de Tancredo Neves, daquele luto todo. Enfim, meu pai sempre foi muito ligado à política. Então, acho que com a questão mesmo já da influência da família. Depois eu casei, a família do meu esposo eles são mesmo de esquerda, de brigar, de defender. Então, a gente sempre está envolvido assim. [...] Não defendo bandeira, mas eu gosto da política, porque na verdade... É, a política já está dentro da Bíblia em si, né? Os reis eram políticos, de certa forma. Então, a gente não tem, porque a gente vive num mundo em que a gente tem que estar a par dessas coisas que acontecem. E agora, não sou de defender bandeira, nem de defender candidatos, isso e aquilo. Tenho as minhas diretrizes, as minhas concepções, que não abro mão, mas eu [acompanho] sempre, desde criança.
D., 49 anos, casada, parda, Igreja Primitiva Atos dos Apóstolos, Salvador

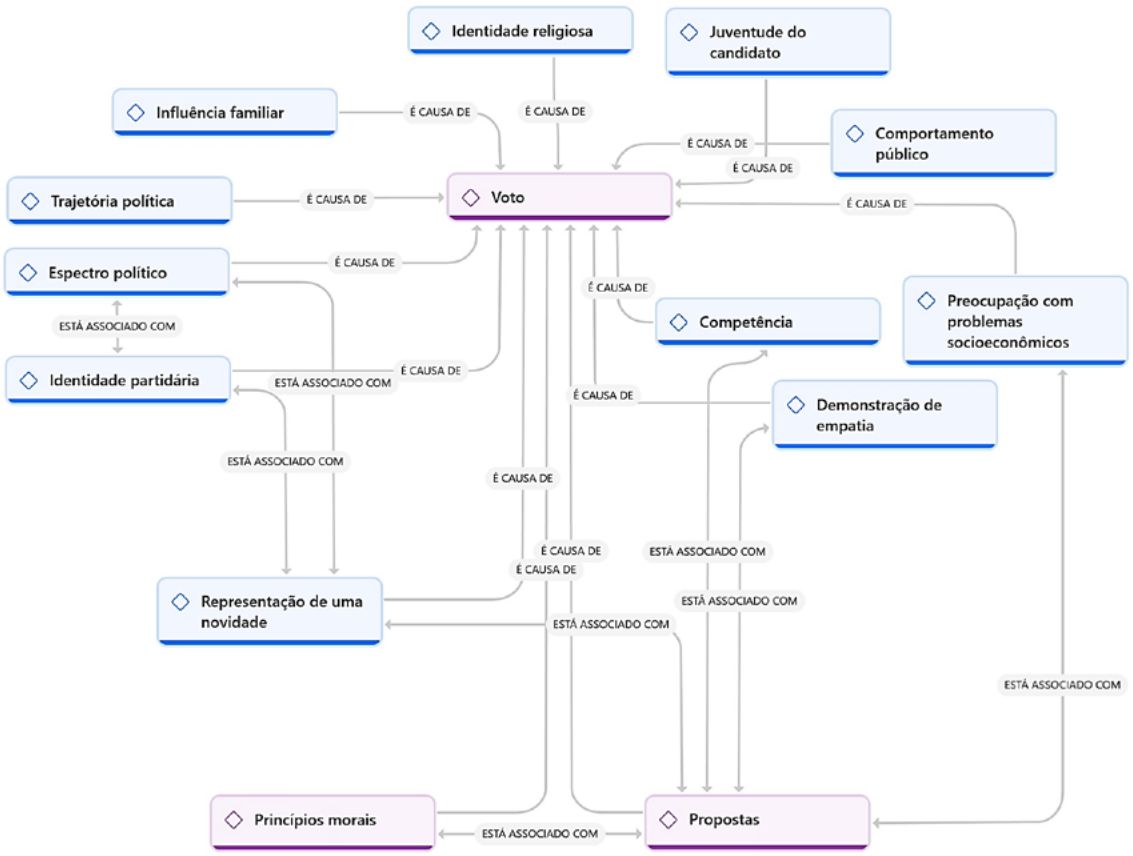
Sobre o modo como as mulheres evangélicas se informam a respeito das eleições, mais de 65% relataram que fazem buscas na internet e/ou utilizam as redes sociais digitais, sobretudo Instagram e WhatsApp. Por meio deste último, recebem conteúdo político, mas várias afirmaram não repassar o material, em função das fake news. Algumas não têm escrutínio crítico para identificar a desinformação, mas não foi raro o número das que disseram

distinguir o que é ou não verdadeiro, fazendo um filtro. A televisão também foi mencionada pelo menos 13 vezes como veículo informativo. A igreja apareceu em apenas uma das tríades como fonte de informação. Ao menos oito das entrevistadas alegaram não acompanhar as pesquisas de intenção de voto ou não se basear nelas; metade dessas narrativas apresentou desconfiança nos instrumentos de verificação, alegando que os resultados são manipulados.

Perguntadas sobre o que consideravam importante na definição do voto, as participantes apontaram uma lista abundante de fatores, que estão sintetizados na rede semântica apresentada adiante (figura 3). Cumpre salientar que houve dois determinantes mais prevalentes (sinalizados de roxo). O primeiro foi de ordem moral, na medida em que as mulheres disseram que apreciavam candidatos que fossem pró-vida e pró-família e que combatessem o uso de drogas, o aborto, a homossexualidade e a corrupção; nesse sentido, valorizavam a transparência e a verdade por parte dos candidatos. O segundo fator-chave foram as propostas; houve ênfase, ainda assim, na avaliação da consonância entre propostas e princípios cristãos. A identidade religiosa por si só, apesar disso, não se mostrou suficiente para converter identificação em voto. As participantes se colocaram como protagonistas da escolha, relatando avaliar o histórico político dos candidatos, bem como sua competência técnica.

É interessante notar que, quando questionadas diretamente se a pauta ambiental deveria estar presente nas candidaturas (assunto que será mais bem tratado na próxima seção), todas as pesquisadas concordaram. Todavia, o tema não foi citado espontaneamente na definição do voto. De maneira semelhante, preocupações com saúde, moradia e segurança (física e alimentar) tampouco orbitaram entre os principais determinantes. Ênfase foi dada nas condições salariais (não necessariamente trabalhistas), na acessibilidade, na educação e na economia (esta, de forma ampla). Muitas mulheres, por sua vez, disseram que definem o voto bem próximo do momento das eleições, de maneira intempestiva, embora não haja indicador de falta de reflexividade prévia.

Figura 3. Determinantes do voto, segundo as entrevistadas



Fonte: Elaboração com uso de ATLAS.ti.

Abaixo, alguns excertos ilustram os pontos de vista das entrevistadas.

> Para mim é mais fácil porque eu já escolho os da direita, os da esquerda, eu já elimino. E aí eu vou olhar a proposta... Se é uma pessoa a favor da família, a favor da vida, se é uma pessoa contra drogas, eu vou observar. Aí já vai ganhar pontos comigo. Hoje em dia, eu estou dando preferência mais para os mais jovens, que estão demonstrando mais força para trabalhar. Aqueles mais velhos, eu já estou achando que eles têm que aposentar, deixar os mais jovens trabalharem.
> *K., 47 anos, casada, branca, Igreja Batista, Belo Horizonte*

> Os próprios candidatos eu pesquisei todos, sem nenhuma exceção, e fui fazendo filtro, pesquisando sobre também, como que fala, princípios, meus princípios, se eles estiverem próximos dos meus princípios, então, eu vou fazendo esse filtro. [...] Por exemplo, eu jamais votaria num presidente que o governador, o senador, qualquer um deles, que fosse, por exemplo, a favor do aborto.
> *J., 45 anos, solteira, parda, Igreja Batista, São Paulo*

> Então, o que acontece, eu vejo o conteúdo do político. O que realmente, lógico, a gente sabe que muito do que eles prometem não cumprem nem a metade, mas eu vejo [...] pelo menos a intenção dele, porque a gente sabe que é difícil eles fazerem tudo, e desde que a pessoa não negue o nome de Deus, assim, ele não precisa ser evangélico [...] apenas eu não voto em pessoas que negam o nome de Deus, que não acreditam em Deus, porque daí fugiria [...] dos meus princípios, né, sendo assim o que ele, o que realmente ele está propondo desde que seja o bem para a humanidade, para todos, independente de religião, que seja um bem para todos.
> *S., 53 anos, casada, branca, Congregação Cristã no Brasil, São Paulo*

Três das perguntas da pesquisa buscavam compreender se as evangélicas haviam votado nas eleições de 2023 para conselheiros tutelares. A maioria disse que não votou, e algumas afirmaram que não tinham tomado conhecimento a tempo de poder manifestar sua escolha. Para as que o fizeram, os determinantes que pesaram na preferência foram praticamente os mesmos já mencionados, mas com destaque, em particular, à defesa de princípios morais (pessoas pró-vida e pró-família) e à competência técnica. Acresceu-se o argumento de que, normalmente, os candidatos aos conselhos tutelares são pessoas que estão em busca de autoaprimoramento, têm bom caráter, são mais sensíveis e conhecem mais de perto o território e as necessidades da comunidade local.

Das mulheres que votaram, 11 declararam que a religião do candidato pode ajudar no exercício da profissão, mas, novamente, a identidade religiosa não operou como definidora da escolha. Apenas três defenderam que a religião pode atrapalhar, mas a preocupação delas não foi com a interferência no desempenho das funções de conselheiro, mas com o fato de a pessoa evangélica ser mais vigiada (por ter de ser uma referência moral) e poder ser corrompida por algumas das dinâmicas políticas.

Houve 11 menções ao apoio de igrejas a candidaturas aos conselhos tutelares, e nesse caso não se observou o mesmo incômodo das mulheres com candidatos evangélicos dentro delas. Algumas até narraram que a intervenção das comunidades de fé ajuda a formar consciência crítica a respeito. Mesmo recebendo a indicação de um nome específico, ainda assim muitas entrevistadas não seguiram com a votação; as razões não tinham relação com o candidato, mas eram de ordem pessoal. É possível que a não obrigatoriedade de participação tenha influenciado a decisão de não comparecer às urnas.

A respeito do tema, são apresentadas algumas reflexões propostas pelas participantes da amostra.

> Nós temos uma conselheira tutelar que é da nossa igreja. Ela é líder do Ministério Infantil aqui também, da sede. [...] Já é a segunda vez que a gente vota nela. E é assim, ela tem um trabalho muito bonito, inclusive agora ela vai ser lançada a vereadora, candidata, né? Mas a gente sempre foi votar, e antes, bem antes da igreja se envolver nisso, eu nunca tinha ido votar, sempre achei uma bobagem, né? Mas a partir do momento que os pastores começaram a falar, a apoiar, a indicar, né, pessoas pra esse cargo, eu tomei mais consciência, né, mais ciência também, e tenho ido, sim, votar e tenho apoiado, né, como eu disse, sou líder de mulheres, eu lidero cerca de 80, 80 e poucas mulheres no nosso grupo, e eu tenho uma linha de transmissão direta com elas, né, no

privado, e eu acabei, assim, incentivando bastante pra que elas fossem votar para conselhos tutelares. Porque tem ali candidatos que são pessoas que não têm moral, não ligam mais para os bons costumes, não ligam mais para a palavra de Deus, que estão ali, estão indo atrás. E se a gente não se posicionar enquanto cristão, eles vão ganhar, e são eles que vão atender as situações das nossas famílias, né? Sem nenhum pingo de critério cristão, bíblico, né?
M., 47 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Curitiba.

Eu conheço uma pessoa evangélica conselheira. É uma pessoa extremamente inteligente. O conhecimento dele, ele acaba passando para outras pessoas, sabe? Ele, algumas vezes, já levou algumas crianças de alguns outros lugares de fora para a gente poder conhecer, até para essas crianças terem uma proximidade maior com pessoas diferentes. Então, acaba que une o útil ao agradável.
L., 38 anos, solteira, preta, Igreja Batista, Belo Horizonte

Eu não acho que atrapalha, eu acho que colabora por ter um [conselheiro tutelar evangélico] ... por exemplo, a gente está sofrendo muito com estupros, né, de vulneráveis, muito, mas, assim, cresceu absurdamente, ou não divulgava há 20 anos atrás, eu fico nesse questionamento. Então, a importância de ter um líder, eu não falo evangélico, não defendo, mas assim, um líder que teme a Deus, que tem princípios, eu acho isso muito importante.
J., 45 anos, solteira, parda, Igreja Batista, São Paulo

É o futuro, ele [conselheiro tutelar] pode montar projetos dentro da igreja e tirar aquelas pessoas daquele mundo ali, pequeno.
A., 41 anos, casada, branca, Igreja Metodista Wesleyana, Rio de Janeiro

Perguntadas se se envolveriam com decisões políticas da cidade ou se teriam outros engajamentos nesse sentido, quase 90% das mulheres responderam negativamente. O principal argumento apresentado por elas reside no fato de a política já estar corrompida. Aquelas que sinalizaram de maneira favorável citaram o interesse em atuar com inclusão (principalmente de crianças atípicas), comunidades terapêuticas e cuidados paliativos.

Imagens das candidaturas e suas correspondências

Apesar de a identidade evangélica não ser um fator suficiente tampouco o único a assegurar a lealdade política do eleitorado evangélico feminino, as mulheres, no geral, votam em candidatos com esse alinhamento a fim de garantir tanto a representação de valores morais no âmbito institucional quanto os interesses de seu grupo. Os depoimentos a seguir confirmam isso.

> É tão bom você ter um político que fale ali um pouco, não lógico, não vai pregar a palavra de Deus, né, mas que seja evangélico, que seja, abençoe a família, fale da família, fale da sociedade em si, fale um pouco de cada, entendeu?
> *F., 36 anos, solteira, parda, Nova Igreja Batista, Manaus*

> E eu vi que, como que a política domina muito o povo, né, se eles não deixassem, você não saía de casa, né? Eles te prendem, então, assim, tira sua liberdade, então, eu comecei a ver na pandemia como a política é importante, como que política é para tudo. Então, por isso que eu penso que tem que ter pessoas de Deus lá, porque, senão, a gente não vai poder colocar o pé na rua. O dia que eles falarem que está tudo fechado, você fica preso dentro de casa. Então, assim, o negócio é complicado. Está muito sério.
> *K., 47 anos, casada, branca, Igreja Batista, Belo Horizonte*

> Eu dou preferência pra quem é evangélico, quem é cristão, sabe? Quem busca o Senhor. Só que, assim, não dá pra ter certeza. [...] Não acho que seja garantia. Mas, assim... Pelo menos eu estou escolhendo alguém que, se buscar o Senhor de verdade, vai fazer as coisas certas. Como a moça falou, não vai escandalizar, nada disso. Então, eu procuro votar em quem é evangélico. Então, que eu acredito que o princípio seja buscar o Senhor e fazer de acordo com as leis dele. Mas não acho que seja garantia. Tem gente que é, mesmo sendo da igreja, tem gente que é da igreja e está se escondendo atrás da Bíblia. Mas eu prefiro votar...
> *K., 30 anos, casada, branca, Igreja Pentecostal do Espírito Santo, Goiânia*

> Mesmo achando o que eu acho, que a gente deve separar a política da religião, querendo ou não, quando a gente pensa numa pessoa cristã, a gente pensa numa pessoa que segue os valores cristãos. Então, tipo, de amar ao próximo, de ajudar as pessoas. Então, eu acho que é importante você considerar se a pessoa é ou não, pra poder votar nela.
> *C., 19 anos, solteira, branca, Igreja Batista, Belo Horizonte*

Apesar da preferência por votar em pessoas que professem o mesmo credo religioso, foi bem incidente no relato das mulheres o sentimento de desconforto com a presença de candidatos evangélicos dentro das igrejas. Algumas alegaram se tratar de uma imposição que as fazia sentir pressionadas. Outras, por sua vez, viram como positivo o direcionamento dado pelas comunidades de fé no sentido de orientar, conversar, indicar e ajudar a avaliar as melhores candidaturas. Talvez por causa disso, apenas quatro entrevistadas mencionaram ser incorreto fazer propaganda política nas congregações. Dezoito registraram que suas igrejas receberam candidatos, tanto para posições de vereador (na maior parte dos casos) e de prefeito quanto para de conselheiro tutelar. Quase todas as vezes, esses

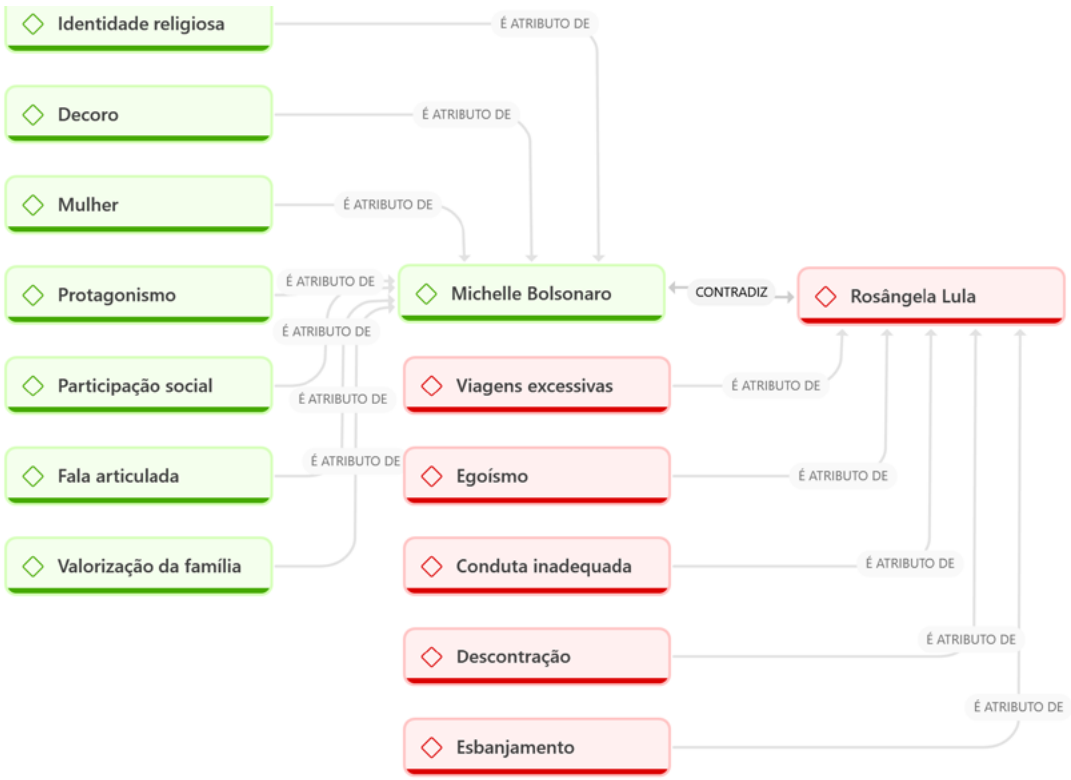
indivíduos foram orar, mas não raro os relatos também evidenciavam que faziam pregações, divulgavam a trajetória política e pediam voto.

Questionadas sobre o que pensavam e como viam a participação de Michelle Bolsonaro e Rosângela Lula na política, as entrevistadas contrapuseram as duas com base em imagens diametralmente opostas. De um lado, Michelle foi bastante engrandecida por sua ativa participação social e trabalho inclusivo com a comunidade de surdos-mudos, autistas e crianças em situação de vulnerabilidade. Outro ponto destacado foi seu decoro, especificamente o posicionamento público elegante e forte, ao mesmo tempo que delicado e modesto. Foi valorizada ainda por ser mulher, protagonista, com fala bem articulada e defensora da família, e sua identidade religiosa, positivamente vocalizada pelas participantes. Mais da metade das entrevistadas disse que votaria nela caso se candidatasse a algum cargo político; já seis demonstraram disposição em relação a ela, mas afirmaram que teriam que avaliar as propostas apresentadas antes de se decidir pelo voto. Apenas duas criticaram sua atuação quando foi primeira-dama.

Já em relação a Rosângela Lula (mais conhecida como Janja), atual ocupante desse cargo, a maioria das pesquisadas declarou observá-la pouco. As que emitiram opinião afirmaram que ela atua apenas em causa própria, que viaja muito e que apresenta postura inadequada ao papel que ocupa junto ao presidente. Criticaram seu jeito descontraído, dizendo que ela é uma "piada" e que vive a esbanjar o dinheiro público, pejorativamente chamando-a de "Esbanja" (combinação de "Janja" com "esbanjadora"). No geral, a depreciação à primeira-dama carrega traços morais, podendo sugerir – embora não se possa afirmar apenas com base nos dados coletados – que parte da antipatia direcionada a Lula contamine a imagem da esposa.

A figura 4 propõe uma síntese, em rede, das representações dessas personagens femininas importantes, e na sequência, são oferecidos excertos ilustrativos das falas das pesquisadas.

Figura 4. Imagens de Michelle Bolsonaro e Rosângela Lula, segundo as entrevistadas



Fonte: Elaboração com uso de ATLAS.ti.

Todas as esposas de presidente, né, todas elas têm, elas são, elas se envolvem em questões sociais, né, pelo menos eu já vi todas assim, durante algumas, alguns mandatos, eu acredito que todas elas. Porém a Michelle, ela resgatou, né, ela trouxe as pessoas menos favorecidas, as pessoas esquecidas. E ela enalteceu o nome do Senhor. E ela enalteceu, ela glorificou o nome de Deus. Em tudo, em tudo que eles passaram, em tudo que eles viveram, em tudo, ela colocou Deus adiante de tudo.

M., 47 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Curitiba

Ela [Michelle Bolsonaro] tem se destacado mesmo, assim, até no posicionamento dela, né? Eu acredito que até nas campanhas dele [Bolsonaro], eu acho que ela foi peça-chave, né? Porque muitas vezes ele não sabia se esclarecer e ela estava ali, né? Como mulher, como esposa. E aí, esclarecia algo que ele não sabia esclarecer. Então eu vejo nela muito essa questão da política, assim, acho que pode ser daqui pra frente uma candidata forte. Mas não tô por dentro de quais são as propostas dela não, mas eu acho que ela tem sim esse... tino para a política com uma delicadeza a mais, com esclarecimento a mais até do que ele. Como teve muita polêmica, muita coisa com relação a ele, eu não sei se as pessoas podem acabar associando a candidatura dela a ele, prejudicar ela ou favorecer ela também, porque tem muita região que prefere o Bolsonaro. Então é algo da gente observar mesmo ao longo dos tempos. Mas quando eu falei de uma mulher forte na política, foi em relação a ela mesmo. O posicionamento dela é bom. O posicionamento dela, como ela se expressa.
J., 33 anos, casada, parda, Igreja Batista, Salvador

Eu penso que muita gente fala dela [Rosângela Lula] na internet. Esbanja, é mesmo, é isso que ela tem feito com o nosso dinheiro, com o dinheiro da população, não só ela como o Lula, esbanjado o nosso dinheiro, eu penso isso dela, completamente diferente de como foi a Michelle Bolsonaro e não passava na... na televisão, pra gente ver o que realmente ela fazia, sabe? O que era feito lá onde eles moram, que ela já abriu até a casa lá pra receber crianças carentes lá. Isso sim que eu acho que é importante pra população, a gente se preocupar com as pessoas carentes. O PT diz que se preocupa, mas não se preocupa não, na minha opinião.
J., 30 anos, casada, branca, Igreja Pentecostal do Espírito Santo, Goiânia

4. Percepções sobre economia, meio ambiente e sociedade

A situação do país nos últimos anos piorou, de acordo com 62% das entrevistadas da amostra. A principal reclamação estava ligada ao aumento dos preços de itens de alimentação e gás (foi citada ainda a diminuição do poder de compra), seguida da percepção de que a economia como um todo está ruim (mencionaram o preço do aluguel, a precarização do estilo de vida e o aumento de moradores de rua). Saúde e segurança figuraram imediatamente depois como áreas em que também se percebe declínio.

Algumas mulheres reclamaram da perda de direitos trabalhistas e previdenciários quando compararam com a legislação que vigorava no passado. No geral, a impressão é que houve aumento de pessoas que desenvolvem atividades autônomas. Elas veem vantagens em quem produz a própria renda de modo independente, pois tem maior flexibilidade e menor carga física e mental em comparação às horas exigidas no regime de carteira assinada. No entanto, grande parte delas ainda permanece como CLT e realiza trabalhos informais para complementar a renda, em função das dificuldades de subsistência. Havia, entre as participantes, mulheres desempregadas e também registro de desemprego de seus familiares. A percepção geral é que o desemprego aumentou; quem relatou aumento das vagas de trabalho fazia comparação com o período pandêmico, em que muitas pessoas foram demitidas.

Outro incômodo das participantes com a situação do país nos últimos anos tinha origem nas promessas feitas em tempo de eleição e que depois não eram cumpridas pelos políticos (referiam-se, nesse caso, às propostas de Lula durante a campanha presidencial de 2022). Para 23% das entrevistadas, não houve qualquer mudança significativa no cenário brasileiro, mas, em consonância com as primeiras, a impressão foi a de que a situação de vida no país não é boa. Por outro lado, 15% disseram

que o Brasil melhorou, apontando, sobretudo, para os vários subsídios que os programas sociais conferem à população mais vulnerável. Nesse sentido, a imagem dos primeiros mandatos de Lula, focados no desenho e na implementação de diversas políticas públicas antes sem precedentes no país, talvez seja refletida na avaliação mais positiva das condições atuais de existência. As entrevistadas que se opuseram caracterizaram essa percepção comouma ilusão, conforme é possível perceber nos depoimentos a seguir.

> Eu acho que a nossa situação econômica piorou. Porque é uma falsa ilusão de que o salário mínimo aumentou e a economia melhorou. Aumentou o salário mínimo, mas todos os produtos também aumentaram, né? O arroz está R$ 25,00. Então, assim, o gás, tudo aumentou. Uma vez a cada três meses está aumentando a gasolina, o álcool, tudo, né? Então, você não pode andar de carro, você vai no mercado e a maior parte do teu dinheiro fica no mercado, então, você não pode fazer um lazer com a tua família porque as coisas estão muito caras
> *K., 28 anos, casada, branca, Igreja Universal do Reino de Deus, Curitiba*

> Eles abrem a boca para falar sobre auxílio, sobre ajuda, mas, na verdade, a impressão que às vezes dá é que é migalha para poder calar a boca do povo, porque, na verdade, a gente tem que se virar no dia a dia. A gente tem que ralar para conseguir dar um sustento básico para a família. E assim, parece que tem vezes que a gente está batendo cabeça. Porque a gente acha que vai melhorar. Por exemplo, abaixar o preço do óleo, mas a carne continua lá em cima. Então, assim, o que adianta? Porque o dinheiro que a gente não vai gastar no óleo, a gente vai ter que gastar numa carne. Aí, fazem mil clínicas, mil UPAs, mas quando chega lá numa emergência, não tem o médico

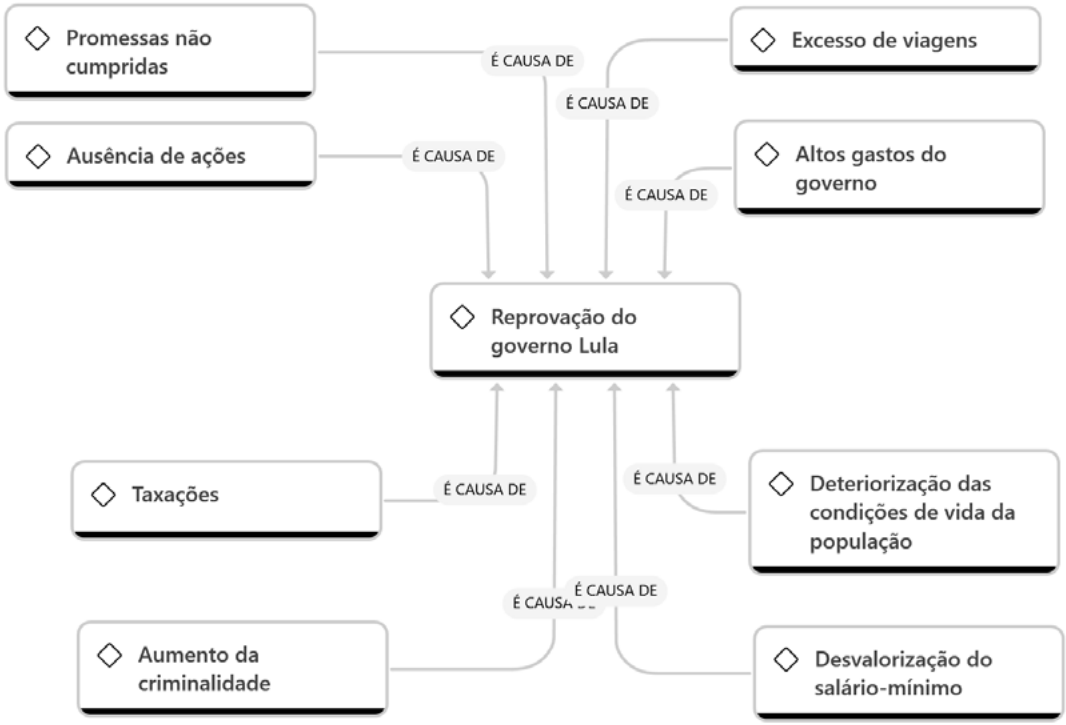
> específico pra tal coisa. Ou nega exames. Quantas vezes eu cheguei com meu filho precisando, você vê, assim, nitidamente, precisando fazer um raio-x e eles negarem, eles só fazem... Eles nem tocam na criança para fazer um... Um diagnóstico. Um diagnóstico. Só olha para a criança e você fala assim, ah, teve febre e diarreia. Toma dipirona.
> *D., 29 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Rio de Janeiro*

A distribuição percentual das opiniões das entrevistadas em relação aos primeiros anos do governo Lula se mostrou muito similar àquela referente à situação do país nos dias de hoje: 67% disseram que o presidente tem feito uma gestão ruim; 15% foram indiferentes, não percebendo nem melhora nem piora significativas; e 18% consideraram a administração como boa. Ainda assim, entre aquelas que avaliaram positivamente, havia as que alegaram, por exemplo, que o país está cheio de "altos e baixos" e que as pequenas melhoras observadas não impactam o cotidiano.

Apesar de as críticas à atuação de Lula espelharem as reclamações elencadas para avaliar as condições recentes do Brasil, as mulheres acrescentam outras queixas ao presidente, como em relação a seu estilo de vida, conforme o depoimento e a rede (figura 5) abaixo indicam.

> Eles vivem só nos melhores hotéis, nos melhores restaurantes. E eles querem que o povo viva na miséria, mas eles querem ter uma vida de luxo. Eles querem viver o socialismo. Eles querem que o povo viva o socialismo, mas eles querem o capitalismo. Eles querem ir para Nova York, eles querem ir para os lugares de primeiro mundo e querem que o povo passe a fome.
> *K., 47 anos, casada, branca, Igreja Batista, Belo Horizonte*

Figura 5. Razões de insatisfação com o governo Lula, segundo as entrevistadas



Fonte: Elaboração com uso de ATLAS.ti.

Importantíssimo notar que as pautas morais e as propostas dos candidatos são os principais determinantes do voto das mulheres evangélicas, como sinalizado acima. Todavia, é o segundo ponto – mais especificamente o resultado da gestão do aparato público mediante as propostas anteriormente estabelecidas, isto é, a consecução dos objetivos – que se torna instrumento de avaliação das figuras atuantes.

Como já mencionado no tópico "Comportamento eleitoral e os determinantes do voto evangélico", foi unânime, entre as entrevistadas, a preocupação com o meio ambiente no sentido de ser uma pauta que precisa estar presente nas candidaturas políticas. As mulheres criticaram a atuação de certos representantes que só aparecem no período eleitoral,

limpando e urbanizando as ruas, mas que depois não se mostram engajados em outras ações. Entre os relatos registrados, todas as entrevistadas que se manifestaram sobre o assunto disseram perceber alterações ambientais, sobretudo no que toca ao aumento do calor (algumas também citaram o do frio), à variação constante das temperaturas e à indefinição das estações, gerando sistemática imprevisibilidade climática. Também mencionaram, ainda que em menor medida, a maior quantidade de secas, ventos, chuvas e alagamentos. Certas participantes fizeram questão de ressaltar que essas mudanças decorrem da ação humana – consumo desenfreado, desmatamento e queimadas. Outras registraram que tais alterações impactam o preço dos alimentos, por trazerem grandes oscilações nas safras.

Racismo religioso

Perguntadas se pensam que existe preconceito contra evangélicos no Brasil, apenas três mulheres afirmaram categoricamente que não; pelo menos 25 manifestaram positivamente, evidenciando os rótulos que elas mesmas ou outros religiosos de sua convivência recebem. A principal reclamação das participantes se concentrou em serem enquadradas em estereótipos aos quais não fazem jus (veja figura 6 abaixo), sobretudo em relação a não poderem cometer erros. Seis entrevistadas relataram que o maior preconceito advém dos próprios evangélicos, que julgam uns aos outros. Apenas duas vezes os termos "cristofobia" e "intolerância religiosa" foram empregados para referenciar as oposições em relação a essa vertente de fé.

Questionadas posteriormente se pessoas de religiões de matriz africana sofriam discriminação, as evangélicas não apenas concordaram, como a qualificaram. Trinta e sete entrevistadas disseram se tratar de um preconceito muito maior; algumas mencionaram a violência impetrada contra terreiros por meio de ataques e destruição de imagens. Consideraram que os integrantes das religiosidades afro-brasileiras são objeto de juízo, por exemplo, por suas vestimentas, mas a maior parte dos relatos concentrou-se no fato de "mexerem com o mal". Cinco mulheres

argumentaram que falta conhecimento acerca dessas religiosidades e que o preconceito pode se fundamentar nisso. Ao menos cinco evocaram a categoria "respeito", definindo um teto para essa indisposição. Seguem alguns excertos ilustrativos.

> Mas eu já ouvi e vi situações onde as pessoas têm aquelas milhares de opiniões, né? Porque, na verdade, quando a pessoa é cristã, infelizmente a sociedade acha que aquela pessoa tem que ser perfeita e que aquela pessoa não vai ter erros. Se aquela pessoa tirar uma carne do dente com a mão, olha, mas é crente, está tirando a carne do dente com a mão. Ah, não era crente? Então, assim, o preconceito eu vejo, eu não sei na região que vocês moram, mas aqui em Salvador eu vejo nesse lado. E é muito, viu, gente? Não é pouco, não. Às vezes, a pessoa não fala na frente da pessoa. Mas o cristão aqui, ele é cobrado assim que ele seja, meu Deus, além de Deus. Porque as pessoas se perderam, gente, até a gente se perdeu, né? A gente confia no homem, a gente confia no pastor, a gente cobra que ele seja aquela conduta, porque tem que ser mesmo, né? Mas que seja aquela pessoa perfeita. E aí que vem as decepções, né? E as pessoas perdendo a fé, porque em muita igreja está acontecendo aí vários escândalos. E a pessoa diz, não, não vou mais, porque o pastor não era de verdade, não vou mais. Então, você não estava lá por causa da igreja, de Deus, você estava por causa do pastor. Então, tem muito isso, tanto o cristão como a pessoa que não é cristã aqui em Salvador, eu percebo que as pessoas cobram muito a perfeição do cristão, a perfeição mesmo.
> *J., 33 anos, casada, parda, Igreja Batista, Salvador*

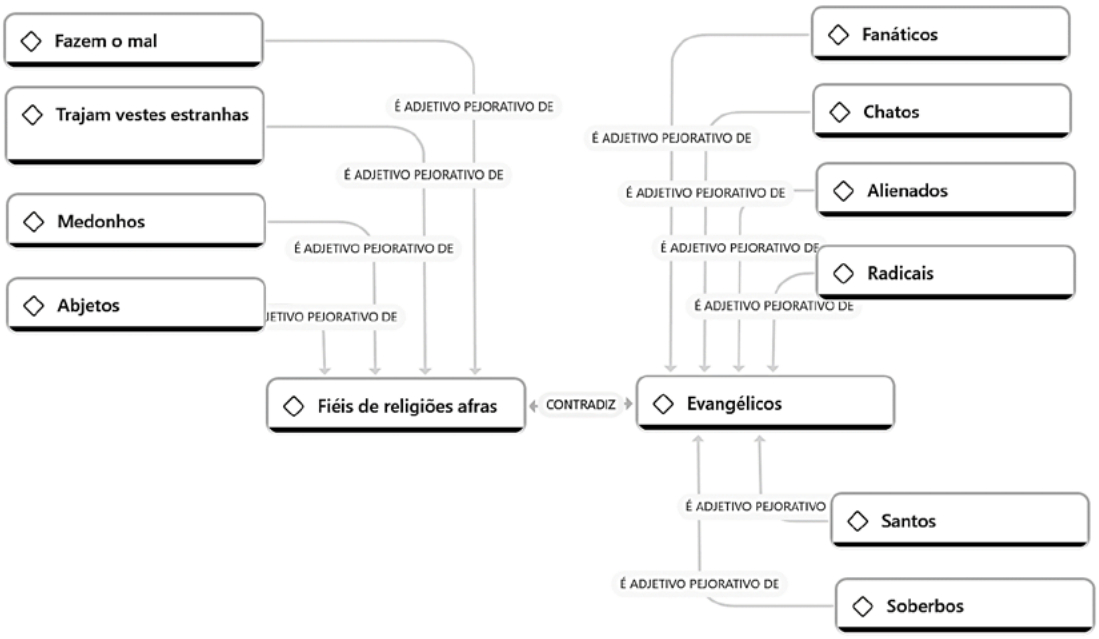
> O evangélico é mais tachado como um chato, né? É, tipo, ah, lá vem o crente, deixa. É, lá vem o crente, ah, lá vem o santo. É, já veio pregar. Não estou a fim de conversar agora, não, viu? Já veio falar de igreja, aí começa. E os afros sofrem mais preconceito, né? Os macumbeiros. Tem gente aqui

que tem até nojo de passar na porta de certas pessoas aqui no bairro. Tem nojo, porque fala que o pessoal... Tem uma casa de Candomblé ali, que sempre eles despacham na porta, jogam as coisas. Aí tem gente que já tem nojo de passar, cospe. É muita coisa que eu vejo aqui. É uma falta de respeito, né? É, cada um tem sua religião, né? Eu mesmo não julgo ninguém.
T., 28 anos, solteira, branca, Igreja Lírio do Vale, Salvador

Sabe que existe realmente um preconceito contra as pessoas que se autoidentificam como uma pessoa que faz parte do Candomblé, porque sabe que vai realmente sofrer alguma retaliação. Eu vejo também um pouco de preconceito das igrejas menores, tipo pontos de pregação, igrejas que estão iniciando, que não têm muita visibilidade, que não é bem conhecida.
M., 47 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Curitiba

Eu acho que a Umbanda é uma delas, que sofre muito. Porque, assim, eu tive interesse de conhecer um pouco, de sentar com quem frequenta e entender a religião. Não falam nem umbanda, né? As pessoas chamam de macumbeiro. Então, assim, eu tinha muito medo. Pra mim era um monstro de sete cabeças. Porque eles fazem mal, eles invocam bicho. Então, eu, quando cheguei numa certa idade, eu falei, não, eu quero entender a religião, porque não é possível. E eu acho que, assim, realmente, dentro da religião, tem pessoas que fazem as coisas ruins, só que tem as pessoas também que não fazem nada, entre aspas, fazem coisas boas. Então, eu acho que eles sofrem mais por isso, porque, não, eles estão fazendo mal, eles estão matando a galinha, eles estão encontrando os diabos. E, às vezes, você não foi nem conhecer, entender o que aquela religião tá fazendo, o porquê tá fazendo aquilo. Que nem você jogar uma rosa no mar no ano novo.
D., 23 anos, solteira, parda, Igreja Batista, São Paulo

Figura 6. Qualitativos depreciativos por religião, segundo as entrevistadas



Fonte: Elaboração com uso de ATLAS.ti.

A ideia de que macumbeiros trabalham com e para o mal é muito forte entre as evangélicas, e isso só fica de fato perceptível na análise das opiniões acerca da iniciação de crianças nas religiões de matriz africana. Quando perguntadas a esse respeito, pelo menos 15 mulheres da amostra discordaram da prática, ainda que entendessem ser natural o processo de socialização dos filhos no universo dos pais para consequente transmissão religiosa. Entre as razões de se manifestarem contra, consideraram as religiosidades afras uma maldição, algo "pesado", uma fé que instiga a consagração ao mal e ao sacrifício de crianças. Conforme também alegam, estas são submetidas aos rituais muito precocemente e que precisariam alcançar maior maturidade e discernimento (idade) para decidir espontaneamente se querem ou não estar em sistemas dessa natureza.

Embora quatro participantes reforçassem a necessidade de respeitar outras religiões, entendiam a iniciação das crianças como uma exigência parental. Outras oito mulheres achavam o contrário: consideravam válida a conduta, pois pensavam que a autonomia para orientar os filhos é um direito dos pais. Elas alegaram que não lhes cabia impor sua fé a outras pessoas. Quatro entrevistadas não souberam opinar sobre o assunto.
Nas palavras delas:

> Tem a parte mais leve, que a pessoa, por exemplo, no espiritismo, a criança vai lá, toma um passe, uma oração, eu não sei. Mas tem a parte do Candomblé, onde oferece as crianças como sacrifícios.
> *J., 45 anos, solteira, parda, Igreja Batista, São Paulo*

> Nossos filhos são herança do Senhor. Eu, não entra na minha cabeça. Essa conta não fecha, não bate. Como alguém que tem, você tem um filho, a nossa obrigação como mãe e pai é proteger, colocar no caminho do bem. Como que alguém pega uma criança e oferece pra coisa ruim? Não entra essa conversa na minha cabeça.
> *V., 35 anos, solteira, preta, Igreja Assembleia de Deus, São Paulo*

> Existe essa questão, né? Os pais, quando têm uma religião, eles querem que a gente siga a mesma religião que eles, né? Mas a gente que tem uma visão acerca da palavra, ensina o caminho que teu filho deve andar, para que quando for velho, não se desvie, porque o evangelho não simplesmente se prega a religião, mas os valores, que as outras, na maioria das vezes, outras religiões, elas não prezam. [...] Então, eu acho, por nós conhecermos a verdade do Evangelho, então, eu sinto muito, espero em Deus que um dia a visão seja aberta, porque às vezes isso coloca as crianças a fazerem rituais, eu posso falar de

propriedade, porque eu já vivenciei esse outro lado. Então, o evangelho é puro. [...] Eu acho que uma criança não deve ser colocada, eu acho que quando crescer, elas tinham o poder de decidir. E o caminho elas vão seguir, no sentido assim, a ponto de entregar a criança em sacrifício. Eu tenho uma sobrinha minha, que a mãe dela, ela era dentro mesmo da religião, e ela ofereceu a filha. E a menina teve que passar por aquele processo de ritual, de três meses, ficar ali dentro daquele lugar, de raspar a cabeça da menina, de ficar. Então, não deixou ela ter escolha. Graças a Deus, assim, que depois de muito tempo, ela se converteu, a minha cunhada, mas a menina não, minha sobrinha não. Eu não sei que religião lá hoje ela segue. Mas é muito, eu acho que é muito invasivo na questão da própria criança, né? Deixar que a criança siga uma religião que exige o sacrifício, o sacrifício literalmente, a questão do corpo, enfim. Então, eu sou totalmente contra.
D., 49 anos, casada, parda, Igreja Primitiva Atos dos Apóstolos, Salvador

Se os pais participam dessa religião, eles vão levar os filhos, com certeza, né? Assim, como a gente leva os nossos filhos para a nossa religião. E tem que ser respeitado, cada um com a sua religião. Mais tarde, como a Sandra falou, tem o livre-arbítrio, você escolhe se aquela criança não está se sentindo bem naquela religião, ele vai procurar uma religião que seja o melhor para ela.
A., 50 anos, viúva, branca, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Manaus

Perguntadas se o Estado deveria garantir que todas as religiões existissem de maneira igual, ao menos 20 entrevistadas responderam favoravelmente. Evocaram a necessidade de respeito a todos os credos, justificaram que isso é o que é esperado de um Estado laico (este termo

foi empregado por algumas das participantes), acionaram a noção de livre-arbítrio (possibilidade de escolha) e diferenciaram crenças pessoais de bem comum. Sete mulheres, entretanto, disseram que não, mas essa resposta precisa ser compreendida à luz de uma interpretação específica da pergunta. Elas compreenderam a garantia no sentido de operar intervenções, e, para elas, o Estado não pode interferir na liberdade religiosa das pessoas. Três entrevistadas, por sua vez, afirmaram categoricamente que o Estado não deve assegurar direitos iguais a todas as religiões.

Nas tríades, foi proposta também uma questão com vistas a mapear o que as mulheres sabiam sobre a guerra entre Israel e Palestina e como pensavam a respeito dos judeus que ocupam a região. Vinte e uma participantes disseram não acompanhar o que está ocorrendo, portanto não se sentiam confiantes para tratar do tema. Dezoito argumentaram que os israelenses são o povo escolhido por Deus – algumas alegaram que, por assim serem, os conflitos que enfrentariam/ão são consequência disso e já estão previstos nas narrativas bíblicas por meio das profecias. Seis afirmaram não acreditar que se trata do povo escolhido, pois a escolha divina independe do território (uma das entrevistadas disse que há escolhidos por lá e por diversos outros países também).Seis entrevistadas disseram que a guerra não deveria estar acontecendo, das quais duas enfatizaram a barbárie que é a morte de inocentes, sobretudo de crianças. Cinco atribuíram o conflito a disputas territoriais, culturais e religiosas, e apenas uma corrigiu a pergunta dizendo não se tratar da Palestina, mas de uma operação do grupo terrorista Hamas. Importa destacar que estas afirmações não são mutuamente exclusivas, ou seja, podem ter aparecido conjuntamente na fala das entrevistadas. Observou-se que, para algumas das participantes, houve dificuldade de fornecer opiniões claras sobre o assunto. Uma fala que sintetiza algumas dessas posições é apresentada a seguir.

Apresenta-se a seguir uma fala que sintetiza algumas dessas posições.

> Eles querem ter a autenticidade que são verdadeiramente o povo que Deus escolheu. Se a gente puder observar,

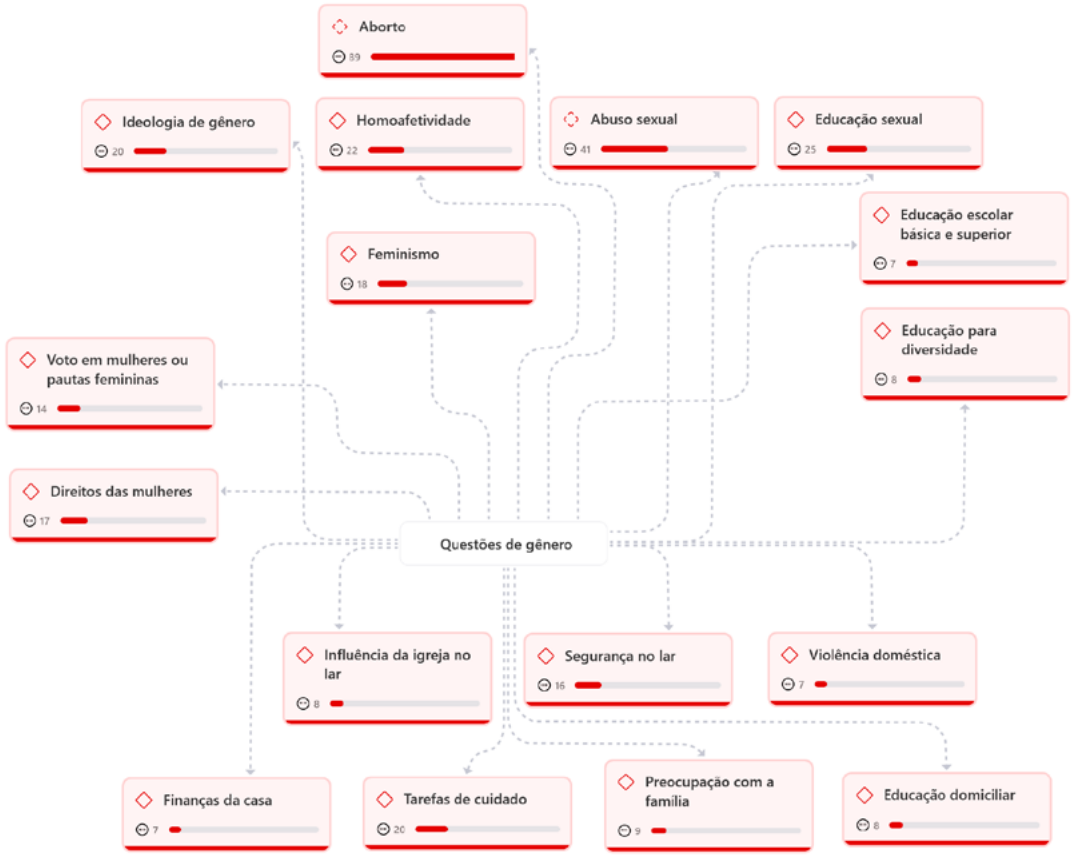
todos foram o que eles defendem. Todos eles são oriundos de Abraão. Essa defesa só que é questão de território, que foi Israel e Palestina. Foi Isaac e Ismael, oriundos do mesmo pai. E está debaixo da mesma promessa. Então, ali estão brigando por uma coisa que, na verdade, se eles observarem pelo evangelho de Cristo Jesus... Não tem exclusividade de paternidade, porque nós também, como gentios, nós somos alcançados e recebemos a autenticidade inteira de Deus. Mas é uma crença deles, que eles defendem até com a própria vida, né? Mas é muito triste porque estão brigando por algo que, na verdade, já lhe foi dado o direito de ser filho de Deus através de Cristo Jesus. Então, é uma defesa deles de que verdadeiramente é o povo escolhido. Eles são escolhidos tanto quanto nós também somos escolhidos. Essa matança, essa guerra santa, se a gente pode trazer esse termo, essa guerra santa, para nada vale. Se o próprio Deus é amor, o amor foi o que Jesus Cristo representou aqui na Terra através de Deus, quando deu o seu filho. Então, eles deveriam estar ali unificados por esse amor. E não fazer terra nem divisões por algo que já é tão lógico que o Senhor nos garantiu na cruz. Essa morte dele para que todos nós, tanto os gregos como os gentios, como judeus, como qualquer outro povo, não tem classismo, não tem essa divisão para que possa ser chamado filho de Deus. É de quando Jesus veio para que isso acontecesse através da graça, mas eles dependem, acreditam, é lamentável, tem tanta morte, tanto sangue derramado, tem que dizer que é por causa de Deus, que não é na verdade.

D., 49 anos, casada, parda, Igreja Primitiva Atos dos Apóstolos, Salvador

5. Questões de gênero, família e educação

Diversas questões envolvendo gênero e sexualidade foram tratadas nas tríades, como "ideologia de gênero", feminismo, direitos sociais, sexuais e reprodutivos, homoafetividade, família, abuso/violência etc. – os temas estão expostos na rede abaixo (figura 7). Apresenta-se cada tópico a partir do código empregado no processo de análise, bem como seu índice de enraizamento (groundedness), isto é, a incidência de cada um a partir dos excertos codificados, permitindo a visualização do que foi mais explorado pelas participantes. As temáticas se atravessam, evidenciando a complexidade do pensamento das entrevistadas e a sensibilidade de determinados assuntos. Para facilitar a compreensão, segue-se uma exposição das opiniões, considerando alguns dos principais entrelaçamentos percebidos durante os depoimentos.

Figura 7. Panorama das questões de gênero tratadas nas tríades, 2024



Fonte: Elaboração com uso de ATLAS.ti.

Aborto

Nos casos de aborto previsto por lei, praticamente todas as participantes são favoráveis quando se trata de estupro. Foram 39 menções, algumas pautadas no fato de a violência mediante ato sexual não consentido poder gerar trauma, principalmente quando se está diante de gravidez de crianças vítimas de abuso que não têm condições físicas nem psicológicas de seguir com a gestação. Duas entrevistadas destacaram mulheres adultas que passam por um estupro também têm seu emocional abalado. Vinte e cinco concordaram com o aborto em caso de risco de vida materno, e 26 consideram um ato legítimo fazê-lo em função de anencefalia fetal. Algumas depoentes demonstraram certa confusão principalmente nesse último cenário, mesmo quando houve esclarecimento da entrevistadora acerca do que permite a Constituição. Certas participantes alegaram ser favoráveis à interrupção da gravidez quando há "malformação", "deficiência", "diagnóstico ruim" e "estado vegetativo".

Oito foram as vezes em que se falou a respeito do direito da mulher de decidir – em nenhuma ocasião apareceu a expressão "livre-arbítrio". Parece que, para esses casos, não se evoca a liberdade da consciência religiosa (opção pelo bem ou pelo mal), mas a consolidação legislativa da autonomia da mulher sobre seu corpo. De maneira minoritária, mas ainda assim digna de nota, sete entrevistadas foram contra o aborto, das quais quatro desfavoráveis em pelo menos um dos casos previstos por lei e três categoricamente contrárias ao procedimento em qualquer situação (neste último caso, um dos argumentos importantes foi o valor absoluto da vida).

Se, por um lado, apareceu o argumento de que cabe às mulheres a escolha pela manutenção ou não da gestação, por outro as entrevistadas também chamaram a atenção para a responsabilidade pelos próprios atos, enfatizando que existem inúmeras formas de prevenção de gravidez e que cabe a cada pessoa lidar com as consequências do exercício da sexualidade (nesse sentido, elas criticaram a libertinagem). Uma alternativa bastante aventada em caso de gestação indesejada (15 menções) foi a doação do

bebê após o parto. Algumas participantes disseram não ser o ideal, mas ser preferível a deixar de suprir as necessidades da criança ou abortar o feto. Quatro declararam que seria possível ainda levar a gravidez adiante e buscar ajuda governamental para tentar criar o bebê.

Vinte mulheres, favoráveis ou contrárias a determinadas situações de aborto, se opuseram ao procedimento após a 20ª semana de gestação (algumas não precisaram a idade gestacional, mas defenderam que é preciso que seja feito o quanto antes). Do total da amostra da pesquisa, nove participantes disseram conhecer métodos de interrupção da gravidez, uma citando remédios, outras duas fazendo referência a chás abortivos, e ainda outra, ao procedimento de assistolia fetal (ela disse: "uma coisa no coração do bebê"). Três delas contaram que já haviam visto sobre o assunto ou que tinham ouvido falar dele, mas sem dar detalhes; apenas uma especificou que tomou conhecimento pelas redes dos políticos. Sete entrevistadas espontaneamente fizeram referência ao Projeto de Lei (PL) n. 1904 – que visa a equiparar o aborto acima de 22 semanas de gestação a homicídio –, das quais cinco foram contrárias, e duas, favoráveis.

Quatorze respondentes defenderam que as igrejas devem se posicionar em relação ao aborto, algumas sinalizando a necessidade de se discutir o assunto em casos de estupro, e outras, a fim de que o procedimento seja evitado. A maioria das que emitiram opinião sobre o posicionamento das igrejas disse que é preciso apoiar, amparar e acolher mulheres que passam por essa situação e ter empatia com elas. Cinco entrevistadas disseram que a igreja não deve abordar o tema, por se tratar de um direito adquirido.

Duas participantes da pesquisa contaram que já se submeteram a um aborto. Uma terceira disse ser filha de inúmeras tentativas de aborto malsucedidas e ter dúvidas se deveria realmente ter existido nas condições de rejeição da mãe. Dez mulheres narraram conhecer outras que passaram pelo procedimento, e registraram que os sentimentos experimentados por aquelas que abortaram são de arrependimento (o mais citado), culpa,

remorso e chateação. Elas relataram que poucas das que cometeram o ato se mostravam indiferentes, considerando certo terem feito o aborto. As entrevistadas também elencaram as consequências que acometiam as pessoas que interrompiam a gestação: complicações médicas, infertilidade e câncer. Pelos relatos, pode-se compreender que existe tanto falta de conhecimento dos procedimentos adotados quanto medo do que eles possam acarretar.

Alguns registros das opiniões das pesquisadas são apresentados a seguir, com a inclusão, especialmente, do número de filhos nas informações sobre elas.

> Tem muitas situações no nosso país que a família é conservadora, que o estupro acontece dentro de casa, certo? E que a criança é obrigada a ter aquela criança ali. Então, isso pra mim, não tem, eu não consigo nem imaginar. Eu, que hoje já sou mãe, você gerar, você passar por uma gestação, que não é brincadeira, tem gente que tem a gestação tranquila, mas tem gente que não. Então, muitas vezes, uma adolescente de 10, 12 anos, 13, viver aquela gestação e depois dar essa criança para a adoção, eu acho muito cruel, até pensar assim, sabe? Eu respeito a opinião das colegas, mas eu acho muito cruel, eu entendo que é uma vida, mas se tratando de um estupro, é muito cruel você permitir que uma criança gere outra criança e que depois ela simplesmente dê. Assim, pra alguém que quer ter um filho. Entende? O trauma, ele continua ali, mesmo ela passando pelo aborto legal, ela vai ter aquele trauma daquele abuso pro resto da vida dela.
> *J., 33 anos, casada, parda, Igreja Batista, Salvador, tem um filho.*

> Mas no caso de estupro, eu não concordo, mas eu não julgo. Entende? Eu, no caso, não faria. Repreendi no nome

de Jesus. Mas, tipo, que nem ela disse. Uma criança não tem condições de gerar outra criança. Ou algo do tipo. Porque também é uma situação muito traumatizante, né, em questão de... Enfim, a vida daquela pessoa, né, muda completamente. Então, eu não concordo, mas eu não julgo também.
L., 17 anos, solteira, parda, Igreja Assembleia de Deus, Curitiba, não tem filhos

Eu também não concordo com a legalização da maconha, e eu sou contra o aborto, por mil causas, até mesmo quando a mulher é estuprada, eu sei que mexe com o psicológico, eu sei o quanto é difícil, não é fácil, mas tem a opção de você doar essa criança, ou deixar na maternidade. Eu não acho justo uma pessoa querer tirar a vida de um inocente. Por mais que seja estupro. Tem a opção de deixar na maternidade. E tem a opção de dar para o abrigo. E tem vários casos de mulheres que foram estupradas e criaram a filha. E hoje a filha é uma grande jogadora de basquete, é uma mulher que guerreou na vida. E eu acredito que a mãe esteja orgulhosa.
J., 17 anos, solteira, parda, Igreja Assembleia de Deus, São Paulo, não tem filhos

Eu acho assim, se você já sabe do início, vamos supor, você já tá com dois meses, você descobriu com dois meses. E aí, eu acho que você já deveria já tirar. Não simplesmente você descobrir com dois meses e a criança já tá com seis meses já formada ali, você já sabe o sexo e tudo, você querer tirar. Não tem lógica isso. Eu acho que, assim, se você for estuprada e você descobrir uma gravidez de dois meses, eu acho que tem que tirar logo, sabe?
S., 20 anos, solteira, parda, Igreja Batista, Salvador, tem um filho

Apesar de os dados demonstrarem que as participantes da pesquisa são, no geral, favoráveis ao aborto previsto em lei, os argumentos contrários foram os que elas mais destacaram ao longo das entrevistas. Isso pode sugerir que tanto as mudanças legislativas propostas para alterar esse direito reprodutivo quanto candidatos que acionem a temática em períodos de campanha tocam em pontos muito sensíveis à comunidade evangélica feminina. Ao serem perguntadas se votariam em pessoas favoráveis ao aborto, 28% das mulheres disseram que sim, relativizando o preceito moral em nome do histórico do candidato e alegando que todas as pessoas têm aspectos bons e ruins. Contudo, 72% afirmaram que só escolheriam aqueles que defendessem o aborto conforme previsto em lei ou que não o apoiassem de modo nenhum. Vê-se, portanto, que o tema constitui um potente mobilizador de opiniões, e a defesa de uma posição contrária, um poderoso ativo político.

Abuso sexual

Praticamente todas as entrevistadas tiveram algo a dizer sobre abuso sexual infantil. Vinte delas relataram conhecer casos nos quais a criança foi abusada por familiares, e 11 disseram que o crime havia sido cometido por terceiros (sobretudo vizinhos, professores e conhecidos que tinham acesso à criança). Esses dados comprovam, assim, estatísticas oficiais que reportam que 57% da recorrência do abuso se dá no ambiente doméstico, com maior prevalência impetrado por familiares. Cinco participantes sabiam de episódios que se passaram com líderes ou membros das igrejas. Duas foram elas mesmas vítimas de estupro, e uma, da tentativa de abuso. Quatro mulheres ressaltaram os traumas indeléveis que permanecem mesmo na fase adulta.

As razões apontadas para o ato foram diversas, sem que alguma sobressaísse muito em relação a outra. De ordem pessoal/moral, foram elencados os seguintes fatores: 1) "safadeza"; 2) falta de caráter; 3) índole ruim; 4) crueldade; 5) desumanidade; e 6) transtorno psicológico. De ordem social, mencionaram-se: 1) abusos sofridos, que levaram a pessoa a se tornar um abusador; 2) ambiente familiar tóxico (podendo incluir agressões físicas); e

3) confiança ilimitada dada a terceiros que têm acesso à criança. Por parte da vítima, as mulheres não indicaram causas, isto é, não atribuíram qualquer responsabilidade à criança; contudo, enfatizaram que os pequenos não têm conhecimento para classificar certos atos como abuso e, assim, pedir ajuda e/ou denunciar. Faltar-lhes-ia, ainda, liberdade para conversar com os pais.

A seguir, destacam-se alguns excertos de fala das participantes da amostra.

> Meu priminho, não era um familiar, mas era um cara casado com a minha tia. Lá em Fortaleza, eles moram em Fortaleza, aconteceu durante uns dois anos, três anos, se eu não me engano, dos seis aos nove, ele estava sendo estuprado pelo marido da avó. E assim, é bem triste. Hoje ele tem 17 anos, graças a Deus, assim que a gente descobriu, a tia dele trouxe ele aqui pra Minas, e ele foi criado aqui, graças a Deus, num ambiente de amor, tem estrutura familiar e tal, mas ficaram muitas e muitas sequelas disso.
> *R., 35 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Belo Horizonte*

> Ela foi abusada pelo pai dela, que era da igreja. E aí, ela foi pelo próprio pai. Então, hoje em dia, ela tem um trauma de conviver com o pai. Ela convive com o pai, mas com a mãe também. Antes, ela só vivia com o pai. E aí, ela foi abusada quando ela era menor. E até hoje ela tem essas sequelas, ela tem esses pensamentos que o pai pode fazer novamente, até porque agora ela já é adulta, mas antes ele era da igreja, agora ele não está mais no cargo de igreja, ele não está mais seguindo os caminhos, mas ela foi abusada pelo pai dela e ele era da igreja, então, ele tinha noção da palavra, ele era da igreja, só pelo fato de ser pai, eu acho que já não é uma coisa muito, não é nada correto, mas ele sim, ele fez isso com ela.
> *J., 22 anos, solteira, parda, Igreja Deus é Amor, São Paulo*

Eu conheço, tenho uma amiga que ela foi abusada pelo professor. O professor não tinha aparecido, isso é bem interessante. Também é um ciclo de confiança, né? Foi até um caso que foi pra televisão e tudo, só que eu não sei de onde vocês são, passou na reportagem daqui da cidade mesmo. [...] Aqui onde eu moro, inclusive, saiu na televisão que uma criança de oito anos foi abusada pelo vizinho. Além de abusar dela, ele matou ela. [...] Eu nem sei explicar o que se passa na cabeça de um monstro pra fazer isso ainda mais com uma criança, porque não é só criança que sofre abuso, mulheres adultas também, mas com criança pior ainda.
A., 18 anos, solteira, parda, Igreja Batista, Salvador

Eu, no meu caso, eu tive uma amiga que foi abusada pelo vizinho. Acho que também tem esses casos que devem ser acompanhados, de pessoas que precisam de tratamento, mas também acredito que existe muita pessoa com maldade. E também pessoas que já sofreram na infância, alguma coisa assim, geralmente também acontece. Quando sofreram na infância e quando acabam crescendo, acabam cometendo o mesmo erro.
L., 17 anos, solteira, parda, Igreja Assembleia de Deus, Curitiba

Olha, eu conheço testemunho de pessoas que hoje já estão na fase adulta e sofreram abuso, né? Enquanto testemunho de sofrer o abuso. Mas, assim, algumas elas testemunham na questão até do próprio pai, abusar sexualmente. Já tive que cuidar de pessoas que passaram por situações na sua infância. Mas, atualmente, uma criança, agora, ainda na sua infância, eu não tenho esse acesso. Mas, pelos relatos, eu acredito que o que levou é a questão mesmo do... da natureza. É uma pessoa... É desumano, é desumano, né? Eu acredito que a pessoa dessa... Ele não tem coração. Abusar

de uma criança ainda sendo filha, independente de quem seja. Mas eu não posso justificar tal ação se não for algo mesmo maligno. Algo maligno.
D., 49 anos, casada, parda, Igreja Primitiva Atos dos Apóstolos, Salvador

Para praticamente todas as entrevistadas, a educação sexual nas escolas é considerada muito importante e necessária. Vinte e três mulheres justificaram isso em função de tornar possível a proteção contra abusos, estabelecendo uma relação de causalidade no sentido de essa educação ser preventiva da violência contra crianças e adolescentes. Outros argumentos que apareceram diziam respeito à possibilidade de prevenção de gravidez precoce e indesejada (oito citações) e de infecções sexualmente transmissíveis (cinco incidências). Elas ainda falaram ser relevante para ensinar sobre o corpo e seus limites, uso de preservativo e menstruação. Novamente, houve falas que apontaram para a dificuldade de comunicação de pais e filhos quando se trata desse tema.

Algumas entrevistadas, no entanto, se mostraram reticentes, fazendo ressalvas em relação à idade. Nove prefeririam que houvesse educação sexual apenas para adolescentes e jovens. Pelo menos três delas chegaram a mencionar que, em tenra idade, isso seria muito prejudicial; nesse sentido, se viu uma narrativa biologizante, enfatizando que o cérebro das crianças não estaria preparado para esse tipo de abordagem. Certas participantes demonstraram temor do que o governo atual (de esquerda) poderia fazer. A maior preocupação delas era a oferta de um ensino que desqualificasse a binaridade e inserisse a pauta trans, abrindo possibilidades de escolha fora do que é socialmente atribuído quando do nascimento. Isto é, no geral, as entrevistadas se mostraram favoráveis à educação sexual nas escolas, ressalvando a idade e discussões sobre identidade de gênero. Por sua vez, oito mulheres endossaram que esses assuntos seriam atribuições exclusivas da família, nesse momento, não estabelecendo qualquer associação sobre a prevalência de abuso sexual infantil dentro dos domicílios, como fazem as defensoras de que o tema seja tratado no espaço escolar.

Os excertos a seguir ilustram o pensamento das participantes da pesquisa.

> E eu vejo isso muito como um tabu hoje em dia, porque muitas pessoas têm uma ideia errada sobre educação sexual. Mas, eu acho que isso serve muito para a prevenção para as crianças, porque se a criança não souber, como ela vai se proteger de algo, né? Então, eu acho muito importante que isso seja incluído na escola.
> *V., 18 anos, solteira, branca, Igreja Batista, Manaus*

> Eu acho importante da gente ter a educação sexual também para as crianças, por uma questão de prevenção, uma questão que as pessoas acham que a educação sexual para criança é falar de sexo, não é sobre isso, é sobre falar do corpo, conhecer os limites daquele corpo, saber aonde cada pessoa pode chegar, quem pode chegar ali, então, isso é muito importante também. Faz muita falta nas escolas. Eu acho que se tivesse isso, evitaria muitos casos de abuso. Porque, às vezes, aquela criança é abusada dentro de casa. Então, não vai ter quem oriente ela sobre essas coisas. E muitos pais, às vezes, não se atentam a explicar que não pode encostar, que só quem pode ver é a mamãe. Então, tudo isso ajudaria que aquela criança, tendo aquela aula percebesse que ela foi violada por alguém, e ela conseguisse pedir uma ajuda para que isso não venha acontecendo. [...] É importante também para prevenir gravidez e tudo mais, mas também, trazendo para todos os anos, desde quando a criança é pequena, para ela entender o seu corpo e entender realmente os limites dele.
> *S., 30 anos, divorciada, branca, Igreja Batista, Rio de Janeiro*

> Eu, assim, eu acho que a pessoa, quando ela é adulta, ela faz o que ela bem quiser na vida dela, né? O que

não pode acontecer é respingar isso nas crianças. Nas crianças, nos adolescentes que ainda não têm, né? Não tem uma formação, não é formado psicologicamente, não tem um corpo, né, formado ainda. E esse tipo de coisa não deve se respingar nas crianças. Não deve ser nada por imposição, né? [...] As crianças, a ideologia de gênero na escola, eu sou totalmente contra, né? Hoje, os professores que, antigamente, na minha época, que eu estudava, eram pais dentro de salas de aula, pessoas que você tinha que respeitar como fossem seus pais, e hoje são os mais lixos, nojentos que existem, são os que tentam minar a cabeça das crianças, dos jovens, dos adolescentes, a situação nas escolas está insustentável, insustentável de verdade, né, eu acho que as crianças deveriam ser protegidas total e completamente dessa baixaria, dessa sujeira, né? Enfim, vai lá, tem uma criança que nasceu lá, transgênero, não sei como que é. Enfim, eu acho que deveria ser tratado como um assunto de saúde mesmo, psicológico. Porque não pode existir, gente, não existe uma pessoa que Deus se enganou da forma que ele trouxe ela ao mundo. [...] A pessoa adulta, ela que se resolva, mas não queira impor a sociedade a aceitar, os pastores, os padres a aceitar a fazerem casamento, as pessoas estarem dentro das igrejas por imposição.
M., 47 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Curitiba

Olha, eu considero importante, mas ao mesmo tempo preocupante, pelo governo atual, da defesa do governo, ou seja, você já esclarecer para a criança que ela tem o direito de escolher o sexo dela, entendeu? Então, para a atualidade, eu preferia que não tivesse essa... a relação com sexualidade, porque depende de quem vai estar instruindo

> e qual é a base do ensinamento daquilo que eles adotam como a coisa natural e passar para a criança que elas têm o direito de ser menina, desde quando era menina, e vestir a roupa de mulher, se é o desejo que tem. Então, para o governo de hoje, eu acho muito preocupante essa questão dessa... implantar uma matéria sobre sexualidade, por conta do que o governo defende, né? Eu preferia que não tivesse, que nós pudéssemos instruir dentro da nossa casa, ou seja, a depender da instituição em que os nossos filhos fazem parte, por exemplo, a instituição religiosa, falam sobre sexualidade, tem um direcionamento totalmente diferente do que chegar num lugar... uma escola que, enfim, tem um liberalismo, questão da educação nesse sentido, e levar a criança para ter, abrir a mente da criança em relação a isso. Então, acho que divide opiniões e, volto a dizer, para um governo como o de hoje, é preferível que não haja essa instrução sexual para as crianças. Por conta dessa linha que eles levam.
>
> *D., 46 anos, casada, parda, Igreja Primitiva Atos dos Apóstolos, Salvador*

No geral, as entrevistadas também defenderam que é função da escola ensinar sobre diversidade, combatendo o bullying, o racismo e o capacitismo e cooperando para o respeito entre todos. Ao menos 15 demonstraram valorizar a educação universitária, principalmente em função da aquisição de conhecimento teórico e da validação necessária para certas profissões (como medicina e advocacia). Entretanto, a maioria ressaltou que nem sempre o ensino superior garante empregabilidade ou melhores condições de vida. Isso talvez seja fruto da percepção delas acerca do aumento do número de pessoas que trabalham de forma autônoma, como sinalizado na terceira seção deste relatório. Um número pequeno de participantes disse preferir cursos profissionalizantes e a aquisição de experiência prática a partir do empreendedorismo.

Quando questionadas sobre a educação domiciliar, 15 mulheres responderam que são contra, e quatro, a favor. A pandemia de Covid-19 foi citada como exemplo de experiência forçosa, tanto por mulheres jovens que ainda estavam cursando o Ensino Médio quanto por aquelas, um pouco mais velhas, que instruíram seus filhos à época. Houve quem enxergasse ter sido um período bem-sucedido, e outras que justificavam ser justamente isso o que as fazia ser desfavoráveis à ideia. Eis as razões elencadas pelas entrevistadas que foram contra: 1) despreparo das mães, tanto em termos didáticos quanto em relação ao domínio de conteúdo; 2) necessidade de a criança ter interações sociais; 3) possibilidade de aprendizagem a partir da observação do erro do outro; e 4) sobrecarga das mães no acúmulo de mais uma tarefa.

Algumas mulheres argumentaram ainda que o ensino domiciliar significa a desvalorização do trabalho do professor e que, se com a conclusão do Ensino Superior, já há dificuldades de conseguir um emprego, com o domiciliar seria ainda pior (algo que reforça a já mencionada valorização, parcimoniosa, do ensino universitário). Para uma das respondentes, não se trata de algo viável no Brasil, tendo em vista as inúmeras desigualdades sociais do país.

"Ideologia de gênero"

Instigadas a elaborar uma reflexão sobre gênero/"ideologia de gênero", as entrevistadas apresentaram, na maioria das falas, uma enorme "confusão" (palavra delas) em relação aos termos. Algumas não sabiam ao certo do que se tratava, ao passo que outras diziam não conhecer muito bem, pois "cada dia inserem uma sigla" (fazendo referência à comunidade LGBT+[30]). Pela falta de compreensão e generalizada dificuldade de construírem um pensamento a respeito, é possível pensar que há a produção de uma narrativa sob a égide desse sintagma que não parte das bases, ao menos não a evangélica. Talvez em função de as participantes da pesquisa considerarem que a temática causa muita "polêmica" (termo também empregado por elas), ao menos 12 vezes a categoria "respeito" foi evocada, assim como também

havido sido no trato da educação escolar para a diversidade, conforme demonstrado acima. Ora elas mencionavam a necessidade de serem respeitadas por pessoas LGBT+, ora diziam-se despidas de preconceito e capazes de respeitá-las, mesmo que não concordassem com elas. Apesar de tal posicionamento mais geral, apareceram nas entrevistas as palavras "aberração" e "repugnância" para fazer referência a esse grupo.

A despeito da incerteza ante a pergunta, 20 mulheres emitiram opinião. Doze disseram que "ideologia de gênero" seria a transição de gênero e/ou o ensino, nas escolas, da possibilidade de se escolher ser homem ou mulher. Sete consideraram ser uma imposição da presença/visibilidade do afeto homoerótico ou uma indução a práticas associadas a pessoas LGBT+. Apenas duas utilizaram a expressão "sexualização de crianças e adolescentes".
Nas palavras delas:

> É assim, eu acho que, como eu vou dizer, eu acho que as pessoas... [tá] confundindo muita gente com essas coisas, porque assim, Deus criou homem e mulher, bom, pra mim, o certo é isso, aí, então, hoje em dia, é muita coisa, aí, vem um falar, tipo, nasceu homem, mas não se identifica como homem, aí quer virar mulher, aí, tem a mulher que não se identifica, e aí quer virar homem, e, aí, é muita informação, então, tipo, é muita sigla. Eu não entendo muita coisa também não. Então, assim, pra mim, o certo é homem, mulher e ponto final. Pra mim, o que passou disso já é a invenção do homem já.
> *L., 29 anos, solteira, parda, Igreja Batista, Belo Horizonte*

> Agora, assim, há poucos anos que ficaram isso, de homem que nasceu em corpo de mulher, sei lá, mulher que nasceu em corpo de homem. Mas, assim, não concordo muito com isso. Não acho nem que isso tem que ser ensinado para as crianças. Esse negócio, por exemplo, não tem que ser ensinado para as crianças. Isso não existe. Não concordo.

É um pouco confuso entender isso, mas agora mesmo, nas mídias, teve um caso aí.
J., 30 anos, casada, branca, Igreja Pentecostal do Espírito Santo, Goiânia

É um ponto fixo. Homem e mulher. Mas, hoje, o mundo tá doido, tá virado. Igual eu mesma, já fui bi. Eu tinha essa curiosidade de como é ter uma relação com uma outra mulher, conviver com uma mulher. Não tive uma experiência muito boa. Eu mesma, por ser uma mulher alta e magra, às vezes eu sou confundida. Às vezes, o povo pensa que eu sou outro gênero, que eu sou um homem vestido de mulher. Pelo fato de eu ser alta e magra. Mas isso não muda, isso não muda, até porque eu sou mãe, eu sou uma mulher, mas, hoje em dia, o mundo tá muito doido, cara, muito, muito mesmo, e tem um monte de... tem trans, tem tudo, LGBT, a Paulista mesmo, quando tá nesses tempos, assim, lota, a gente já não sabe mais quem é quem, se é um homem, se é uma mulher, porque lá só tem gente tudo misturada, de todos os gêneros. Então, eu falo, meu, tá uma loucura. Uma loucura total. E às vezes, eu me sinto muito mal por ser comparada com um homem, sendo que eu não sou um homem. Então, se não existisse esse fato, eu acho que seria menos burocrático.
J., 22 anos, solteira, parda, Igreja Deus é Amor, São Paulo

Respeito, não... sabe assim, eu acho que assim, eu respeito a sua opinião até o ponto que a sua opinião, né, não expõe a eu. O que que é não expor eu? Eu não preciso presenciar o João beijando o João ou a Maria beijando a Maria. Respeito o João e o Alfredo como seres humanos. Agora, a parte íntima deles, acho que não precisa ser exposta, não aceito. Gente, eu não sou preconceituosa, tem pessoas que eu

conheço, amo, é igual eu amo o pecador, eu não amo o pecado dele, mas respeito a opinião dele porque se eu não respeitar, não vou ter como ganhar ele pra Jesus.
L., 47 anos, divorciada, branca, Igreja Congregação Cristã no Brasil, São Paulo

Homossexualidade

A resistência em relação à homoafetividade se comprova entre as mulheres para além do trato da "ideologia de gênero". Predomina a imagem da família tradicional formada por homem, mulher e filhos. Elas compreendem tratar-se de um princípio bíblico inquestionável, por isso são, no geral, inflexíveis na negociação de gênero desse arranjo. Para elas, Deus ama o pecador, mas não o pecado [homossexualidade], como citado acima, algo repetido por várias entrevistadas.

Contudo, em duas tríades – isto é, para seis participantes –, a noção de família apareceu flexibilizada. Trata-se de mulheres jovens, entre 16 e 19 anos, que reconhecem a composição familiar de casais não héteros como válida; ainda assim, como demonstra um dos excertos a seguir, a rejeição também se observa entre as que pertencem a essa faixa etária. A maior resistência, todavia, parece estar em entrevistadas com mais de 40 anos, mas esse efeito geracional precisa ser ponderado por outro dado. Pelo menos 26 participantes se disseram favoráveis à adoção de crianças por homossexuais. Algumas chamaram a atenção para os maus-tratos que certas crianças sofrem, que podem ocorrer em famílias tradicionais. Por causa disso, ainda que titubeando acerca do impacto que a convivência com o afeto homo poderia provocar, consideram que a possibilidade de um órfão receber amor, carinho, atenção e boa criação por meio de pessoas que optam por adotá-lo é mais relevante. Elas mencionaram a palavra "amor" inúmeras vezes, tentando evidenciar que esse sentimento suplanta o preconceito. Quatro entrevistadas foram mais incisivas, se posicionando

completamente contrárias à adoção por casais homoafetivos, mas pelo menos cinco afirmaram não julgar as escolhas alheias. Quatro respondentes alegaram se tratar de livre-arbítrio. Ao menos 13 mobilizaram novamente a noção de respeito, demonstrando que representa a lente com a qual enxergam aquilo que dista de seu padrão.
Abaixo, algumas de suas falas são explicitadas.

> A mulher, ela foi feita pra gerar... Deus criou o homem e a mulher, então eu acredito nisso. Segundo a Bíblia. Mas, o pecado veio ao mundo. E quando o pecado veio ao mundo, muitas coisas mudaram. As pessoas começaram a se assumir, gostar de outros gêneros. Então, eu acredito, né? Mas, eu não concordo muito com a sociedade LGBTQIA+. Porque, segundo a Bíblia, existe o homem e a mulher. Então, você é homem, você não é mulher. É uma palavra um pouco homofóbica, mas... É isso. Eu respeito a comunidade LGBT, eu tenho compreensão porque eles são, mas não vai comigo. Eu respeito, tenho empatia para compreender, mas não.
> *J., 17 anos, solteira, parda, Igreja Assembleia de Deus, São Paulo*

> Porque a gente pensa, é melhor a criança estar numa família homossexual, ser bem tratada, bem cuidada, enfim, acontece de agressões, de abuso, acontece. Mas acontece também na família tradicional. [...] Eu gostaria de abrir minha boca aqui e falar, não, eu não concordo, porque a Bíblia fala que a criança é de uma família tradicional, é isso. Mas eu não posso ser injusta também com os casais homossexuais que têm amor, que querem um filho para amar de verdade, para se chamar de seu. Então, é muito difícil opinar.
> *M., 47 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Curitiba*

> Poder adotar, pode. Foge aos princípios bíblicos, mas pode ser adotado e a gente tem que respeitar. Deus ama o

pecador, não o pecado. Então, nós temos que respeitar. Não interessa se são casais diferentes do que Deus criou, mas é uma família.
M., 50 anos, viúva, branca, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Manaus

Eu acho que tem que ter amor. Se for pra tratar bem, pra dar amor, pra dar educação, por que não? A gente vê tanto casal hétero e desestruturado e que a criança estaria muito melhor, às vezes, no lar homoafetivo. Então... o que importa é como aquilo vai acontecer, e não o que está acontecendo, assim, ah, mas são dois homens, gente, mas eles estão dando amor, estão dando carinho, estão respeitando, estão educando, estão ensinando, não vejo por que não.
R., 35 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Belo Horizonte

Portanto, no que tange ao trato da homossexualidade/homoafetividade, é possível dizer que há uma moralidade pragmática, isto é, a maior parte das evangélicas recusa e repele os homossexuais, mas pondera a construção da abjeção em função de interesses ligados às necessidades e urgências sociais.

O universo heteronormativo

O que as evangélicas compreendem como o padrão bíblico de constituição familiar será problematizado a seguir tendo em vista o modo como as entrevistadas relataram suas preocupações com a família, a forma como as igrejas impactam a convivência doméstica, a divisão das tarefas de cuidado (reais ou hipotéticas), a administração das finanças do lar e as dimensões de violência doméstica. Serão apresentadas ainda as opiniões delas sobre os direitos das mulheres, o feminismo e o voto em mulheres e/ou em candidatos/as que as priorizem em suas pautas.

Os principais temores das participantes em relação às famílias foram emitidos nesta ordem: 1) falta de segurança (nesse sentido, ainda que a dimensão do território de inserção das mulheres seja um condicionante, o problema também apareceu sendo mencionado por entrevistadas que não vivenciam a exposição diária à violência, mas que se informam sobre ela por meio das mídias); 2) garantia de provisão financeira para a família e cuidado com crianças e idosos em caso de falecimento; e 3) educação dos filhos. Apenas duas pessoas disseram que a preocupação é ter mais qualidade de vida, e somente uma mencionou a salvação dos familiares. Esses dados, assim como os que apontaram para a flexibilidade da moralidade evangélica feminina quanto à adoção de crianças por homossexuais, revelam que há uma "hierarquia das urgências" (termo utilizado pela pesquisadora Patrícia Birman Birman no seminário "Religião, discurso de ódio e mídias sociais no Brasil: uma parceria entre o ISER e a Fundação Heinrich Böll", 27 de abril de 2023). Ou seja, as expectativas e os anseios mais concretos do cotidiano subjugam a dimensão religiosa.

Entre as entrevistadas que responderam acerca da importância da igreja para lidar com a família, quase todas mencionaram o aumento da conexão e da união, no sentido do fortalecimento dos laços familiares. Também enfatizaram o suporte na criação dos filhos e a melhor gestão dos conflitos do casal. Quase a metade delas ressaltou que a igreja auxilia no cultivo da paciência, e uma disse que as comunidades de fé também impactam positivamente o entorno no qual estão inseridas, a vizinhança.

Sobre a divisão de tarefas domésticas, o que se vê entre as evangélicas é uma mentalidade não conservadora, ainda que talvez se esteja diante de uma idealização que não encontra respaldos no dia a dia. Pelo menos 23 mulheres disseram dividir o trabalho (ou ser a favor de fazê-lo) com o cônjuge e demais moradores do domicílio (apenas duas evocaram a dimensão dos direitos femininos como equivalentes aos masculinos para justificar sua posição). Um número menor registrou que as mulheres permanecem sendo as únicas responsáveis pelo cuidado, mas isso foi observado principalmente

nas narrativas de participantes entre 16 e 30 anos, e boa parte dizia respeito à continuidade de uma experiência iniciada com as mães delas; as entrevistadas relatavam que, em seu ambiente doméstico, os pais e (quando havia) os irmãos não ajudavam, cabendo a elas e às mães as tarefas do lar. A compreensão de que esses homens entendiam a dedicação à casa como uma atribuição/vocação das mulheres foi reputada por elas à diferença geracional e a uma forma de pensar não atualizada. Ainda assim, e apesar de ser predominante entre os relatos a noção de divisão das tarefas, ao menos 19 mulheres registraram notória sobrecarga.

> As mulheres ficam mais sobrecarregadas porque, apesar de que aqui em casa a tarefa é dividida. Não tem homem nem mulher para poder fazer. Ah, não vou fazer porque eu sou homem, não vou fazer porque eu sou mulher. Mas, mesmo assim, é a mulher mais sobrecarregada. Porque a mulher tanto trabalha em casa como ainda trabalha na rua. Apesar de que o filho ajuda, o marido ajuda, que não é meu caso, que eu sou divorciada. É Deus e eu, e meus filhos e pronto
> *J., 60 anos, divorciada, preta, Igreja Internacional da Graça de Deus, Salvador*

> Com certeza recai mais sobre a mulher. Aqui em casa, até que a divisão é boa, graças a Deus, mas ainda assim eu sei que a maior responsabilidade é minha, com toda certeza.
> *R., 35 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Belo Horizonte*

> Na minha opinião, por mais que eu tenha também ajuda, mas... Não adianta, sempre a maior parte, eu brinco aqui que quando eu faço cinco coisas, meu marido está fazendo uma. E se bobear, ainda me chama para ajudar ele a fazer a que ele está fazendo. Então, eu sinto que é muito maior sobre a gente.
> *S., 30 anos, divorciada, branca, Igreja Batista, Rio de Janeiro*

> Eu vejo que cai bastante esse lado das mulheres. Isso vem desde lá de trás. Então, isso acaba sendo forte ainda nos dias atuais, [...] tanto para o lar, que as mulheres recaem para essa parte de limpeza, de cuidado perante a comida, alimentação, levar os filhos à escola, médicos. E os homens ainda tendem ao quesito de ter apenas o trabalho, né? Digo, o do sustento.
> *J., 24 anos, solteira, branca, Igreja Batista, São Paulo*

Embora nem todas as participantes da pesquisa tenham respondido sobre a administração das despesas da casa (é importante considerar que algumas não tinham independência financeira em função da idade), 100% dos relatos coletados mostraram que as mulheres auxiliam no pagamento dos gastos. Um número pequeno argumentou não concordar com a divisão equânime das contas do lar. Ainda assim, elas registraram ser responsáveis por cobrir parte dos dispêndios.

Perguntadas se consideram as casas espaços seguros para as crianças e se confiariam seus filhos aos cuidados dos homens da família, 75% das mulheres disseram que não, sobretudo relacionando o dado à possibilidade de abusos sexuais. Os relatos a seguir detalham esse pensamento.

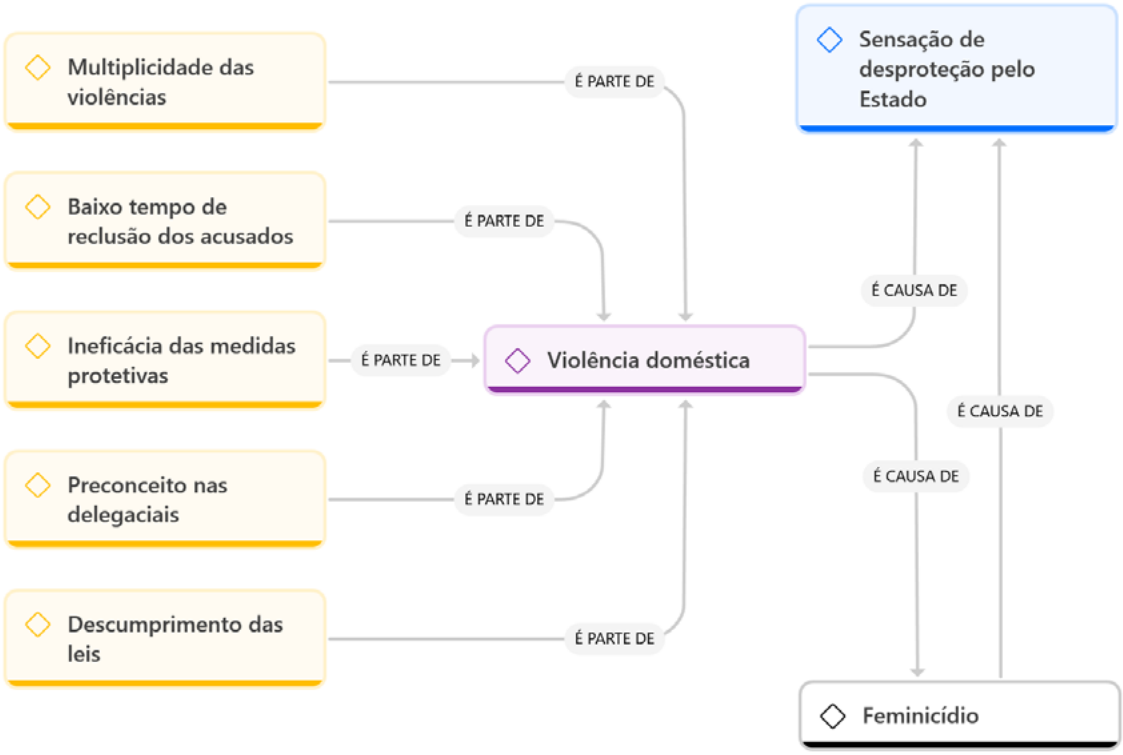
> O inimigo não brinca de fazer arruaça, ele entra e faz de verdade. Sabe, às vezes, a pessoa começa a olhar pra tua filha, por mais que seja de parente. Eu não confio nem em mim, porque eu não sei o que eu posso ser capaz. Imagina no outro, que eu não sei a mente. Imagina. Às vezes começa a olhar, observar, porque pôs um short, porque tá mostrando um pouquinho da barriga, porque criou o peito. A maldade já começa, porque a mulher é gordinha, cheinha, magrinha, que tem cabelo, que não tem cabelo, já começa ali a olhar de um jeito diferente e o coração do homem é enganoso.
> *V., 35 anos, solteira, preta, Igreja Assembleia de Deus, São Paulo*

> Desde sempre, assim, desde bebê, meu filho só toma banho se for comigo. O pai, assim, não encosta, não dá banho, só trocava mesmo a cuequinha ou a fralda, mas também eu ali supervisionando, né? Porque assim, eu não confio. O inimigo tá ali pra matar, destruir e acabar com tudo, né? Então, eu não confio.
> *F., 36 anos, solteira, parda, Nova Igreja Batista, Manaus*

Se a concentração da responsabilidade do âmbito do lar sobre as mulheres ainda funciona como um bastião do conservadorismo evangélico (conservadorismo íntimo, por assim dizer), há um limite importantíssimo de resistência delas que se expressa na consciência crítica a respeito da violência doméstica. O principal argumento das entrevistadas girou em torno da ineficiência do aparato estatal para garantir a segurança ante ameaças que se interpõem; algumas apontaram a inoperância da legislação, como a Lei Maria da Penha (n. 11.340/2006). O sentimento de desproteção (sobretudo pelo Estado) se revelou ainda na segunda questão que mais apareceu nas falas, qual seja, a do feminicídio. Abaixo, apresenta-se um excerto que expressa isso, além da rede (figura 8) que mostra a constelação de fatores que as entrevistadas associaram à violência doméstica.

> Olha, isso é uma parte que mais me revolta. E assim, não venha pra cá me dizer que marido bateu, tem que orar, irmã. Isso aí, pra mim, não rola. Entendeu? Bateu, a violência tá fora do certo. É muito complicado o aumento, isso, até dentro das igrejas, tem muito, e tem se aumentado, porque muitos se calam também mediante essa situação, mas também a gente não sabe para quem falar, porque não sei se vocês viram o caso de uma cantora, Sara Mariano, foi aqui, e ela é a mulher de Deus. E o cara matou ela, esquartejou ela, sabe? Foi muito triste.
> *M., 42 anos, solteira, branca, Igreja Batista, Salvador*

Figura 8. Violência doméstica, segundo as entrevistadas



Fonte: Elaboração com uso de ATLAS.ti.

Questionadas se mulheres e homens têm os mesmos direitos, ao menos 20 entrevistadas disseram que não, ao passo que cerca de 10 afirmaram que sim. Mas esse quantitativo precisa ser relativizado à luz do fato de praticamente todas afirmarem que as pessoas são dignas dos mesmos direitos. Portanto, a grande diferença nas respostas reside na percepção, ou não, da concretude dessas conquistas, e não em seu valor moral. Uma parte menor das participantes acionou a ideia de machismo e a imposição da autoridade dos homens, mas isso não foi prevalente entre o grupo da amostra.

Abaixo, seguem alguns excertos de fala, bem como uma rede (figura 9) que evidencia os aspectos nos quais as evangélicas reputaram ainda haver muito a ser melhorado.

A mulher sempre tem de se abdicar mais. Eu acho que tudo para a gente é muito mais difícil, porque a gente é mãe, a gente é esposa, a gente é filha, a gente tem que trabalhar, a gente tem que estudar. Então, para a gente conseguir alguma coisa... A gente tem muito mais responsabilidade e muito menos oportunidade... Porque, o homem sempre vai sair na frente... Porque ele não vai gestar, então, ele é menos um problema para aquela empresa. Na hora de subir de cargo, às vezes, ele vai ser muito mais preferido para um cargo de liderança por conta, realmente, de não ter filhos. Porque, por mais que você não tenha, vai ter essa possibilidade. Então, por a gente viver numa sociedade que ainda é muito machista, ela ainda não consegue dividir as tarefas igualmente, a mulher vai estar sempre muito mais sobrecarregada. Por mais que a gente tenha um parceiro, alguém que ajude, ainda assim, não é a mesma coisa. A gente sempre está ali como um polvo, tentando administrar todas as situações, tentando ser perfeito em cada uma delas, e não é fácil

S., 30 anos, divorciada, branca, Igreja Batista, Rio de Janeiro

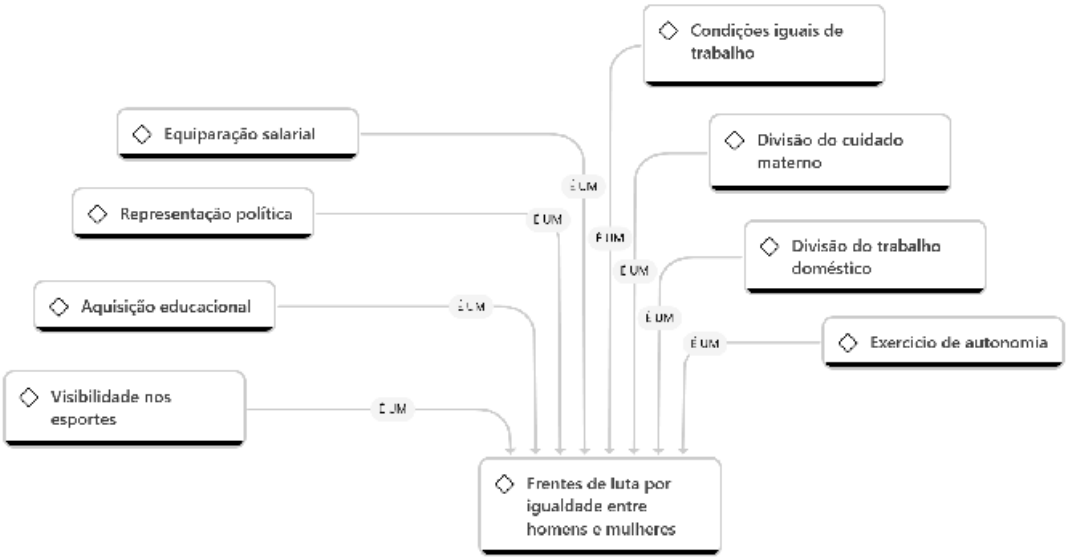
Porque eles não querem direitos iguais. Né? Então, assim, como eu tenho o teu direito, eu também tenho o meu direito. Mas não existe. A mulher sempre... Eles falam sempre que é submissa ao homem e aquilo. Bom, eu já ouvi a seguinte frase mais de uma vez: "Até na Bíblia, Deus mandou a mulher obedecer ao homem". Eles se criam em cima disso, e acham que eles são melhores. [...] Eu respondi o seguinte: "Deus mandou você honrar a sua mulher também. Você honra, você respeita? Então, os direitos são iguais. Se não quer receber, não faça".

M., 42 anos, solteira, branca, Igreja Batista, Salvador

O Brasil ainda tem bastante preconceito, a gente tem jornada tripla, né? É trabalho, é casa, é filhos, se estuda, então é mais uma tarefa. Então, eu acho que sim, nós temos bastante preconceito, infelizmente. Às vezes até... Entre nós mesmos, mulheres, né? As pessoas ainda têm esse preconceito. Tem que melhorar muita coisa
C., 45 anos, casada, branca, Igreja Presbiteriana, Rio de Janeiro

É, eu acho que as mulheres acabam tendo menos direito que os homens, a gente pode ver isso, tipo, em vários lugares, por exemplo, em questão de, já vi gente falando que em entrevista de emprego, a pessoa perguntou pra mulher se ela tinha vontade de engravidar. E aí, se ela falasse que sim, ela não era convocada pra aquela vaga, por exemplo. Porque eu acho que não faz sentido, porque o filho é uma dádiva de Deus. Então, a gente tem que... A gente não pode fazer esse tipo de distinção
C., 19 anos, solteira, branca, Igreja Batista, Belo Horizonte

Figura 9. Frentes de lutas por direitos das mulheres, segundo as entrevistadas



Fonte: Elaboração com uso de ATLAS.ti.

Embora as evangélicas apontem que as desigualdades entre homens e mulheres se dão em diversas dimensões da vida social, cerca de 70% delas não se veem como feministas, pois, apesar de coadunarem com os esforços em busca de direitos, questionam a legitimidade das pautas reivindicadas pelo movimento. Na visão das entrevistadas, o feminismo é homogêneo na luta principalmente pela liberdade do corpo e autonomia das mulheres; algumas participantes contrapuseram liberdade e submissão e afirmaram se tratar de mulheres querendo ser melhores do que homens. Segundo elas, o feminismo também incitaria as pessoas a não cuidarem da higiene pessoal e não se depilarem (menção que apareceu mais de uma vez nas narrativas). Apenas uma participante classificou o feminismo pejorativamente de "ideologia". O incômodo das religiosas era uniforme sobretudo em relação ao aborto e à liberdade sexual, seguido do desvirtuamento dos objetivos iniciais do movimento. Várias alegaram que não conhecem o feminismo em profundidade e acham confusas as proposições que a ele associam.
Abaixo, duas falas ilustram os pensamentos das mulheres da amostra.

> Ah, é muito complicado, porque se fosse olhar o feminismo, né, da mulher ser independente, da mulher poder trabalhar, isso tudo bem, a mulher ser feminina, a mulher... Agora, eu queria dizer que a mulher não precisa do homem pra nada, né, que a mulher por si só é autossuficiente, que os homens não prestam. A pessoa esqueceu que ela tem um pai, que ela tem um tio, que ela tem um avô, então eles também não prestam. Então, assim, tem umas que abortam quando tá grávida de meninos. Então, pra mim, começa a virar uma doença mental. Eu acho que a pessoa pode querer que as mulheres... Mas a mulher, ela é ajudadora do homem, né? Tem mulheres que falam assim, mas eu nunca vou ser submissa, que não sei o quê. A pessoa não entendeu o que é submissão, né? Submissão não é o homem pisar em você. É você estar junto, lado a lado, na missão do homem. E a mulher, ela tem que entender que se o homem, ele é um

homem de Deus, ele vai ter que ser protetor, ele vai ter que dar a vida dele pela mulher. Então, a missão do homem é muito mais difícil que da mulher. A da mulher é respeitar o marido. E do homem é amar, como Cristo amou a igreja. O papel do homem é muito mais difícil. Aí, a mulher quer submeter o homem a nada. Então, eu sou totalmente contra.
K., 47 anos, casada, branca, Igreja Batista, Belo Horizonte

Eu não concordo muito com esses ismos, sabe? Feminismo, machismo etc. Eu acho que não dá para levantar bandeira, ah gente, eu sou muita coisa, então, assim, não dá para eu falar só sobre o feminismo, e às vezes eu acho que fica até um pouco apelativo as propostas, porque a gente não precisa, para combater o machismo, vir com o feminismo e mostrar essa agressividade, essa coisa, essa imposição às vezes até exagerada, eu acho que tudo precisa de diálogo, dá para a gente conversar, dá para a gente se entender, entendendo as diferenças, mas se colocando, eu acredito que a gente precisa sim de autenticidade, eu acredito que a gente precisa sim de se colocar mais à frente, que nós temos os nossos direitos e precisamos lutar por eles. Mas esse precisar lutar, não precisa estar associado a um feminismo exagerado, onde, então, eu não vou nem raspar debaixo do braço para mostrar que, não, gente, eu posso raspar, eu gosto de raspar debaixo do braço, eu gosto até de higiene. Então, assim, são vários detalhezinhos que eu não concordo. Assim como numa religião também, porque eu sou cristã, que eu concordo com tudo que a igreja evangélica fala. Então, para mim, tudo que é generalizado demais, perde um pouco.
R., 35 anos, casada, preta, Igreja Assembleia de Deus, Belo Horizonte

Aproximadamente 30% das religiosas, por sua vez, pensam ser possível conciliar Cristianismo e feminismo, sem "extremismos" (termo que apareceu algumas vezes nas entrevistas), pois o movimento trouxe e continuaria trazendo a valorização das mulheres e a luta por condições de igualmente entre elas e os homens. Na perspectiva dessas participantes, a aproximação das igrejas com o feminismo ajudaria a romper com as disparidades produzidas pelo machismo, conforme indicam os relatos a seguir.

> Eu acho que ele [feminismo] ajuda e é completamente aceitável quando ele faz a mulher entender o poder dela na sociedade como mãe, como companheira, mas também como mulher que trabalha, que busca seus conhecimentos, que tem suas vontades, que tem seus direitos. Então, eu acho que nessa hora, nesse momento, o feminismo ele é ok. A mulher que, na doutrina da igreja que ela vive, pode se arrumar, pode escolher a cor de cabelo que ela quer, o corte de cabelo, pegar o carro dela e dirigir sozinha pra buscar o companheiro, pra encontrar o companheiro. Só votar. São coisas simples que hoje a gente vive uma geração que, graças a Deus, a gente tem que agradecer a evolução, porque nossas tataravós e bisavós lá atrás não viveram nessa liberdade.
> *J., 33 anos, casada, parda, Igreja Batista, Salvador*

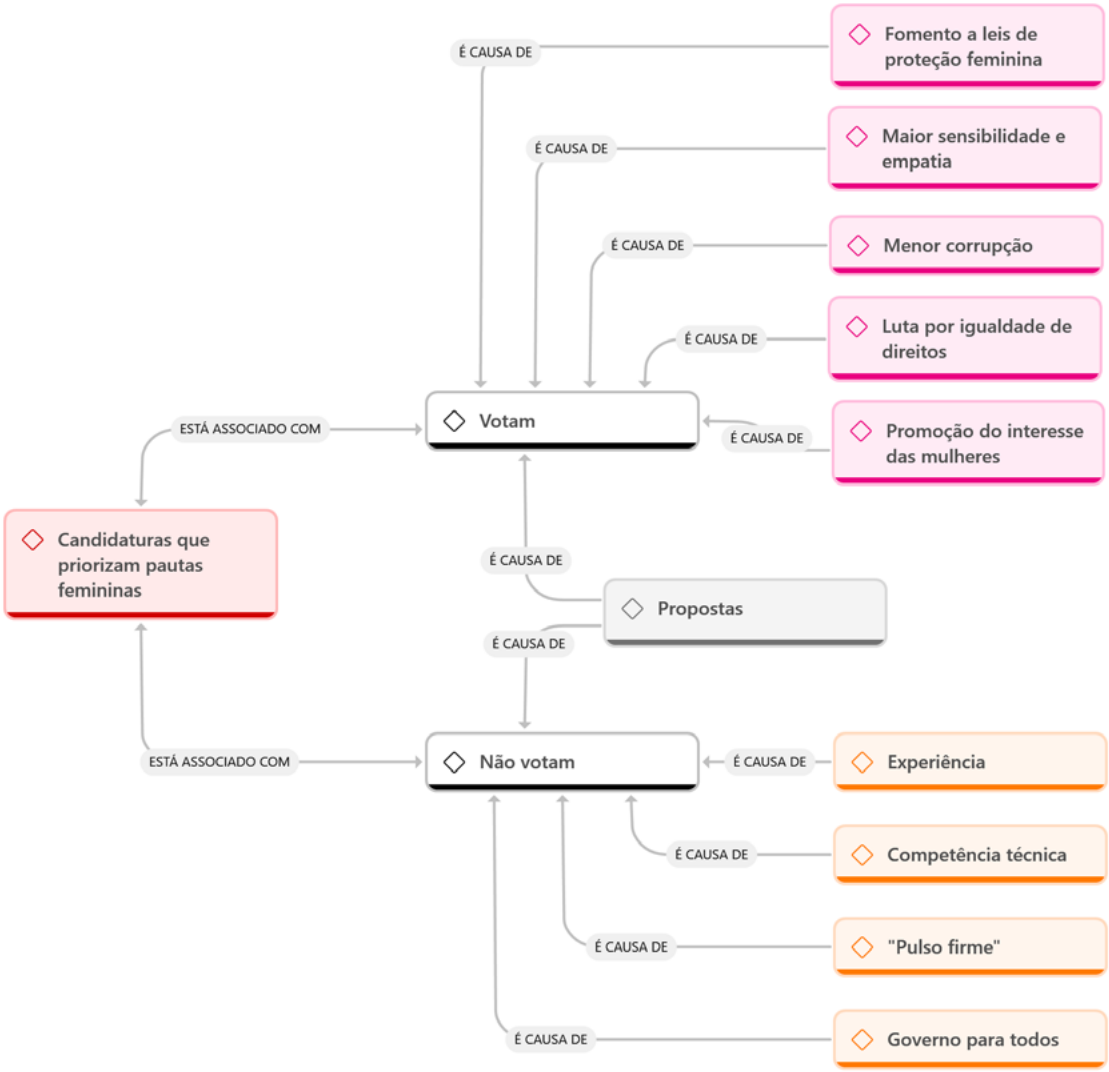
> Muitos esforços que antigamente a mulher não tinha como alcançar, hoje ela já alcança. A gente ainda não está igual aos homens, mas a gente está ali caminhando para isso. A gente vê hoje muita mulher governando, a gente vê muita mulher sendo eleita vereadora, a gente vê muita mulher sendo eleita dentro da própria política mesmo, no patamar um pouco mais elevado. É difícil, é, mas a gente está trabalhando para alcançar, a gente só não pode desistir. Eu lembro que ouvi uma vez uma frase, foi até do Bolsonaro, que falava que ele não empregaria

mulheres com o mesmo salário. Eu achei aquilo ali fora do comum, sabe? Porque o que tem de mulher competente, e às vezes muito mais do que homens ainda, a gente ouvir de uma pessoa assim, falar, meio que menosprezando a competência de uma mulher, foi bem triste. Mas a gente está trabalhando para isso, para ser melhor naquilo que a gente faz, e aprovando mesmo dia após dia.
L., 38 anos, solteira, preta, Igreja Batista, Belo Horizonte

Eu acho que feminismo é perante a igualdade de desenvolvimento, ter essa igualdade perante ao homem, mas eu vejo que hoje em dia o feminismo acabou virando, de certa forma, uma baderna perante aos direitos que as mulheres vêm conquistando ao longo do tempo e vêm lutando e lutado, né? Mas vejo que as mulheres na igreja podem ser feministas, mesmo que deixem, de certa forma, envergonhadas.
J., 24 anos, solteira, branca, Igreja Batista, São Paulo

Essa ambivalência que caracteriza boa parte do modo como as evangélicas pesquisadas lidam com o feminismo também pode ser observada no costume de escolher candidatos que priorizam pautas femininas. Aproximadamente metade disse que votaria, e a outra metade, afirmou que não. A rede a seguir (figura 10) apresenta as razões elencadas por elas, mas cumpre frisar, como demonstrado na seção "Comportamento eleitoral e os determinantes do voto evangélico", que houve maior ênfase nas propostas. No geral, as religiosas parecem inclinadas a considerar as candidaturas de mulheres ou optar por elas, mas não se trata de um compromisso de gênero; elas submetem essa identidade ao conteúdo das promessas que são feitas.

Figura 10. Razões do voto em candidaturas que priorizam as mulheres, segundo as entrevistadas



Fonte: Elaboração com uso de ATLAS.ti.

6. Uso das mídias e perspectivas de futuro

Considerando que uma das principais formas de circulação da informação nos dias de hoje se dá pelo acesso às mídias consolidadas (como rádio e televisão) e às redes sociais digitais diversas, um dos blocos da pesquisa se destinou a descortinar o modo como as evangélicas utilizam os aparatos comunicacionais. Instagram foi a plataforma mais citada (36 vezes), seguido de WhatsApp, com 27 menções. YouTube apareceu em 16 falas, acompanhado pelo Facebook, com 15. Telegram foi lembrado por apenas uma pessoa. Surpreendentemente, TikTok foi registrado apenas oito vezes, número não esperado tendo em vista a incidência de jovens na amostra. Não é possível afirmar que as participantes não o utilizem, mas ele quase não constou como a rede preferencial delas. O Twitter (atual X) foi citado quatro vezes.

Nove entrevistadas disseram fazer uso do rádio, todas elas para ouvir músicas, sobretudo religiosas. Outro streaming de reprodução sonora, Spotify foi apontado por quatro mulheres. Embora a pesquisa não tivesse uma pergunta específica sobre o uso da televisão, o gosto por assistir a filmes e novelas bíblicas ficou evidenciado de modo importante: 23 mulheres disseram ter esse hábito. Algumas mulheres, ao responderem sobre a maneira como se informavam acerca das eleições, mencionaram acompanhar os debates durante o período de campanhas. Netflix foi mencionado somente uma vez.

O acesso a grupos da igreja (e outros diversos, como os organizados no WhatsApp), a possibilidade de ouvir músicas (louvor) e assistir a cultos e pregações são o que mais interessa às participantes nas mídias diversas. Nesse sentido, elas declararam seguir cantores, pastores, missionários e outras figuras públicas nas redes sociais digitais. Não houve concentração em certos nomes; ao contrário, a pessoa mais citada – a cantora Bruna Karla – apareceu apenas três vezes. Na lista dos religiosos apontados pelas entrevistadas se incluem: Aline Barros, André Fernandes, André Valadão, Bruna Karla, Bruno Leonardo, Caio Fábio, Camila Barros, cantor

Jefferson, cantora Suellen, Cláudio Duarte, Cris Barros, Deive Leonardo, Diego Francis, Edir Macedo, Elaine Martins, família Valadão, Fernandinho, Gabriela Rocha, Isadora Pompeo, Júnior Trovão, Marcos Santos, missionária Carol Leite, missionária Ray, Nikolas Ferreira, padre Fábio de Melo, padre Marcelo, pastor Lucinho e Paula Gomes.

Vinte e duas mulheres disseram seguir políticos nas redes sociais, e, nesse caso, houve uma concentração em Bolsonaro, Lula e Nikolas Ferreira. Cabe dizer que o quantitativo dos nomes citados nessa resposta foi significativamente menor em comparação ao das figuras religiosas.

Pelo menos oito respondentes afirmaram usar as redes sociais digitais o dia todo. Treze explicaram se concentrarem nas horas em que os filhos estão na escola e principalmente à noite (incluindo o tempo que gastam no trajeto de volta do trabalho). Pela manhã e no horário do almoço foram opções de cinco e três entrevistadas, respectivamente. Quatro relataram fazer uso de forma intermitente ou com menos intensidade que as demais. Trinta e quatro registraram utilizar as redes para compartilhamento de conteúdo religioso, a saber, orações, versículos e estudos bíblicos, músicas e programações das igrejas. O número daquelas que compartilham conteúdo político é praticamente idêntico ao das que responderam não terem esse hábito: nove e dez, respectivamente. As que divulgam mostraram que o fazem de maneira mais concentrada no período eleitoral; as que não, argumentaram tanto que o voto é pessoal quanto que temiam repassar informações equivocadas. Pelo menos dez entrevistadas declararam ter recebido vídeos no WhatsApp durante as eleições de 2022. Cerca da metade afirmava ter ciência de que muitos eram fake news. Duas mulheres disseram repassar eventualmente, e seis afirmaram dar continuidade à circulação de tal conteúdo, das quais quatro informaram fazer antes uma checagem sobre a veracidade do material (como já sinalizado no tópico “Comportamento eleitoral e determinantes do voto evangélico”).

Projeções e sonhos

As entrevistadas são bastante homogêneas em relação a como enxergam o modo como os recursos públicos deveriam ser administrados. Vinte e quatro mulheres disseram que os investimentos do país precisam ser em saúde e educação, 11 mencionaram segurança, e cinco consideraram a moradia uma prioridade. Urbanização, alimentação, emprego e assistência apareceram de modo residual. Triangulando-se com os dados anteriores, isso não significa que elas não se preocupem com tais dimensões, mas que elegem educação, saúde e segurança como focos preferenciais de gastos do dinheiro público quando espontaneamente respondem sobre o destino das verbas.

A cultura não apareceu como prioridade em nenhum dos relatos, salvo quando as mulheres foram indagadas especificamente a esse respeito. Dezoito consideraram uma área muito relevante, enfatizando o oferecimento de esportes e lazer e a possibilidade de promoção de saúde mental e combate às drogas. Ainda assim, certas participantes fizeram críticas, algumas reduzindo o aporte destinado à cultura ao fomento de shows. Chegaram a argumentar que os valores exorbitantes empenhados eram voltados a favorecer cantores já enriquecidos, enquanto há artistas menores que não recebem incentivos. O excerto abaixo ilustra essa perspectiva.

> Eu acho importante, mas eu acho que tem muitas outras prioridades. Não adianta tirar da saúde, tirar da educação, pra fazer ali uma horinha, duas horinhas de show, gastar uma fortuna como se gasta, né? Então, é tipo como se fosse circo e pão e água. [...] É importante? Sim. Faz parte da cultura, da educação. A cultura não deixa de ser parte da educação. Mas tem outras prioridades. Se tiver condições de não tirar... de outras áreas para fazer isso, tudo bem. Agora, tirar de outras áreas para estar cobrindo

a educação, fazendo show, pagando esses cachês enormes que nem se paga, é um absurdo. Isso eu não concordo.
S., 53 anos, casada, branca, Igreja Congregação Cristã no Brasil, São Paulo

Ante perguntas sobre os sonhos para si e para o Brasil, foi muito comum nas falas das entrevistadas as expressões: "um país melhor", "um país desenvolvido", "uma vida digna" (muitas vezes, mencionava-se "para todos"), "um futuro melhor para meus filhos". Vale destacar que as ambições pessoais orbitavam sobretudo em torno de condições materiais mais favoráveis, incluindo formação superior, sucesso profissional e aquisição de bens. Isso pode ser fruto da prevalência de mulheres jovens na amostra (56% delas tinha até 33 anos). Algumas disseram que gostariam de morar fora do Brasil. O leque de desejos e expectativas para o país é imenso, qualificador das expressões supracitadas e exposto na rede semântica abaixo, e acompanha o dos sonhos pessoais (figuras 11 e 12). Contudo, alguns excertos serão expostos antes a fim de ilustrar parcialmente os pontos de vista.

Ah, eu queria um Brasil maravilhoso para nós todos, com trabalho, todo mundo trabalhando, todo mundo, pelo menos, dando para viver bem, que não é o que está acontecendo. Mas, quem sabe um dia. [...] Pelo menos ter comida na mesa, né? Todo mundo, porque muita gente não tem, não. Então, que pelo menos o Brasil melhore pra poder essas pessoas ter pelo menos o que comer, né? Todos os dias. Ter pelo menos suas três refeições diárias, né? Isso seria ótimo, né?
A., 45 anos, solteira, parda, Igreja Avivamento em Cristo, Salvador

O sonho da gente é que toda pessoa tem comida, tem onde morar, que não mora na rua, que tem um banho quente, que tem uma cama para dormir, que todas as crianças não

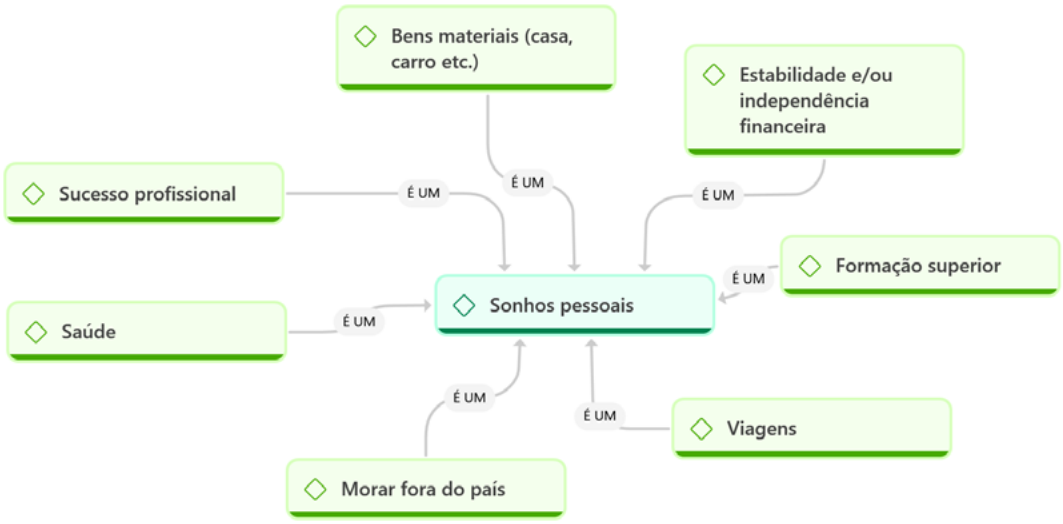
sentem fome. E para essas crianças que têm um lar, que sejam amadas, que para sermos adultos do bem, né, pessoas honestas, pessoas trabalhadoras, pessoas que vão querer o bem do outro, porque muitas hoje em dia, muitos bandidos, porque teve uma infância muito, não justificando, né, mas veio de um lar destruído, viu os pais brigando, batendo, então, isso já gerou um trauma na criança, né, então, a criança, então, assim, ter, né, ensinar, enfim, cuidado emocional, né, das pessoas, pra eles serem bons pais, né?.
K., 47 anos, casada, branca, Igreja Batista, Belo Horizonte

Pra mim, é... mais importante é ter saúde, que o resto a gente vai correndo atrás, que nunca falte o alimento, para mim nem para ninguém, e para o Brasil eu gostaria que ele fosse um país de primeiro mundo, que eu acho que o país é lindo, é um país lindo, é rico, os brasileiros são criativos, são pessoas que são solidárias, então, acho que tem tudo para crescer, é só diminuir a corrupção [...] porque é um país maravilhoso.
S., 53 anos, casada, branca, Igreja Congregação Cristã no Brasil, São Paulo

Meu sonho no Brasil é acabar a desigualdade social. É o meu sonho alcançado, acho que de todo cidadão brasileiro. Que todos tivessem o direito a tudo. A moradia, a educação, a lazer, a transporte. Então, essa desigualdade social acabasse. Sei como já diz, né? Sonho. Sonho é algo que está bem assim, um pouco fora da realidade. Mas, seria, acho que de todo brasileiro, sonhar com isso. De alguém poder ter poder de compra, não passasse fome, tivesse um emprego, subsídio para ter o seu ganho, então a desigualdade social.
D., 49 anos, casada, parda, Igreja Primitiva Atos dos Apóstolos, Salvador

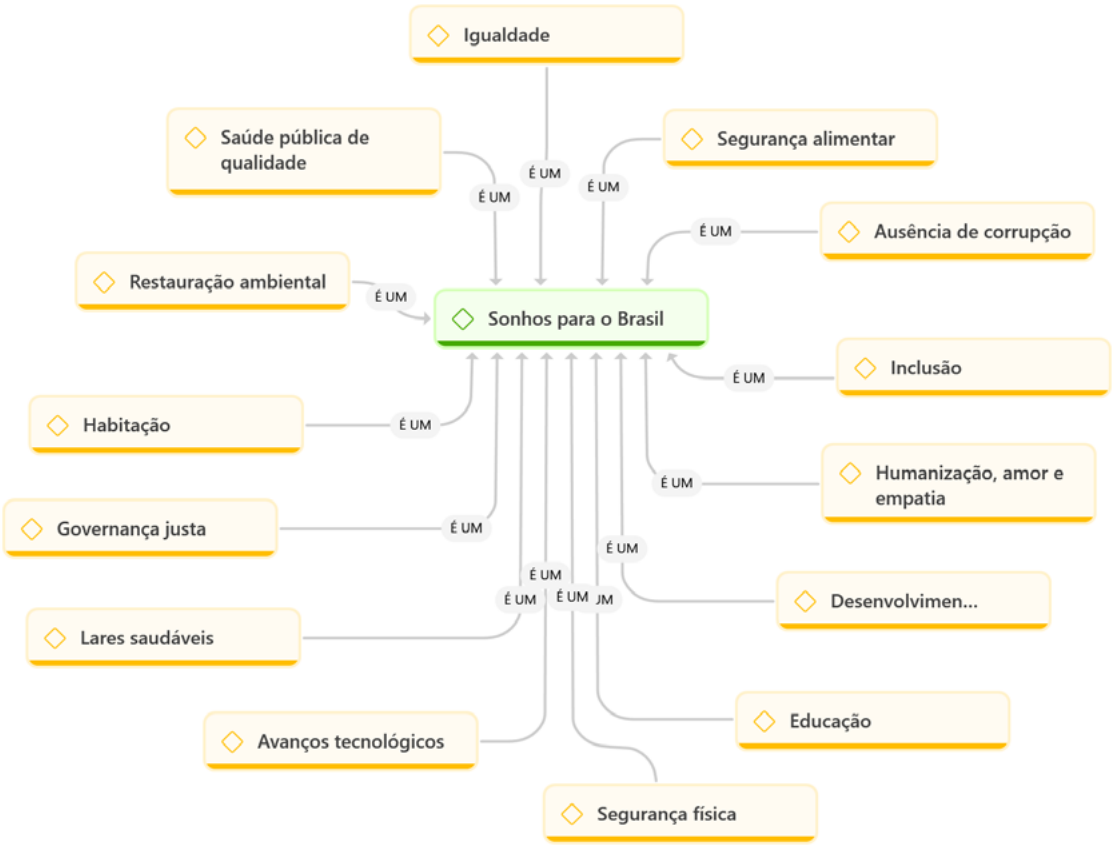
Eu tenho um sonho com o mundo melhor, um sonho com que as coisas sejam melhores. Porque eu quero ver meus filhos, minhas filhas crescerem, meus filhos são adultos, é lógico. Quero ver meus netos, ter uma vida melhor, uma casa, poder sonhar, trabalhar, um trabalho digno, a dignidade, porque a gente tem que ter a dignidade de correr atrás do emprego melhor, de ter condições de faculdade abertas, sei lá, eu posso ter um curso ali, eu posso me preparar. Então, a dignidade, e direitos igualitários para todos.
R., 52 anos, casada, preta, Igreja Batista, Belo Horizonte

Figura 11. Sonhos pessoais, segundo as entrevistadas



Fonte: Elaboração com uso de ATLAS.ti.

Figura 12. Sonhos para o Brasil, segundo as entrevistadas

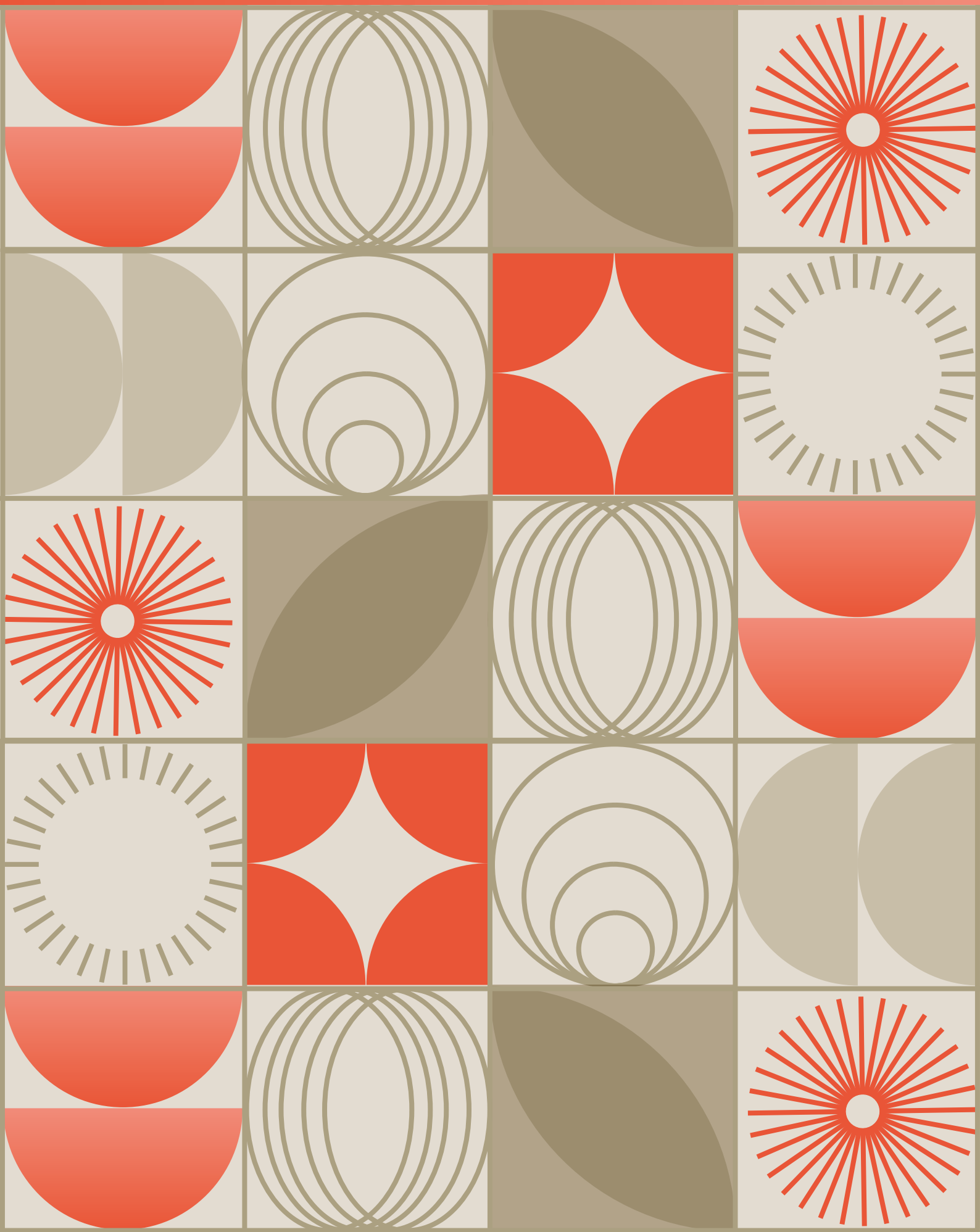


Fonte: Elaboração com uso de ATLAS.ti.

É digna de destaque a ausência – houve uma única menção – de aspectos religiosos nos sonhos elencados pelas entrevistadas. Uma participante relatou querer ter mais intimidade com Deus. Ninguém fez referência a um Brasil evangélico. A figura do diabo e seu séquito de demônios tampouco foi enfatizada. Ao que parece, a racionalidade espiritual é importante, mas nem sempre é evocada, pois as mulheres lidam com necessidades que também as fazem se mover em direção a outros mecanismos interpretativos da realidade.

As falas das respondentes apresentaram apelo à igualdade social (no sentido de condições equivalentes de existência) e à diversidade (compreendida como inclusão de pessoas deficientes e um padrão de relação sem acepção de classe, raça ou gênero). As entrevistadas se mostraram, assim, sensíveis às diferenças e a certas reivindicações das minorias, mas utilizaram esse subterfúgio para justificar que não são obrigadas a concordar com determinadas pautas, como a do direito ao aborto. Questionadas se a opinião da maioria deve prevalecer sobre a da minoria, houve uma divisão quase exata entre as que concordam e as que se disseram contrárias. Algumas destacaram que nem sempre é possível o debate para a produção de consenso, e, com isso, é natural que a vontade da maioria prevaleça, como esperado em democracias. Outras justificaram que o conteúdo do desejo da maioria precisa passar por escrutínio e que ninguém deve ser obrigado a pensar da mesma forma que os demais. Em nenhum momento, se mencionou a noção de liberdade religiosa, mas ficou implícito que o incômodo das mulheres da pesquisa é, na verdade, com a resistência de grupos e atores sociais ao conservadorismo, que parece continuar sendo uma moeda sagrada.

Referências bibliográficas

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Acesso em: 24/08/2024.

FERNANDES, Rubem César et al. Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad,1998